

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**Educação para Todos em Cabo Verde:  
o contributo da biblioteca escolar.  
O caso da Escola Secundária da Ilha da Boa Vista**

Helena Margarida Casal Duarte

Lisboa, 2020



**Educação para Todos em Cabo Verde:  
o contributo da biblioteca escolar.  
O caso da Escola Secundária da Ilha da Boa Vista**

Helena Margarida Casal Duarte

Dissertação de mestrado em Gestão da Informação e Bibliotecas  
Escolares

Orientadora: Doutora Gloria Bastos

## AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares: aos meus filhos pela paciência, aos meus pais pela insistência, ao irmão pela motivação;

Professora Doutora Glória Bastos, Coordenadora do MGIBE da Universidade Aberta e minha orientadora, pelo apoio incondicional;

Colegas do MGIBE que me incentivaram incansavelmente: Ana Eustáquio e Ana Jorge;

Prof. Dr. Cláudio Furtado, professor na Universidade de Cabo Verde, Praia.

Aos meus alunos que intervieram ativamente no Programa Rota dos Livros;

A todos os professores da Escola Secundária da Boa Vista, que colaboraram neste processo, em especial:

Engenheiro Derys Rodrigues, Licenciado em Engenharia Civil pela UNICV Mindelo e professor de Matemática e Físico-Química na ESBV.

Prof<sup>a</sup>. Evanilda do Rosário, Licenciada em História pela UNIMINDELO, São Vicente e Secretária da Direção da ESBV no ano letivo 2017-18;

Prof<sup>a</sup>. Fátima dos Santos Mandjam, Mestre em Engenharia e Gestão de Sistemas de Informação, pela Universidade do Minho e professora de Informática da ESBV.

Prof<sup>a</sup> Missilde Solange Fonseca, Licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas, Estudos Ingleses, na vertente de ensino, pela Universidade de Cabo Verde e Coordenadora do 5º ano do Ensino Básico Obrigatório na Escola Básica e Secundária da Boa Vista, em 2017-18;

Direção da Escola Secundária da Boa Vista;

Prof<sup>a</sup> Risandra Gabriel, Delegada do Ministério da Educação do Concelho da Boa Vista, República de Cabo Verde;

Prof. Joaquim Moedas Duarte, Mestre em Estudos do Património, pela Universidade Aberta.

Prof<sup>a</sup>. Manuela Catarino, Mestre em História Medieval, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

Ana Rial, Coordenadora do Programa Rota dos Livros;

Diretor da Escola Secundária de Alexandre Herculano, professora Maria Pereira e alunos de Humanísticas: 2016-2019;

Câmara Municipal da Boa Vista;

Câmara Municipal do Porto;

Biblioteca Municipal do Porto;

## **RESUMO**

Este trabalho é o resultado de uma aventura que teve início aquando da identificação de um problema: a existência do espaço de uma Biblioteca ao abandono, que provocava o descontentamento de uma inteira comunidade educativa. Na linha mais positivista do pensamento humano, problemas são desafios e esse foi o ponto de viragem no destino da Biblioteca onde decidimos intervir.

No percurso investigativo que construímos, abordamos inicialmente um conjunto de elementos que enquadram a problemática, nomeadamente o papel e a importância da biblioteca escolar e aspetos relacionados com os desafios educativos de um jovem país como Cabo Verde.

No estudo empírico apresentamos os procedimentos seguidos para o percurso de transformação da biblioteca: análise da situação da biblioteca (análise SWOT) e propostas de melhoria, aplicação de um questionário aos professores e desenvolvimento de algumas atividades de promoção da biblioteca.

Os dados recolhidos mostram que a mudança necessária para termos uma Biblioteca Escolar, no liceu em estudo, está ao alcance de uma estreita colaboração entre a direção, o corpo docente e os parceiros adequados.

Palavras-chave: Biblioteca Escolar, Cabo Verde, Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

## **ABSTRACT**

This work is the result of an adventure that began when a problem was identified: the existence of an abandoned Library space, which caused the discontent of an entire educational community. In the most positivist line of human thought, problems are challenges and this was the turning point in the destiny of the Library where we decided to intervene.

In the investigative path we have built, we initially approached a set of elements that fit the problem, namely the role and importance of the school library and aspects related to the educational challenges of a young country like Cape Verde.

In the empirical study, we present the procedures followed for the library transformation path: analysis of the library situation (SWOT analysis) and proposals for improvement, application of a questionnaire to teachers and development of some activities to promote the library.

The data collected shows that the necessary change to have a School Library, in the high school under study, is within reach of a close collaboration between the direction, the faculty and the appropriate partners.

Keywords: School Library, Cape Verde, Sustainable Development Goals

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b>	1
<b>PARTE I – ENQUADRAMENTO.</b>	5
<b>1. Os desafios da Educação na Sociedade Atual.</b>	6
1.1. A Educação é realmente para todos?	6
1.2. Como verificar o cumprimento das Diretrizes da Educação Para Todos?	7
1.3. Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.	10
<b>2. O papel das Bibliotecas na Educação.</b>	13
2.1. Como uma Biblioteca pode ajudar a atingir os Objetivos do milénio?	14
2.2. As Bibliotecas em Cabo Verde – breve contextualização.	18
2.2.1. Notícias sobre Bibliotecas em Cabo Verde.	19
2.3. O Papel do Professor Bibliotecário no contexto de escola.	22
2.4. O PB e o trabalho Colaborativo.	26
2.4.1. O trabalho Cooperativo.	27
2.4.2. O trabalho Colaborativo.	30
2.4.3. Conclusões sobre os termos Cooperação e Colaboração.	33
<b>3. Breve perspetiva da Educação em Cabo Verde.</b>	35
3.1. O ensino no período colonial.	35
3.2. O ensino liceal ou secundário em Cabo Verde.	43
3.3. O ensino no período pós-independência.	44
<b>PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO</b>	49
<b>1. Apresentação do estudo empírico.</b>	50
<b>2. Aspetos Metodológicos.</b>	51
2.1. Caracterização do tipo de estudo.	51
<b>3. Contexto de estudo.</b>	54
3.1. Contextualização histórica da ilha da Boa Vista.	54
3.2. Caracterização da ilha da Boa Vista.	58
3.3. Caracterização da Escola Secundária da Boa Vista.	62
3.3.1. Descrição física da escola.	62
3.3.2. Missão e símbolos.	63
3.3.3. Contexto histórico da ESBV.	64

3.3.3.1. O nome da escola.	66
3.3.4. Organização administrativa e didático-pedagógica.	67
3.3.5. Caracterização do perfil dos professores.	69
3.3.6. Caracterização do perfil dos alunos.	70
3.4. Caracterização da Biblioteca da Escola.	71
3.4.1. O funcionamento da Biblioteca ao longo da sua existência.	72
3.4.2. O espaço exterior da Biblioteca.	73
3.4.3. O espaço interior da Biblioteca.	74
<b>4. Apresentação e análise dos resultados</b>	<b>75</b>
4.1. Análise da Biblioteca Escolar	75
4.1.1. Avaliação da Coleção da Biblioteca.	75
4.1.2. Análise SWOT da Biblioteca da ESBV	79
4.2. Análise do questionário aos professores.	84
4.2.1. Caracterização dos respondentes.	85
4.2.2. Gestão e Organização da Biblioteca.	89
4.2.3. Dinamização da Biblioteca Escolar.	97
<b>5. Apresentação das atividades realizadas na Escola.</b>	<b>106</b>
5.1. Sessão de apresentação dos resultados dos questionários aos professores.	106
5.1.1. Proposta de organização do espaço da Biblioteca aos professores.	108
5.2. O Programa Rota dos Livros.	111
5.3. A Feira do Livro Usado.	116
5.4. A Organização provisória da Biblioteca.	116
<b>CONCLUSÕES</b>	<b>117</b>
<b>SUGESTÕES</b>	<b>120</b>
<b>RECOMENDAÇÕES</b>	<b>122</b>
<b>BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA</b>	<b>123</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>131</b>

## ÍNDICE DE QUADROS, FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Tipos de Cooperação, baseado em Katzenbach & Smith et al., 1993 apud Thurler, 1996, p. 154.....	29
Quadro 2: <u>Librarians and teachers: Levels of Collaboration, Washington State Library (2002).</u> Fonte: <a href="http://elearning.uab.pt/mod/page/view.php?id=270845">http://elearning.uab.pt/mod/page/view.php?id=270845</a> [consultado a 20 de janeiro de 2017]. .....	33
Quadro 3: A construção do <i>design</i> da investigação. Fonte: elaboração da nossa responsabilidade, baseada em Dobbert, 1982 apud Tuckman, 2012, p. 686.....	53
Quadro 4: Análise SWOT da BE da ESBV. Fonte: elaboração da nossa responsabilidade, com base nas informações recolhidas durante o ano letivo 2017/18.....	82
Figura 1: Imagem do Jornal da Noite. Fonte: TCV.....	20
Figura 2: Cooperação e Colaboração Fonte: <a href="https://fernandospimentel.blogspot.com/search/label/Mapa%20Conceitual">https://fernandospimentel.blogspot.com/search/label/Mapa%20Conceitual</a> .....	27
Figura 3: Dados estatísticos sobre professores no ano letivo 2016/17 Fonte: Ministério da Educação, in <a href="https://www.facebook.com/ine.caboverde.com">facebook.com/ine.caboverde.com</a> .....	47
Figura 4: População de Cabo Verde comparativamente à população mundial. Fonte: INE Cabo Verde).....	47
Figura 5: População da Boa Vista. Fonte: INE, 2016 .....	60
Figura 6: Dados sobre Educação na Boa Vista. Fonte: INE, 2016.....	60
Figura 7: Dados estatísticos sobre a Boa Vista. Fonte: INE Cabo Verde, 2018 .....	61
Figura 8: Logotipo da Escola Secundária. Fonte: direção da ESBV.....	63
Figura 9: Proposta de organização da Biblioteca. Fonte: Derys Rodrigues.....	109
Ilustração 1: Foto da casa da família Benholiel, antes do incêndio de 2001. Fonte: Correia, 2015, p. 166.....	57
Ilustração 2: Fachada do edifício recuperado depois de 2001. Atual Biblioteca Municipal e Escola de Música. Fonte: fotografia tirada por nós (2017). .....	57
Ilustração 3: Vista da entrada da ESBV até 2017. ....	62
Ilustração 4: Entrada da ESBV em 2018 .....	62
Ilustração 5: Vista aérea da ESBV durante as obras de ampliação (5ª fase).....	62
Ilustração 6: Foto do Diploma atribuído à Escola Padre Porfírio Pereira. Fonte: direção da ESBV. ....	66
Ilustração 7: Obras na ESBV (2016/17) Fonte: foto nossa. ....	73
Ilustração 8: Localização da Biblioteca da ESBV (assinalada com um ponto). Fonte: foto nossa. ....	73
Ilustração 9: Corredor de acesso à Biblioteca da ESBV. Fonte: foto nossa.....	73
Ilustração 10: Entrada da Biblioteca da ESBV (vista do exterior). Fonte: foto nossa.....	73
Ilustração 11: Entrada da Biblioteca da ESBV (vista do Interior). Fonte: foto nossa. ....	74
Ilustração 12: Interior da Biblioteca. Fonte: foto nossa. ....	74
Ilustração 13: Interior da Biblioteca. Fonte: foto nossa.....	74
Ilustração 14: Foto do Interior da Biblioteca, funcionando como sala de aula. Fonte: Foto nossa. ....	74
Ilustração 15: Jogo do Uril. Fonte: Centro de Competência entre mar e serra .....	110
Ilustração 16 e 17: Imagens da videoconferência entre a ESBV e a ESAH. Fonte: Facebook. ..	113
Ilustração 17: Foto da pintura mural do Programa Rota dos Livros .....	115

## ÍNDICE DE GRÁFICOS, ORGANIGRAMAS E TABELAS

Gráfico 1: Evolução da população da ilha da Boa Vista. Fonte: INE, 2016.....	59
Gráfico 2: Média de idade dos docentes da ESBV. Fonte: questionário realizado aos professores, v. em anexo .....	70
Gráfico 3: Distribuição de número de alunos por género e níveis de ensino. Fonte: Secretaria da ESBV.....	71
Gráfico 4: Caracterização dos docentes da ESBV por faixa etária. ....	86
Gráfico 5: Distribuição dos professores da ESBV por sexo. ....	86
Gráfico 6: Distribuição dos Professores da ESBV pelos níveis de ensino que leciona. ....	88
Gráfico 7: Distribuição dos professores pela longevidade da sua presença na ESBV.....	88
Gráfico 8: Motivos para o não funcionamento da Biblioteca, segundo os professores. ....	90
Gráfico 9: Tipos de materiais lúdicos que a biblioteca pode disponibilizar, segundo os professores.....	94
Gráfico 10: Horário de funcionamento da biblioteca, segundo os professores. ....	94
Gráfico 11: Funcionamento semanal da biblioteca, segundo os professores. ....	95
Gráfico 12: A implementação da Biblioteca, segundo os professores.....	96
Gráfico 13: Atividades lúdicas a serem disponibilizadas pela Biblioteca, segundo os professores. ....	97
Gráfico 14: Atividades didáticas a serem disponibilizadas na Biblioteca, segundo os professores .....	97
Gráfico 15: Disponibilidade dos professores da ESBV em fazer parte da equipa da Biblioteca. ....	99
Organigrama 1: Conselho Diretivo da ESBV. Fonte: Baseado na Lei de Bases do Sistema Educativo, 2010.....	67
Organigrama 2: Comissões da ESBV. Fonte: Baseado na Lei de Bases do Sistema Educativo, 2010.....	68
Organigrama 3: Conselho Pedagógico. Fonte: Baseado na Lei de Bases do Sistema Educativo, 2010.....	69
Tabela 1 Estatísticas do Ano Letivo 2016/17. Fonte: Ministério da Educação de Cabo Verde, 2017.....	46
Tabela 2 Evolução da População da Boa Vista (1940-2010). Fonte: Kasper, 1987, p. 52 .....	59
Tabela 3 : Distribuição dos professores pelas disciplinas. Fonte: Questionário aos Professores da ESBV.....	87
Tabela 4 : Questões sobre Gestão e Organização da Biblioteca da ESBV .....	89
Tabela 5 : Tipos de materiais de suporte escrito preferidos pelos docentes da ESBV .....	92
Tabela 6 : Atividades que os professores da ESBV gostariam de desenvolver com os alunos na BE.....	99

## **LISTA DE SIGLAS E ACRÓNIMOS**

AASL (American Association of School Librarians): Associação Americana de Professores Bibliotecários;

ALA (American Library Association): Associação das Bibliotecas Americanas;

ALIA (Australian Library and Information Association): Associação Australiana das Bibliotecas e Informações;

ASLA (Australian School Library Association): Associação Australiana de Bibliotecas Escolares;

ALV – Aprendizagem ao Longo da Vida;

BAD – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas;

BE - Biblioteca Escolar;

CEDAW – (Committee on the Elimination of Discrimination Against Women): Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres;

CDU – Classificação Decimal Universal;

CIPD – Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento;

DMEPT – Declaração Mundial sobre Educação para Todos;

DUDH – Declaração Universal dos Direitos Humanos;

EPT – Educação Para Todos;

ES - Ensino Secundário;

ESBV – Escola Secundária da Boa Vista;

IASL – (International Association of School Librarianship): Associação Internacional de Bibliotecas Escolares;

IC – Instituto Camões;

IFLA (International Federation of Library Associations): Federação Internacional de Associações de Bibliotecas;

IMC – Inquérito Multiobjectivo Contínuo;

INE – Instituto Nacional de Estatística;

IPAD – Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento;

LBSE - Lei de Bases do Sistema Educativo;

MCIC – Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas;

MEFIS – Ministério da Educação, Família e Inserção Social;

MGEPT – Monitoramento Global de Educação Para Todos;

MGIBE – Mestrado em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares

NEE – Necessidades Educativas Especiais;

ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável;

ONU – Organização das Nações Unidas;

PB – Professor Bibliotecário;

RBE – Rede de Bibliotecas Escolares;

TCV – Televisão Cabo-verdiana;

TIC – Tecnologias de Informação e Comunicação;

UAB – Universidade Aberta

UNESCO – (United Nations Educational Scientific and Cultural Organization):

Organização das Nações Unidas para a Educação Científica e Cultural;

UNFPA – (United Nations Population Fund): Fundo das Nações Unidas para Atividades Populacionais;

**“Think globally, act locally”** <sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Ver as referências à atribuição desta expressão em [https://en.wikipedia.org/wiki/Think\\_globally,\\_act\\_locally#cite\\_note-2](https://en.wikipedia.org/wiki/Think_globally,_act_locally#cite_note-2)

## **INTRODUÇÃO**

Esta dissertação tem como ponto de partida a recuperação de uma sala de uma escola em Cabo Verde, que já existia com a finalidade de ser a biblioteca da escola, mas por motivos que veremos não funcionava como tal.

Com esse pressuposto foi necessário munirmo-nos de conhecimentos prévios sobre como se organizam as Bibliotecas Escolares. Daí a importância da frequência do Mestrado em Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares. Permitiu-nos ter uma perceção de como em Portugal, em particular, mas noutros países também, surgiram as bibliotecas vocacionadas para os alunos e a aprendizagem e integradas, ou não, nas escolas.

O facto de o Mestrado ser ministrado à distância, permitiu-nos não só a permanência na escola, como também e, em simultâneo, dar início ao Projeto Educativo para o equipamento da Biblioteca que constitui o estudo de caso que apresentamos. Considerámos que o espaço da escola que tínhamos para recuperar foi o nosso "tubo de ensaio" para uma experiência que pretendia transformá-lo numa verdadeira Biblioteca.

O passo seguinte para o início desta aventura fascinante foi procurar estratégias que pudessem efetivamente fazer passar da teoria à prática todos os conhecimentos adquiridos durante o Curso.

Numa primeira fase foi necessário despertar a consciência dos professores, alunos e encarregados de educação para a problemática que tínhamos em estudo: recuperar a biblioteca da escola. A estratégia usada passou por apresentarmos a nossa intenção no seio dos professores da escola secundária onde se realizou esta experiência. Dizem que "o segredo é a alma do negócio", mas passou-se exatamente o contrário neste caso, onde verificámos que quantas mais pessoas tivessem conhecimento deste nosso intuito, mais apoios conseguiríamos.

Tratando-se de uma experiência e pela sua componente prática, sentimos necessidade de criar um ponto de partida que consistiu na elaboração de um questionário sobre a biblioteca da escola. Esse questionário serviu diferentes propósitos. Se, por um lado, nos permitiu avaliar os conhecimentos que os professores, tinham acerca da biblioteca, por outro lado despertou a consciência de muitos dos participantes para a problemática. Mais ainda, criou em muitos dos questionados a vontade de apoiar esta tarefa a que nos propusemos. A aplicação dos questionários na escola também gerou uma onda de apoio por parte de todos os elementos da direção, disponibilizando meios para a aplicação dos mesmos.

Posto isto, e uma vez que a evolução das novas Tecnologias de Informação tem sido acompanhada pelos nossos professores, foi-nos permitido aplicar os questionários *online*, e dessa forma tornar o seu preenchimento rápido e atrativo.

Este foi o primeiro grande passo para a mudança da nossa biblioteca: ter sido colocada na senda das questões a serem resolvidas na escola. Toda a comunidade escolar sentia a falta de uma biblioteca, mas era um problema que estava sem solução por falta de salas e de um Projeto da escola. É um lugar-comum dizer que tudo o que procuramos nos procura também, mas na verdade foi assim que nasceu o *Projeto Rota dos Livros* que permitiu equipar a nossa Biblioteca com um acervo adequado à faixa etária dos alunos que temos na escola a um custo praticamente nulo para a nossa instituição. Esse Programa, que será descrito, contou com o apoio de instituições portuguesas como: a Escola Secundária de Alexandre Herculano, a Câmara e a Biblioteca Municipal do Porto, motivadas por um grupo de estudantes e professores da referida escola.

Como base teórica para a elaboração deste trabalho, procurámos verificar em que medida uma Biblioteca Escolar pode influenciar a prossecução dos objetivos do milénio para a igualdade de oportunidades entre sexos, mas também como forma de diluir as diferenças sociais no contexto escolar. O trabalho desenvolvido permitiu ainda criar uma ponte entre duas culturas: a portuguesa e a cabo-verdiana, através da aplicação do *Programa Rota dos Livros* em torno da biblioteca escolar.

Apesar de Cabo Verde ser uma jovem República (fundada como nação apenas em 1975), pareceu-nos pertinente indagar um pouco sobre a origem e evolução do seu

sistema de ensino que se iniciou muito antes da independência, e, segundo alguns autores, logo após a descoberta e início da colonização. Foi assim tarefa nossa situar esta investigação no quadro da análise do sistema educativo de Cabo Verde.

O ensino nesta jovem República em muito se assemelha ao ensino português. Em ambos os países existe uma *Lei de Bases do Sistema Educativo* que suporta toda a estrutura educativa.

Como professora de Língua Portuguesa, em Cabo Verde, há quase 20 anos, primeiro como cooperante e depois como efetiva, diversas questões se têm levantado ao longo deste percurso profissional. De entre elas, destaca-se a igualdade de acesso e de permanência de todos os alunos nas escolas, a acessibilidade de informação em geral e de livros, em particular, bem como o nível de literacia que pretendemos para os nossos alunos. São questões que nos motivam à reflexão com o objetivo de encontrar respostas mais eficazes para os problemas existentes.

Cabo Verde, um dos mais jovens países do mundo, com apenas 44 anos, tem procurado resolver os desafios do ensino com os escassos meios económicos de que dispõe. Por esse motivo, qualquer proposta concreta destinada a melhorar a situação, deve ter em conta as condicionantes locais para que os recursos financeiros e humanos tenham a máxima rentabilidade.

A nossa investigação parte de um conjunto de perguntas orientadoras para o percurso investigativo que empreendemos:

- a. Uma Biblioteca Escolar pode contribuir para que a Educação seja realmente Para Todos?
- b. Uma BE pode auxiliar a escola a atingir os Objetivos do milénio?
- c. Que modelo organizativo deve ter a BE no contexto da Ilha da Boa Vista?

Concretizando estas perspetivas num contexto mais micro, vamos analisar o caso da Escola Secundária de Sal Rei, na Ilha da Boa Vista, que não tem uma Biblioteca Escolar organizada. Esta verificação é o nosso ponto de partida.

Parece-nos indubitável que uma Biblioteca Escolar seja um recurso indispensável para o sucesso escolar e, dessa forma, ajude a garantir a universalização do Ensino, quer para quem frequenta a instituição quer para a comunidade envolvente que pretenda alargar a sua escolaridade, formal ou informalmente.

Partindo deste contexto, propomo-nos:

1. Analisar as potencialidades das Bibliotecas Escolares no que respeita à garantia de Educação para Todos;
2. Apresentar um projeto de criação de uma Biblioteca Escolar para a Escola Secundária da Boa Vista.
3. Acompanhar o Projeto e verificar os ganhos concretizados.

Para este trabalho, que pretende demonstrar como uma BE pode contribuir para que a Educação seja para Todos, consideramos pertinente debruçarmo-nos sobre os objetivos do milénio preconizados pela UNESCO que constituem os desafios da Sociedade Atual. Também é nosso intento analisarmos alguns modelos de trabalho na BE, com a finalidade de construir um paradigma que se adequa ao que pretendemos implementar na escola em estudo. Ainda na parte teórica do nosso trabalho, apresentaremos um breve enquadramento histórico sobre a Educação em Cabo Verde

Em termos metodológicos, o presente estudo, por se tratar de uma Biblioteca Escolar ainda híbrida no sentido lato da palavra, apoiou-se nos procedimentos próprios a um estudo de caso. Recordamos que o “estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenómeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenómeno e o contexto não são claramente evidentes” (Yin, *apud Costa et aiil*, 2013, p. 50).

No final do trabalho apresentamos a síntese do percurso efetuado e um conjunto de reflexões que procuram apontar perspetivas de futuro face ao tema que foi tratado.

## **Parte I - Enquadramento**

---

## **1. Os desafios da Educação na Sociedade Atual**

A legislação sobre educação, em muitos países, tem vindo a acompanhar as questões políticas mundiais que pretendem atingir uma meta de igualdade de acesso e permanência nas escolas que não deixe ninguém para trás. Essa meta prevê diminuir o analfabetismo a nível planetário, mas também desenvolver competências linguísticas de leitura e compreensão que permitam que todo e qualquer ser humano, sem distinção, possa atingir esse objetivo.

A educação na sociedade atual conduz-nos a uma reflexão sobre diversos aspetos de que ela se reveste no mundo moderno: como evoluiu a Sociedade? Como se preparou a Educação para a Sociedade Moderna? Serão todas as sociedades modernas? Mais importante: como são as condições para a integração nas sociedades da atualidade? A integração de género é uma realidade em todos os países? Atualmente, a Educação será realmente Para Todos?

No *Relatório do UNFPA: «10 – Como Nosso Futuro depende de meninas nessa idade decisiva»* procura-se um desenvolvimento igualitário e inclusivo que não deixe ninguém para trás, através do estabelecimento dos 17 *Objetivos do Desenvolvimento Sustentável*, pela Organização das Nações Unidas. Desses objetivos, a Educação Inclusiva, Equitativa e de Qualidade e a promoção de oportunidades de Aprendizagem ao Longo da Vida para todos ocupa o quarto lugar, logo seguida da igualdade de género, no quinto lugar dos objetivos da ONU.

### **1.1. A Educação é realmente para todos?**

Esta interrogação desafia os sistemas educativos atuais a debruçarem-se sobre temas como o da inclusão, em particular de género, mas também de crianças com Necessidades Educativas Especiais (NEE) e, mais recentemente, sobre o tema do combate à iliteracia digital e do investimento em Aprendizagem ao Longo da Vida (ALV). Enquanto uma pequena percentagem da população, a dos ditos países industrializados,

se debate com esta problemática da exclusão digital, os países em vias de desenvolvimento procuram ainda combater as exclusões sociais, por pobreza, por diferença de género ou por terem crianças “diferentes” cujas políticas ainda as excluem do sistema educativo.

Neste capítulo efetuamos uma análise sobre a evolução da inclusão social feminina, desde a implementação do ensino aberto a todos os cidadãos. Será feito através da abordagem dos seguintes documentos: *Declaração Mundial dos Direitos Humanos*, (ONU, 1948); *Declaração Mundial sobre Educação Para Todos* (UNESCO, 1990), que inclui uma reflexão sobre as questões que se colocam à escolaridade do género feminino; *Relatório de Monitoramento Global de Educação Para Todos 2000-2015* (UNESCO, 2015) que permitirá verificar os resultados das políticas de inclusão feminina na escola, ao nível da escolaridade básica. *10: Como nosso futuro depende de meninas nessa idade decisiva* (UNFPA, 2016), a partir do qual será feita uma reflexão sobre a nova política de *empoderamento*<sup>2</sup> das meninas com 10 anos, que pretende modificar o panorama da exclusão das meninas no ensino básico.

## **1.2. Como verificar o cumprimento das diretrizes de Educação Para Todos?**

Conforme se referiu anteriormente, no final dos anos 40, a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (DUDH, 1948) defendeu a igualdade no direito à Educação, através do princípio: *Toda a pessoa tem direito à educação*, realidade que uma grande parte da população mundial ainda não conhece.

Entre 5 e 9 de março de 1990, reuniram-se em Jomtien, na Tailândia os participantes da *Conferência Mundial sobre Educação para Todos*, com a finalidade de aprovar um plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, daí tendo resultado a

---

<sup>2</sup> V. **empoderamento** (*empoderar + -mento*): ato ou efeito de dar ou adquirir poder ou mais poder. "empoderamento", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/empoderamento> [consultado em 28-10-2019].

*Declaração Mundial sobre Educação para Todos* (DMEPT, 1990). O preâmbulo desta Declaração aponta para uma realidade que persistia ainda nos anos finais do século XX: “mais de 100 milhões de crianças, das quais pelo menos 60 milhões são meninas, não têm acesso ao ensino primário: mais de 960 milhões de adultos – dois terços dos quais mulheres – são analfabetos”.

Os 10 objetivos da DMEPT estão explicitados no mesmo número de artigos, dos quais salientamos o Art.3 [que propõe] “universalizar o acesso à Educação e Promover a Equidade”, reforçando a ideia da igualdade ao acesso à Educação tornando-a Para Todos, quer sejam crianças, jovens ou adultos, do sexo masculino ou feminino. Nesse mesmo artigo, se refere a inclusão de populações “nómadas”, “trabalhadores migrantes”, “minorias étnicas raciais e linguísticas: os refugiados; os deslocados pela guerra”, reafirmando que a nenhum destes grupos deve ser vedado o direito ao acesso a oportunidades educacionais.

Setenta anos passados sobre a adoção da DUDH pela ONU, qual é o real estado das coisas? A Educação é realmente Para Todos? Quem ou que organismo pode regulamentar se é cumprido esse Direito Universal?

Na sequência desta perspetiva de que a Educação deve ser Para Todos, realizou-se no ano 2000, em Dakar no Senegal, o *Fórum Mundial de Educação*, onde 164 governos concordaram com o *Marco de Ação de Dakar, Educação para Todos*, que estabeleceu seis objetivos educacionais até 2015. Ambiciosos, os objetivos eram os seguintes:

- 1º Educação e cuidados na primeira infância;
- 2º Educação primária universal;
- 3º Habilidades para jovens e adultos;
- 4º Alfabetização de adultos;
- 5º Paridade e igualdade de género;
- 6º Qualidade da educação.

Com vista a verificar o cumprimento das diretrizes propostas por este documento, foi elaborado um *Relatório de Monitoramento Global de Educação Para Todos*, pela UNESCO (2015), que pretende dar conta dos progressos da aplicação das políticas

educacionais nos países envolvidos. O referido Relatório detetou diferentes realidades conforme análise que seguidamente será apresentada. Segundo Bokova<sup>3</sup> (2015), Diretora Geral da UNESCO (desde 2009), há muito mais para ser feito no sentido de “garantir uma educação de qualidade e aprendizagem ao longo da vida para todos”, como declara no prefácio do documento:

Muito progresso foi feito no mundo desde 2000 – mas ainda não chegamos onde pretendíamos. Apesar dos esforços empreendidos por governos, sociedade civil e comunidade internacional, o mundo não alcançou a Educação para Todos. O lado positivo é que o número de crianças e adolescentes fora da escola diminuiu quase pela metade desde 2000. Estima-se que 34 milhões de crianças a mais terão frequentado a escola em decorrência do progresso mais rápido desde Dakar. Muito progresso foi feito para alcançar a paridade de gênero, principalmente na educação primária, apesar de disparidades de gênero continuarem a existir em quase um terço dos países com dados disponíveis. (*ibidem*, p. 3)

Dos seis objetivos acima referidos, destaca-se o 5º, que dá conta da Paridade e Igualdade de gênero no ensino. O *Relatório* apresenta as seguintes constatações:

(...) no nível primário, estima-se que 69% dos países com dados disponíveis tenham alcançado a paridade de gênero até 2015. Houve progresso na diminuição de disparidades graves de gênero. Entre 1999 e 2012, o número de países com menos de 90 meninas para cada 100 meninos matriculadas na educação primária caiu de 33 para 16. Entre as crianças fora da escola, meninas têm probabilidade maior que meninos de nunca se matricularem na escola (48% contra 37%), enquanto meninos têm uma probabilidade maior de abandonar a escola (26% contra 20%). Uma vez matriculadas, as meninas têm mais chance de chegar às séries finais. Na África Subsaariana, as meninas mais pobres continuam a ser quem tem maior probabilidade de nunca se matricular na educação primária. (*ibidem*, p. 7)

Estas considerações continuam a ser preocupantes num mundo que se pretende igualitário socialmente e com equidade de gênero. No entanto, ressalva-se a persistência das meninas quando ingressam no ensino. Comparadas com os meninos, elas possuem menos probabilidades de desistência. Esta afirmação é tanto mais curiosa,

---

<sup>3</sup> Irina Georgieva Bokova, política búlgara, ex-militante comunista e deputada no parlamento búlgaro durante duas legislaturas. Estudou em Moscovo, no Instituto de Relações Internacionais, e na Universidade de Maryland, nos Estados Unidos. Em 22 de setembro de 2009, Bokova foi eleita diretora-geral da UNESCO, tornando-se na primeira mulher e a primeira representante da Europa Oriental a ocupar este cargo das Nações Unidas. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Irina\\_Bokova](https://pt.wikipedia.org/wiki/Irina_Bokova) [Consultado a 29 de fevereiro de 2020].

quanto mais considerarmos que os fatores de desistência escolar nas meninas são o casamento ou a gravidez precoce, muito comum em certas sociedades.

Tendo em conta esses fatores, destacamos uma das recomendações de um outro documento que prevê o *empoderamento* das meninas de 10 anos, como forma de garantir melhores condições de vida no seu futuro e de transformar o mundo num lugar melhor. Segundo esse documento, da UNFPA, “todos os países devem contar com políticas educacionais que permitam que meninas grávidas permaneçam na escola, e facilitem o seu retorno após o parto” (*ibidem*, p. 3). Um aspeto positivo do Relatório, que ora se analisa, é a previsão de que “quase dois terços dos países terão alcançado a paridade de género na educação primária até 2015” (Benavot<sup>4</sup>, 2015, p. 7). Das recomendações feitas por esse documento, é assinalável o investimento dos governos na formação de professoras, cuja presença pode diminuir os receios de alguns pais em enviarem as suas filhas para a escola, bem como, a garantia de programas que abranjam estratégias de género, utilizáveis nas salas de aula e a inclusão, no currículo, de questões de género e ensino de saúde, nomeadamente reprodutiva e sexual.

### **1.3. Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável**

Nesta abordagem, que apresenta uma perspetiva sobre a Educação Para Todos, com especial ênfase para a questão de equidade de género, refere-se as palavras de Osotimehin (2015)<sup>5</sup> sobre a *Nova Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável e seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável* que “buscam um desenvolvimento igualitário e inclusivo, que não deixe ninguém para trás”. Segundo este documento, as meninas que em 2015, tinham 10 anos, em 2030, terão 25 e serão as mulheres do futuro - esposas e mães. Ao investir hoje nestas jovens, em quinze anos a sociedade será mais igualitária.

---

<sup>4</sup> Aaron Benavot é um analista de políticas de educação global e diretor do Relatório Global de Monitoramento da Educação para Todos. Disponível em: [https://en.wikipedia.org/wiki/Aaron\\_Benavot](https://en.wikipedia.org/wiki/Aaron_Benavot) [Consultado a 29 de fevereiro de 2020].

<sup>5</sup> Dr. Babatunde Osotimehin, médico nigeriano, foi Ministro da Saúde e, em 2011, tornou-se diretor executivo do Fundo de População das Nações Unidas, ocupando o posto de subsecretário-geral das Nações Unidas, reconduzido em agosto de 2014 até sua morte em 2017. Disponível em: <https://www.unfpa.org/press/tribute-dr-babatunde-osotimehin> [Consultado a 29 de fevereiro de 2020].

Em 2030, as meninas que hoje têm 10 anos estarão com 25. Em 15 anos, como jovens e mulheres empoderadas, elas poderiam mudar o mundo. Mas não deveria ser necessário que elas o fizessem: o mundo é que deveria mudar para elas. Na Agenda 2030, praticamente todos os países concordaram em transformar o desenvolvimento com o propósito de incluir todas as pessoas e evitar a destruição do planeta. (p.3)

O documento apresenta as 17 ações essenciais cujo cumprimento pelos países beneficiará as meninas que tenham atualmente 10 anos. Dessas ações, destacam-se as que se relacionam com a Educação que prevê mudanças legislativas em alguns países, no sentido de proibir os casamentos antes dos 18 anos, fator para a não frequência escolar de muitas jovens. Quanto a ações para melhoria dos Serviços, os países devem oferecer Educação segura e de alta qualidade que apoie a igualdade de género. No que respeita às ações normativas que devem reger os países participantes, preconiza-se que se envolvam meninos e meninas e todas as pessoas próximas deles, no questionamento e mudança das normas discriminatórias de género. Desta forma, estarão a abolir o preconceito, meninas e meninos poderão frequentar escolas em todo o mundo e com isso gerar a mudança de mentalidade que se pretende atingir até 2030.

Conforme o que foi explanado neste estudo, a igualdade de acesso à educação e a igualdade de direitos não são apenas questões de mulheres, que afetam alguns países: elas atingem tanto homens como mulheres. Na luta contra a exclusão feminina no acesso à educação destacam-se duas mulheres, cujos percursos devem ser tomados como exemplos e levantados como bandeira mundial. Hauwa Ibrahim<sup>6</sup> foi a primeira mulher advogada nigeriana que se dedicou a defender a causa de mulheres excluídas por motivos sociais ou religiosos no seu país, tendo sido distinguida com o Prémio

---

<sup>6</sup> Advogada e professora nigeriana especialmente conhecida por ser pioneira na defesa de mulheres e meninas condenadas a apedrejamento em 12 estados do norte de Nigéria ao introduzir-se a partir de 1999, com o aumento do fundamentalismo islâmico, o aplicativo da sharia, a lei islâmica, em casos de acusação de adultério. Foi a primeira mulher advogada no norte de Nigéria no distrito de Yamaltu no Estado de Gombe<sup>[1]</sup> e conseguiu converter-se na primeira advogada defensora numa corte islâmica. Disponível em : [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hauwa\\_Ibrahim](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hauwa_Ibrahim) [Consultado a 29 de fevereiro de 2020].

Sakharov<sup>7</sup>, em 2005. Em 2013, Malala Yousafzai,<sup>8</sup> uma jovem paquistanesa, foi galardoada com este mesmo Prémio, tornando-se um símbolo mundial da luta pelo direito das raparigas à Educação, no seu país natal e no mundo inteiro, pois ela foi também a mais jovem mulher a receber o Prémio Nobel da Paz em 2014, com apenas 17 anos. Estes exemplos de mulheres que lutam pelo Direito à Educação devem estar sempre presentes, para que a Sociedade em que hoje vivemos, em qualquer parte do mundo, seja inclusiva, que não marginalize, nem subestime nenhum ser humano, por nenhum motivo.

Os países devem fazer cumprir os princípios propostos nas agendas dos encontros que promovem, onde são emitidos documentos que consignam medidas, que defendem direitos e perspetivam mudanças nas suas políticas, mas que por vezes não saem do papel. Os cidadãos devem estar atentos e intervir, nomeadamente nos países democráticos onde podem exercer o direito ao voto, do qual muitas vezes abdicam.

A Educação Para Todos é uma realidade em muitos países, uma utopia em outros tantos, o que não pode ser desanimador. É necessário continuar na senda da prossecução dos objetivos traçados, para se chegar a uma Sociedade mais justa e igualitária, onde questões de inclusão não tenham de ser impostas por lei.

---

<sup>7</sup> O **Prémio Sakharov para a Liberdade de Pensamento**, baptizado assim em honra do dissidente e cientista soviético Andrei Sakharov, foi estabelecido em dezembro de 1985 pelo Parlamento Europeu como meio para homenagear pessoas ou organizações que dedicaram as suas vidas ou acções à defesa dos direitos humanos e à liberdade. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9mio\\_Sakharov](https://pt.wikipedia.org/wiki/Pr%C3%A9mio_Sakharov) [Consultado a 29 de fevereiro de 2020].

<sup>8</sup> Malala Yousafzai uma “jovem que nasceu e cresceu em Mingora, a maior cidade do Vale Swat, região bastante conservadora do Paquistão” in “Malala: conheça a menina que ganhou Nobel da Paz ao lutar por direitos das mulheres”. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/conheca-a-historia-da-ativista-malala-yousafzai/> [Consultado a 18 de fevereiro de 2020]

## 2. O papel das Bibliotecas na Educação

Atualmente consideramos que apesar da existência de BE, tal como afirma Livingston: “para os alunos o lugar mais fácil para fazer uma pesquisa é no *Google*” (2012:slide 9). Coyle regista a mesma atitude por parte do aluno: “This user no longer visits the physical library as his primary source of information, but seeks and creates information while connected to the global computer network”<sup>9</sup> (2010:slide 11).

Este estado de coisas remete-nos para os questionamentos do aluno: o que pesquisar? Como pesquisar? Onde está disponível a informação? Como posso ter acesso a essa informação? Cujas respostas são hoje em dia: no *Google*. Parece que do ponto de vista do aluno toda a informação de que necessita está contida na Internet. Sendo assim, que futuro haverá para as BE? Como o PB pode tornar-se útil e interventivo novamente, numa sociedade de abundante conhecimento apenas ao alcance de um botão? Hillmann alerta para a crise das bibliotecas quando afirma: “we hear that there’s a crisis in libraries, but we still haven’t realized how pervasive it is”<sup>10</sup> (2010:slide 3).

Acreditamos que poderá ter havido momentos de crise nas bibliotecas em que os seus responsáveis técnicos, mas também os PB, sentiram que o paradigma teria de mudar ao nível dos serviços oferecidos pela biblioteca e da forma como se disponibiliza a informação aos utilizadores. As bibliotecas precisam de ajudar as pessoas a encontrar coisas e isso não muda, citamos:

In the big picture, very little will change: libraries will need to be in the data business to help people find things. In the close-up view, everything is changing-- the materials and players are different, the machines are different, and the technologies can do things that were hard to imagine even 20 years ago. (Hellman, slide 8)<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> Este utilizador já não visita a biblioteca física como sua principal fonte de informações, mas procura e cria informações quando conectado à rede global de computadores. [tradução nossa]

<sup>10</sup> Ouvimos que há uma crise nas bibliotecas, mas ainda não compreendemos o quão disseminada ela está. [tradução nossa]

<sup>11</sup> No quadro geral, muito pouco mudará: as bibliotecas precisarão estar preparadas para ajudar as pessoas a encontrar as coisas. Na visão de “close-up”, tudo está mudando: os materiais e os intervenientes são diferentes, as máquinas são diferentes e as tecnologias podem fazer coisas difíceis de imaginar até há 20 anos atrás. [tradução nossa]

As respostas as estas questões levam-nos a refletir acerca da evolução que as bibliotecas em geral e as BE em particular têm vindo a sofrer, para se manterem modernas e atualizadas. O papel do PB é fundamental como agente facilitador no acesso à informação, sendo para tal necessário que ele tenha consciência da sua importância, e a este propósito ouçamos Todd: “School librarians need to be clear about what actually is their motivating force for their unstructional roles in schools”<sup>12</sup>(IFLA, 2002:6). Para este autor a motivação do PB na formação do aluno tem de ser mais do que simplesmente ensinar-lhe habilidades para gerir informações. Ele não deve dar o peixe ao aluno, mas antes ensiná-lo a pescar:

The destination is not an information literature student, but rather, the development of a knowledgeable and knowing person, one who is able to engage effectively with a rich and complex information world, and who is able to develop new understandings, insights and ideas. This is what teachers would hope for. The development and use of human knowing, the construction of understanding and meaning is what learning is all about, and that defines the central role of the school librarian. (Todd, IFLA, 2002, p.6)<sup>13</sup>

Apesar da importância do papel do PB se manter nas BE da atualidade, sabemos que o conceito de biblioteca como um repositório de livros há muito que foi ultrapassado. Por outro lado, importantes desafios continuam a colocar-se em muitos países que ainda não alcançaram determinados patamares no equipamento e na dinamização das bibliotecas, como é o caso que analisamos.

### **2.1. Como uma Biblioteca pode ajudar a atingir os Objetivos do milénio?**

No ano de 2015, foram definidos os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável que constituem a nova agenda de ação das Nações Unidas até 2030, e surge na sequência dos progressos atingidos com os 8 Objetivos do Desenvolvimento do Milénio, entre 2000

---

<sup>12</sup> Os PB precisam ser claros sobre o que realmente é sua força motivadora e os seus papéis não instrucionais nas escolas. [tradução nossa]

<sup>13</sup> O objetivo não é chegar a um estudante formado em literatura de informação, mas sim ao desenvolvimento de uma pessoa conhecedora, que seja capaz de se envolver eficazmente num mundo de informação rico e complexo e que com habilidade para desenvolver novos estudos e ideias. É o que os professores esperam. O desenvolvimento e uso do conhecimento humano, a construção do entendimento e do significado é o que é aprender, e isso define o papel central do PB. [tradução nossa]

e 2015. Esta agenda reflete o trabalho conjunto de governos e cidadãos de todo o mundo e pretende criar um modelo global para erradicar a pobreza, promover a prosperidade e o bem-estar de todos, proteger o meio ambiente e combater as alterações climáticas, sob o lema de “ninguém ficará para trás”.

Uma Biblioteca Escolar em específico, enquadrada no contexto das Bibliotecas em geral reveste-se de particular importância para a prossecução dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. É neste contexto, da Agenda 2030 das Nações Unidas, que a Federação Internacional de Associações de Bibliotecas (IFLA) surge a defender que o incremento do acesso à informação e conhecimento da sociedade, com a ajuda das TIC, promove o desenvolvimento sustentável e a melhoria de vida das pessoas, através das Bibliotecas, que considera serem peças chave neste processo.

O documento sobre o contributo das Bibliotecas<sup>14</sup> para a meta dos ODS demonstra a importância de uma Biblioteca na prossecução dos Objetivos que se pretendem ver alcançados até 2030 e permite-nos concluir sobre o seu contributo em todos e cada um dos ODS.

Dos 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, considerámos quatro que se relacionam mais diretamente com o tema do nosso trabalho e por esse motivo queremos destacá-los e mostrar como uma Biblioteca pode ajudar a atingi-los.

O primeiro objetivo que destacamos, e é o 4º dos ODS, defende uma Educação de Qualidade, preconizando a “garantia ao acesso à educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e a promoção de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”. Para a concretização desta meta a BAD prevê que as bibliotecas tenham “equipas dedicadas que apoiem a educação na primeira infância; acesso à informação e pesquisa para os estudantes em espaços inclusivos onde o custo não seja uma barreira para adquirir novos conhecimentos e competências.”

A nosso ver, neste objetivo, o contributo das Bibliotecas parece-nos insuficiente na forma como se manifesta a inclusão, pois nada se refere aos portadores de NEE, cuja

---

<sup>14</sup> BAD. *Bibliotecas para o Desenvolvimento e a Agenda 2030*. Disponível em: <https://bad.pt/agenda2030/bibliotecas-e-os-ods/> [Consultado a 3 de agosto de 2019]

defesa deve ser feita em qualquer sociedade onde se invista numa educação inclusiva de qualidade.

O segundo objetivo das Nações Unidas que queremos destacar no âmbito do nosso trabalho, é o 5º da lista dos 17 ODS e prende-se com a Igualdade de Género e o empoderamento de todas as mulheres e meninas.

Segundo a BAD, as bibliotecas podem ajudar a alcançar este objetivo através de medidas como: a criação de “espaços de encontro seguros e agradáveis; o desenvolvimento de programas e serviços pensados para satisfazer as necessidades de mulheres e raparigas como direito e saúde”; ou ainda facultando o “acesso à informação e tecnologias que permitam às mulheres desenvolver competências no mundo dos negócios”.

Quanto a nós, uma biblioteca servirá para empoderar uma mulher, não apenas no mundo dos negócios, mas também na sua vida em toda a sua plenitude, porque uma mulher ou menina informada torna-se menos vulnerável no mundo.

O terceiro objetivo que nos parece bastante pertinente: é o 9º e consiste na construção de “infraestruturas resilientes”, na promoção da “industrialização inclusiva e sustentável” e no “fomento da inovação”. Este Objetivo que se refere à Indústria, Inovação e Infraestruturas é de suprema importância para as sociedades que se querem modernas e dinâmicas.

Desta forma, as Bibliotecas podem contribuir para o alcançar desta meta, se apresentarem “uma ampla estrutura de bibliotecas públicas especializadas, com espaços agradáveis e inclusivos, permitindo o acesso a Tecnologias de Informação e Comunicação, como por exemplo, Internet de alta velocidade”.

Neste objetivo se inclui também o direito a ter escolas, bibliotecas públicas e escolares com boas condições, inovadoras e modernas que permitam a todos um bom desempenho na aprendizagem quer seja em contexto escolar, quer seja ao longo da vida.

O quarto objetivo a que gostaríamos de dar ênfase neste trabalho é o 10º dos ODS, que consiste na Redução da Desigualdade dentro e entre países. Este tópico torna-se tanto mais importante, se considerarmos que por vezes dentro do mesmo país existem

realidades completamente díspares e grandes desigualdades no acesso à informação e condições ideais para o estudo e investigação. Neste âmbito, a BAD propõe que as Bibliotecas sejam “espaços neutros e agradáveis que permitam a aprendizagem para todos, incluindo os grupos marginalizados, como os imigrantes, os refugiados, as minorias, os povos indígenas e pessoas com deficiência”. Desta forma se poderá garantir um “acesso equitativo à informação que promova a inclusão social, política e económica”.

Este último objetivo vem ao encontro de todas as questões que temos vindo a colocar quando indagamos se a educação é realmente para todos e como podemos fazer com que ela seja uma realidade para todos, através das Bibliotecas.

Importa também termos aqui em consideração as recomendações para os políticos na prossecução dos ODS. De facto, existem diretrizes muito concretas que orientam os países para a aplicação dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Segundo a IFLA (2015) três medidas devem ser implementadas, pelos governos:

1ª Inclusão das Bibliotecas nos Planos Nacionais de Desenvolvimento.

Esta medida permitirá ao governo de cada país decidir qual a política, o plano e o programa de desenvolvimento no que tange o investimento em Bibliotecas, que conduzam ao acesso à informação que “não deixe ninguém para trás”.

2ª Colaboração com Bibliotecas.

As Bibliotecas podem colaborar com os governos para a implementação de estratégias e políticas que assegurem a inclusão de todas as pessoas.

3ª Trabalho com Bibliotecas para a criação da Consciência dos ODS e o seu significado a nível local.

As Bibliotecas, para além de poderem ajudar a atingir os ODS, podem numa primeira instância ajudar a divulgar esses objetivos, através da colaboração dos Bibliotecários.

Os ODS são universais, mas cada país se responsabilizará pela implementação, desenvolvimento, monitorização de estratégias nacionais para os atingir e assim registar os seus progressos. E à medida que forem sendo implementados, a comunidade

bibliotecária de cada país poderá demonstrar qual o contributo das Bibliotecas no cumprimento dos Objetivos e a satisfação das necessidades locais nesse processo.

Neste contexto, importa ter também em atenção as orientações de organismos internacionais na área das bibliotecas, nomeadamente a IFLA – International Federation of Library Associations, que já mencionámos anteriormente. Segundo Donna Scheeder (IFLA, 2015, p. 3), “uma Biblioteca oferece infraestruturas para as TIC, ajuda as pessoas a desenvolver a capacidade de usar a informação de forma eficaz e preserva a informação para garantir o acesso permanente de futuras gerações.”

As Bibliotecas permitem o acesso à Informação e desta forma contribuem para o Desenvolvimento Sustentável, através das seguintes ações:

- Promoção da alfabetização universal;
- Superação das dificuldades no acesso à Informação;
- Implementação de uma rede de sítios, de programas e serviços;
- Promoção da inclusão digital através do acesso às TIC;
- Atuação como centro da comunidade educativa, académica e de investigação;
- Preservação do acesso ao conhecimento da cultura e património do Mundo;

## **2.2. As Bibliotecas em Cabo Verde – breve contextualização**

Ao longo da história da educação da colónia cabo-verdiana e atualmente república surge referenciada a existência de Bibliotecas que gostaríamos de aqui deixar registada numa breve síntese sobre as mesmas. Mesmo não se tratando propriamente de Bibliotecas Escolares, algumas das quais assim poderiam ser apelidadas “avant-la-lettre”.

Aquela que foi considerada a primeira Biblioteca de Cabo Verde, surge referenciada por Ana Mafalda Pereira com a seguinte informação: “Impõe-se recordar que a primeira Biblioteca do Arquipélago foi criada, vinculada ao Convento da Ribeira Grande, na ilha de Santiago, em 1657 e inaugurada cinco anos depois” (2015, p.284). Ficamos a saber que esta biblioteca se encontrava agregada ao núcleo de ensino religioso da primeira cidade fundada nas ex-colónias portuguesas, na ilha de Santiago.

Também Baltazar Neves, citando Maria Emília Santos, refere o caso dos Jesuítas que se “instalaram na área mais densa do tecido urbano, adquirindo um edifício destinado ao Seminário (...), com biblioteca, onde folgavam todos de ir a ela ler os livros espirituais que ali tem” (2017, p.69). Neste caso, a biblioteca encontrava-se também ligada ao Seminário e como tal da responsabilidade da Igreja Católica.

Uma curiosidade a destacar nesta breve referência às bibliotecas de Cabo Verde, prende-se com o financiamento das mesmas em 1811, conhecido como “subsídio literário” que era um imposto sobre cada “moio de sal” (cerca de meia tonelada) exportado da Boa Vista. (Trigueiros, 2010, p.43)

A 8 de abril de 1871 foi inaugurada a “Bibliotheca e Museu Nacionaes” na cidade da Praia, conforme informação do *Boletim Oficial da Provincia de Cabo Verde*, nº 10, citado por Pereira (2015, p.109).

Humberto Lopes Elísio (1999, p. 60) refere a criação da Biblioteca Municipal do Mindelo em 1880 como um “espaço de grande utilidade cultural, muito frequentada pelos estudantes”. Este autor informa ainda que em 1886, com a criação do Seminário surgiu também a Biblioteca do Seminário-Liceu, na ilha de São Nicolau.

A história das bibliotecas em Cabo Verde seria um tema para uma outra tese, pois existem numerosas informações que merecem ser estudadas, cruzadas e registadas.

Atualmente existe a Biblioteca Nacional na cidade da Praia, cuja construção se iniciou em 1999, que juntamente com o Arquivo Histórico Nacional constituem os grandes guardiões da cultura cabo-verdiana.

### **2.2.1. Notícias sobre Bibliotecas em Cabo Verde**

Pela relativa escassez de dados na atualidade, optámos por recorrer à imprensa nacional de Cabo Verde e de Portugal, que paulatinamente nos vem dando conta dos esforços envidados pelos governos sucessivos para a criação tanto de uma rede de Bibliotecas Escolares como da Criação de um Plano Nacional de Leitura. Assim vejamos as declarações acerca da importância de um PNL:

Pensar a educação e a cultura como eixos de governação pressupõe a assunção da leitura como prioridade política, tomando esta competência como básica para o acesso plural ao conhecimento e ao enriquecimento cultural - indispensáveis ao exercício de uma cidadania ativa e ao desenvolvimento económico e social do país.<sup>15</sup>

Em 2009, com o título “Portugal apetrecha bibliotecas de Cabo Verde”, o jornalista d’ *A Semana* dá conta da entrega de 500 títulos, considerando este número suficiente para equipar 5 bibliotecas, no âmbito do Projeto de Apetrechamento de Bibliotecas Escolares e Municipais de Cabo Verde, financiado pelo IPAD (Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento). Nesta notícia também se refere que é a quarta vez consecutiva que Portugal contribui para o apetrechamento de Bibliotecas, tendo já beneficiado oito escolas em cinco ilhas e nove bibliotecas municipais em outras quatro ilhas.



Figura 1 - Imagem do Jornal da Noite, da TCV.

No dia 30 de janeiro de 2018, foi noticiado no *Jornal da Noite* da Televisão Cabo-Verdiana a assinatura de um Protocolo entre os governos de Portugal e Cabo Verde com o objetivo de financiar a estruturação de uma Rede de Bibliotecas e a elaboração de um Plano Nacional de Leitura, no valor de 50 000€. Este Protocolo foi assinado pela Curadora da Biblioteca Nacional, Fátima Fernandes, pelo Diretor do Planeamento do Ministério da Educação de Cabo Verde, José Marques, e pelo Presidente do Instituto Camões, Luís Faro Ramos, sob o olhar atento dos Ministros da Cultura e Indústrias Criativas, Abraão Vicente e da Ministra da Educação, Família e Inserção Social de Cabo

<sup>15</sup> Plano Nacional de Leitura. Disponível em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/> [Consultado em 17 de maio de 2017]

Verde, Maritza Rozabal, bem como dos Ministros dos Negócios Estrangeiros de ambos os países: Luís Filipe Tavares (Cabo Verde) e Augusto Santos Silva (Portugal). A realidade é que este Protocolo assinado na capital do país não se traduziu em resultados práticos que até ao momento se refletissem na ilha da Boa Vista.

A 23 de abril de 2018, saiu no *Público*, edição *online*, uma notícia que achámos faria sentido integrar neste trabalho que ora apresentamos, por refletir a realidade que se vive no arquipélago cabo-verdiano. Inês Nadais, na reportagem que faz sobre o oitavo Encontro de Escritores de Língua Portuguesa, na Cidade da Praia, refere que “num país com problemas graves de iliteracia, onde as tiragens não ultrapassam os 500 exemplares e muitas bibliotecas escolares não têm sequer livros, a leitura tornou-se um desígnio nacional.” O que torna esta notícia mais chocante é a revelação que é feita pela Curadora da Biblioteca Nacional, Fátima Fernandes: “Ainda hoje, em Cabo Verde, a maioria das pessoas não pode comprar um livro: é uma despesa de 15 euros num país em que o salário mínimo anda à volta dos 100-110 euros.” A realidade do país é esta, e é por este mesmo motivo que consideramos de importância vital a criação e existência de Bibliotecas Escolares, onde os alunos possam contactar com o livro impresso, tendo acesso a ele de uma forma gratuita. Nesta notícia, Jorge Carlos Fonseca, Presidente da República de Cabo Verde e também ele escritor, confessou a sua preocupação com a diminuição dos índices de leitura, que gera “mais exclusão social e uma cidadania mais débil”. A jornalista e escritora Natacha Magalhães também abordou esse problema, acrescentando que no caso específico da Cidade da Praia, a escassez de bibliotecas (apenas duas bibliotecas comunitárias, nenhuma biblioteca municipal) muito contribui para perpetuar as discrepâncias sociais.

Em contraponto com esta informação acima relatada, existem dados surpreendentes que apontam para que em Cabo Verde mais de 70% da população possui telemóvel e acesso à internet. São dados do Instituto Nacional de Estatística que apresentam o resultado de um Inquérito Multiobjectivo Contínuo apresentado em 2019. Nesse inquérito se refere que em 2018, 70,2% da população cabo-verdiana possui telemóvel e que 67,8% tem acesso à internet. O mesmo IMC revela que a população estudantil da faixa etária entre os 10 e os 14 anos de idade, que possui um telemóvel pessoal,

representa  $\frac{1}{4}$  das crianças de Cabo Verde. Estes dados parecem entrar em contradição com a notícia sobre o preço dos livros. No entanto, em muitos casos, esta realidade justifica-se se tivermos em conta que os telemóveis são enviados por familiares que se encontram emigrados e que mantêm sempre uma forte ligação com o seu país, remetendo encomendas com bens que de outra forma não seriam acessíveis aos familiares residentes neste arquipélago.

A análise destas notícias revela-se importante na medida em que podemos concluir acerca de diversos aspetos, designadamente que as Tecnologias de Informação e Comunicação estão fortemente disseminadas no seio da população em geral, nomeadamente na população estudantil, mas isto não significa que a população tenha acesso a leitura digital de qualidade.

A intenção de mostrar estes dados foi unicamente de apontar caminhos para diminuir os constrangimentos por não se ter acesso a livros em formato de papel, revelando que estes podem ser substituídos pelo formato digital. Também consideramos que as Bibliotecas Escolares, por poderem colmatar a falta dos livros em papel, se revestem de maior importância, pois para a maioria da população o livro é um objeto de luxo, muito mais do que um telemóvel.

### **2.3. O papel do Professor Bibliotecário no contexto da escola**

Tomando como referência a legislação portuguesa, publicada em Diário da República, através da Portaria nº 755/2009 de 14 de julho, consigna-se a designação do Professor Bibliotecário, art.º 2, bem como as funções a ele atribuídas, no art.º 3: “Ao professor bibliotecário cabe, com apoio da equipa da biblioteca escolar, a gestão da biblioteca da escola não agrupada ou do conjunto das bibliotecas das escolas do agrupamento.” (p.4489)

O Manifesto da Biblioteca Escolar da IFLA/UNESCO (1999) refere o Professor Bibliotecário, ou bibliotecário escolar, como sendo:

(...) o membro profissionalmente qualificado, responsável pelo planeamento e gestão da biblioteca escolar. Deve ser apoiado tanto quanto possível por uma equipa adequada, trabalha em conjunto com todos os membros da comunidade escolar e deve estar em sintonia com bibliotecas públicas e outras. (p.3)

Segundo a Associação de Professores Bibliotecários do Canadá (1997), o PB deve possuir Competências Profissionais, tais como: *curriculum*, conhecimento de estratégias educativas e domínio das TIC, mas também Competências Pessoais, como: capacidade comunicativa, inspirador de confiança e respeito e contínua evolução.

Nesta nossa reflexão introdutória sobre o Professor Bibliotecário, gostaríamos de destacar novamente a informação preconizada no Manifesto (1999) que refere:

O papel dos bibliotecários escolares varia consoante o orçamento, *Curriculum* e metodologias de ensino das escolas, de acordo com o quadro legal e financeiro nacional. Em termos específicos, existem grandes áreas de conhecimento que são vitais se os bibliotecários desejarem desenvolver serviços efetivos nas bibliotecas escolares: gestão de recursos, gestão de bibliotecas e de informação e ensino. (p.3)

Com estas referências, pretendemos demonstrar que o papel, as funções e as competências exigidas para o desempenho de um Professor Bibliotecário já foram estudadas, legisladas e divulgadas em muitos países do mundo, sendo que em Cabo Verde já existe uma comissão para organizar as Bibliotecas Escolares do ensino básico e prevê-se a extensão ao ensino secundário e publicação de legislação, também como uma forma de atingir os ODS.

Por exemplo, o artigo *Teacher Librarian Influence* contém elementos sobre a opinião que os diretores têm acerca do Professor Bibliotecário, bem como a opinião que o PB tem acerca de si próprio. Segundo os autores, Henri & Boyd (2002, p. 1), “this case study of six Australian TLs analyzed the level of influence of teacher librarians as perceived by themselves and by their principals”<sup>16</sup>. Este texto, que reflete sobre a prática e a política envolvida na Biblioteca Escolar, é de extrema relevância para quem se interessa por

---

<sup>16</sup> Este estudo de caso de seis PB australianos analisou o nível de influência dos professores bibliotecários vista pelos próprios e pelos seus diretores. [tradução nossa]

melhorar a sua atitude e conduta como PB. Neste artigo também se revela a importância de uma boa prática do PB para a aceitação do diretor e como tal uma melhor integração na escola. O contrário será sempre tido como um constrangimento, porque uma escola onde PB e a direção não tenham uma relação de confiança, o sucesso da BE estará sempre comprometido.

Uma Biblioteca Escolar é um espaço que não deve ser estático, apesar de funcionar numa sala da escola, ela deve estar em todas as outras salas da instituição. O objetivo de sair das quatro paredes para o espaço interior e até exterior da escola deve nortear o Professor Bibliotecário. Este tem de ser uma pessoa dinâmica, criativa e comunicativa, consciente da importância do trabalho em equipa e sedutora no modo de envolver os outros professores nos projetos que cria ou desenvolve. O Professor Bibliotecário será porventura um dos melhores gestores de recursos humanos que pode existir numa escola. Envolver professores e alunos em atividades fora e dentro da Biblioteca Escolar é criar laços para toda a vida. São memórias que ficam nos alunos que desta forma passam a reconhecer o valor da escola na sua formação como cidadãos.

O trabalho em equipa, quer através de Cooperação ou de Colaboração, apresenta-se atualmente como a forma mais eficaz de executar os programas curriculares escolares ou extraescolares, que pretendem preparar o aluno para a vida. A aprendizagem faz-se pelo exemplo e alunos que observam adultos a colaborar, serão também eles mais colaborativos no futuro.

As escolas públicas em Portugal têm vindo a ser alvo de grandes mudanças ao longo dos últimos quarenta anos, durante o período que corresponde ao pós-25 de abril. Quase a par desta revolução de mentalidades no ensino lusitano, nas ex-colónias portuguesas e atuais jovens países essas mudanças têm sido muito mais visíveis. A construção de escolas foi uma preocupação de todos os sucessivos governos, a criação de legislação adequada, a formação de professores, tudo tem sido feito para que o ensino seja, cada vez mais, de melhor qualidade.

Na República de Cabo Verde, a realidade foi um pouco diferente das restantes ex-colónias africanas. Por não ter havido guerra civil como em Angola, Moçambique ou Guiné Bissau, o clima de paz permitiu que fosse possível a construção de uma nação que

investisse na educação de uma forma rápida e eficaz. Desde 1975, data da independência nacional, passou-se de dois Liceus para trinta e oito Escolas Secundárias (Barreto, 2012), sendo cinquenta o número atual. Esta é uma realidade digna de louvor e desta forma Cabo Verde tem contado sempre com ajudas externas para melhorar as condições de vida no arquipélago, pelo exemplo de boa aplicação do dinheiro público.

A maioria das Escolas Secundárias em Cabo Verde possui uma Biblioteca Escolar, algumas equipadas no âmbito da cooperação com Portugal, mas não funcionam em rede, como no caso português onde existe uma Rede de Bibliotecas Escolares desde 1996, conforme *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares: estudo realizado pelo grupo de trabalho criado pelos Despachos n.º 43/ME/MC/95 de 29 de dezembro e n.º 5/ME/MC/96, de 9 de janeiro* (Veiga, Lisboa, 1996).

Em Cabo Verde, o espaço que funciona como BE é na maior parte das vezes uma sala de estudo, onde os alunos encontram algum sossego e espaço para realizarem trabalhos de grupo.

(...) parece haver por parte de diversos quadrantes das comunidades educativas – gestores escolares, professores, encarregados de educação, discentes – uma tendência para confundir a Biblioteca com uma sala de estudo, o que acarreta algumas consequências a nível educativo, como por exemplo: o uso das Bibliotecas pelos alunos, não para saciarem a sua sede de informação e conhecimento, mas para pesquisarem a mando dos professores. (Almeida, 2005)

No arquipélago cabo-verdiano até à data ainda não se legislou sobre BE, nem sobre o papel do Professor Bibliotecário à semelhança de Portugal, onde o cargo de PB foi instituído pela Portaria 756/2009, de 14 de julho para dar resposta à necessidade de haver uma pessoa responsável pela Biblioteca Escolar que não fosse apenas um Auxiliar de Ação Educativa, como chegou a acontecer em muitas escolas do país.

O responsável pela Biblioteca Escolar passa a ser assim um professor que é designado dentro da especificidade da lei para desempenhar essa função, que pressupõe responsabilidade e muito trabalho com os restantes professores da escola.

Uma vez que cada pessoa não é uma ilha, e numa instituição escolar é necessário trabalhar em equipa, termos como Cooperação e Colaboração são tidos como os modos

mais eficazes de trabalhar em grupo de modo a atingir um objetivo comum. O conceito de Colaboração ganhou tanta importância no seio da sociedade portuguesa que frequentemente ouvimos um empresário a referir-se aos empregados da sua empresa como colaboradores e não como funcionários.

A necessidade de se pensar e trabalhar em equipa fez com que em sociedade se criassem modelos de trabalho em equipa: Colaboração e Cooperação são porventura os mais utilizados no meio educativo, no entanto nem sempre reúnem consenso quanto à sua eficácia. Existem estudos realizados sobre Cooperação e Colaboração que o demonstram.

Levanta-se a questão: como nos relacionamos na escola com os nossos colegas docentes? Cooperamos ou colaboramos?

#### **2.4. O PB e o trabalho Cooperativo/Colaborativo**

Na sequência das observações feitas anteriormente, focamos agora de forma mais próxima as questões relacionadas com a problemática da Cooperação e da Colaboração no âmbito da ação do Professor Bibliotecário.

Consultados alguns autores cujos trabalhos abordam este tema, o termo *Coopération*, é preferido por Thurler (1996), contrariando Montiehl-Overall (2005) que sugere *Collaboration* como o modelo mais eficaz. Neste último estudo são definidos os modelos de Coordenação, Cooperação e Colaboração, por ordem crescente de envolvimento dos participantes, sendo que na Coordenação o envolvimento é menor e na Colaboração o nível de envolvimento dos intervenientes é total. Por vezes as palavras Cooperação e Colaboração são tidas como sinónimas e dependendo do contexto podem usar-se uma ou outra. Perante esta dificuldade procurámos, uma forma de as distinguir e encontramos uma proposta de Pimentel (2009), usando dois mapas conceptuais com recurso a *avatares* nos quais são apresentados uma distinção que nos pareceu de grande relevância para a compreensão dos significados dos dois termos.

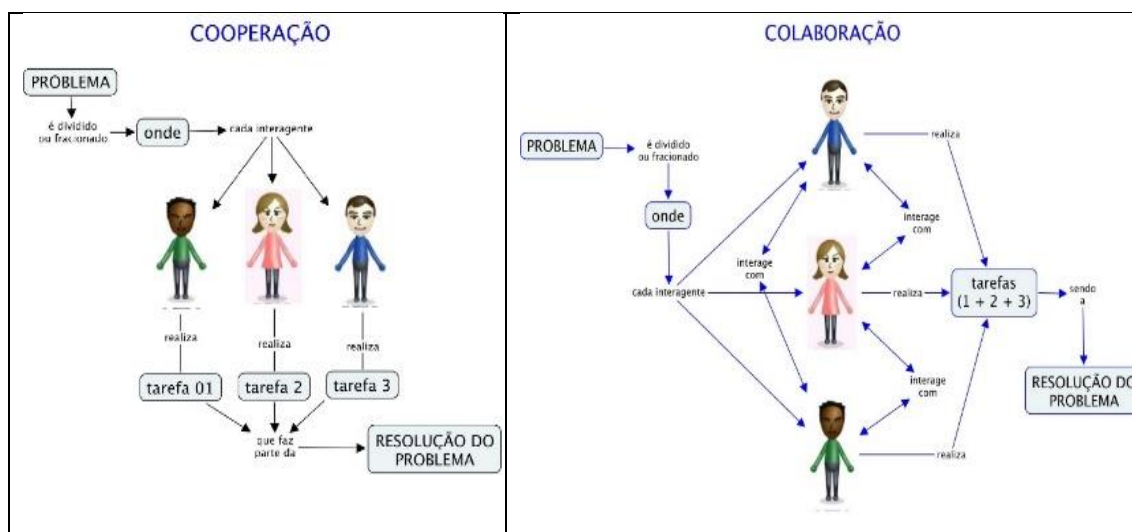


Figura 2: Cooperação e Colaboração.

Fonte: <https://fernandospimentel.blogspot.com/search/label/Mapa%20Conceitual>

Conforme o primeiro esquema, Cooperação consiste na resolução de um problema dividindo as tarefas pelos diferentes intervenientes, em que cada um resolve a sua tarefa, contribuindo individualmente para a resolução do problema. Já no segundo esquema, Colaboração é apresentada como a resolução de um problema em que cada um dos intervenientes interage com os outros, de forma a realizar as tarefas em conjunto. A diferença entre Cooperação e Colaboração está ao nível da interação entre os colaboradores, que no primeiro caso não existe e no segundo caso é uma condição fundamental. Vamos perceber o que distingue Cooperação de Colaboração, partindo da análise de estudos efetuados, para avaliar a eficácia do trabalho de equipa e qual dos métodos será o mais adequado para o bom funcionamento de uma Biblioteca.

#### 2.4.1. O trabalho Cooperativo

Em Educação, “Cooperação envolve dois ou mais indivíduos, trabalhando em conjunto, em mútuo acordo com objetivos em comum”, Montiel-Overall (2005, p.11) podendo gerar um alto nível de confiança entre eles. A Cooperação pode melhorar as relações de trabalho. Apesar de, hoje em dia, ser unanimemente aceite a vantagem do trabalho cooperativo, no universo da educação, autores defendem que nem sempre isso acontece. No estudo feito por Thurler (1996, p.147), a autora apresenta as posições de

Staessens (1993) e de Perrenoud (1993) sugerindo que “os professores são mais eficazes sozinhos do que fazendo parte de uma equipa pedagógica sem alma nem coerência”. Sob esta perspetiva a autora regista as desvantagens do trabalho cooperativo, realçando as razões para a ineficácia do trabalho em grupo. Destacam-se: “falta de animação (da parte de quem coordena), má gestão de tempo, dificuldade em centrar-se no essencial, incapacidade de tomar decisões concertadas”. Os professores entrevistados defendem ainda que a cooperação pode ser feita através de conversas informais, sem as necessárias reuniões que consideram “pesadas” e ineficazes. Nem consideram necessárias as programações conjuntas com divergência de objetivos e conflitos de opinião. (Thurler, *ibidem*, p. 148)

Coloca-se a questão: se os professores estiverem atualizados, porquê obrigá-los a interagirem em Cooperação? Thurler considera o “individualismo eficaz” como um mito e defende que a Cooperação faz parte da profissão de professor, acrescentando que, atualmente, as realidades com que são confrontados os professores apelam à Cooperação.

#### **a) Competências de Cooperação**

Tomando como princípio que a Cooperação se pode tornar um modelo de trabalho em equipa eficaz no seio do trabalho entre professores, apontamos as suas três competências referidas em Thurler (1996). A primeira é “saber cooperar eficazmente num espírito que transforme uma “pseudo-equipa” numa verdadeira equipa; a segunda competência exige a identificação dos problemas que realmente necessitam de ser resolvidos em equipa, numa cooperação intensiva”. Para isso o professor deve ser: aberto, saber negociar e procurar a forma de ultrapassar os obstáculos que lhe vão sendo colocados. A terceira competência exige do professor “capacidades como perceção, análise e resistência aos obstáculos e paradoxos da cooperação”. Nesta competência o professor deve saber autoavaliar-se para saber encontrar o seu real contributo no trabalho de equipa. Saber trabalhar em grupo, eficazmente não é tarefa

fácil e exige muito por parte de cada elemento, e mesmo conscientes da necessidade de cooperar, a boa vontade, por vezes, não chega.

Katzenbach & Smith *et al.* (1993 *apud* Thurler, 1996, p.151) revelam as características das equipas eficazes como sendo aquelas que possuem: “1. Exigências elevadas na procura comum de um elevado desempenho; 2. Um quadro de requisitos adequado, com uma adequada composição das equipas; 3. Visão comum dos meios para atingir os objetivos; 4. Responsabilidade coletiva,” ultrapassando os receios do trabalho em equipa, como o medo de cada um, que o outro possa não saber entender, escutar ou ver como ele próprio.

### **b) Tipos de Cooperação**

No mesmo estudo efetuado por Thurler (1996), a autora refere os tipos de Cooperação quando se trabalha em equipa. A partir dessas informações, apresentamos um quadro com interpretação e tradução da nossa responsabilidade.

<b>Tipo de equipas</b>	<b>Características das equipas</b>
Os grupos de trabalho	Reúnem-se para tomar decisões. Não têm causa comum, nem objetivos comuns. Não existem resultados comuns.
A “pseudo-equipa”	Trabalham em equipa, mas não buscam um desempenho coletivo. Taxas de eficácia modestas. Não há consenso, nem ação coletiva.
A equipa potencial	Possuem um plano de trabalho e uma visão de objetivos comuns, mas não existe responsabilidade comum e sendo mal exploradas as competências de cada um.
A verdadeira equipa	São pessoas com capacidades que se complementam, buscam uma causa comum. Possuem objetivos semelhantes e partilham responsabilidades.
A equipa de alto nível de eficácia	Têm as mesmas características de uma verdadeira equipa, mas praticam a “liderança cooperativa”. Estão atentas ao desenvolvimento pessoal e ao sucesso dos colegas. Definem, analisam e resolvem os problemas em conjunto. Refletem sobre as práticas e a evolução da sua cultura pedagógica.

Quadro 1: Tipos de Cooperação, baseado em Katzenbach & Smith *et al.*, 1993 *apud* Thurler, 1996, p. 154.

#### 2.4.2. O trabalho Colaborativo

Vera John-Steiner (1992 *apud* Montiel-Overall, 2005) define “Colaboração como um modo promissor do ser humano se engajar, mas que seja mais do que uma moda passageira, é necessária uma estrutura teórica e bem enquadrada para guiar os indivíduos e os grupos.”

Colaboração é para Montiel-Overall (2005) um termo omnipresente que já foi definido em diversos campos. É um processo em que dois ou mais indivíduos trabalham juntos partilhando informação de modo a melhorar o ensino-aprendizagem. Colaboração implica interdependência e respeito mútuos. “Cada um dos participantes tem de colocar na mesa das conversações algo de valor”, segundo Small (2001). Autores como Muronaga & Harada, (1999 *apud* Small, 2001, p.1), referem que o sucesso da colaboração se baseia em quatro pré-requisitos: “visão partilhada, objetivos comuns, clima de confiança e respeito mútuo”. Acrescentam ainda: “para estarem motivados para colaborar, todos os participantes precisam primeiramente de ver algum valor pessoal na colaboração e acreditar que possuem os conhecimentos e habilidades necessárias para serem colaboradores de sucesso”.

Os princípios e estratégias para uma colaboração de sucesso foram definidos ainda por Callison (1999 *apud* Small, 2001, p. 2). O autor valoriza “a importância de uma cuidadosa definição de papéis para cada colaborador; um planeamento de processo compreensível por todos, uma correta partilha de recursos, riscos e controlo e continuidade ao longo do tempo”. Mediante esta proposta é possível concluir que a planificação do processo colaborativo é o segredo e para tal a coordenação desse processo tem de ser também ela bastante eficaz.

A Colaboração, por vezes, pode não ser formal, assistindo-se a casos, sobretudo em escolas com reduzido número de professores, que desenvolvem um trabalho colaborativo espontâneo, resultante da necessidade de troca de experiências entre professores. De Groff (1997 *apud* Small, 2001, p. 2) considera que “escolas pequenas permitem mais oportunidades e menos burocracia e mais interação entre os educadores”. O contrário também acontece, apesar de ser apontado como um fator que

facilite a colaboração. O trabalho colaborativo depende sempre da vontade dos intervenientes, caso ela não exista, ninguém pode ser obrigado a colaborar.

### **a) O trabalho Colaborativo nas Bibliotecas Escolares**

A Colaboração integrada no meio escolar tem sido alvo da nossa análise, no entanto se a transportarmos para a Biblioteca Escolar surgem alguns obstáculos que importa referir. O sucesso da função do Professor Bibliotecário, mais do que a qualquer outro professor, está dependente do nível de Colaboração que ele consegue atingir com a classe docente.

Small (2002) sublinha que “a necessidade do PB e outros educadores colaborarem entre si abriu novas vias de colaboração. Mas por vezes os esforços para colaborar ainda não funcionam. Porquê?” Os motivos que têm sido apontados pelos PB para a dificuldade do trabalho colaborativo são sobejamente conhecidos, mas Haycock, ( 1999 *apud* Small, 2002) resume-os em três queixas mais comuns dos PB:

1ª: não consigo convencer os professores da minha escola a colaborarem; 2ª eu adorava colaborar com os professores, mas eles não me veem como um parceiro e 3ª: os professores não fazem a mínima ideia do que eu faço ou do que eu posso fazer pelos seus alunos. (p.3)

A tarefa de envolver a comunidade escolar nas atividades promovidas pela BE é, por vezes, hercúlea, pois exige um grande e continuado esforço por parte do PB, que tem de desenvolver parcerias a todos os níveis e o seu sucesso depende muito de uma vontade inabalável de atingir os seus objetivos. No entanto, acredito que os professores da instituição também devem desempenhar o seu papel no que tange à comunicação com o PB. Ao longo da carreira, inúmeras são as vezes em que um professor se depara com a necessidade de apoio do PB. Nesses casos, é o próprio professor a procurar o responsável pela BE, e não o contrário. Os professores que não buscam parcerias com um PB é porque não têm a noção do que é ter uma escola sem este profissional. Não imaginam a falta que ele faz.

### **b) Estratégias para estabelecer uma cultura Colaborativa na BE**

Existem sugestões apontadas em diversos estudos que procuram apoiar os PB na sua tarefa de desenvolver atitudes colaborativas na instituição escolar aonde pertencem. Exemplo disso são as estratégias apontadas por Hartzell (1997 *apud* Small, 2001, p. 2) das quais destacamos dois exemplos: “estabelecer uma boa relação com um professor e desenvolver projetos colaborativos: exemplos de sucesso contagiam outros professores e ser aberto e amigável com todos os professores. Ir em busca deles, pois eles não irão procurar o PB.”

No que diz respeito ao primeiro exemplo, concordamos, em parte, com a ideia de desenvolver projetos com um só professor para contagiar os restantes, mas por vezes não funciona, porque os restantes professores podem sentir-se excluídos, ao invés de contagiados pelas boas práticas. Quanto a ser aberto e amigável, acreditamos ser uma das condições mais importantes para se desempenhar eficazmente a função de PB. Não concordamos totalmente que o PB tenha sempre de ir ao encontro dos professores, em muitas escolas, os professores que necessitam do apoio do PB sabem procurá-lo.

A importância do trabalho colaborativo para o funcionamento das Bibliotecas Escolares já foi apontada por diversos autores, que nos seus estudos procuraram demonstrar as vantagens, as estratégias e as dificuldades que podem surgir usando esta metodologia. Foi elaborado um quadro-síntese (*Librarians and Teachers, Levels of Collaboration*, 2002), de autor anónimo, que apresenta os níveis de Colaboração que podem existir entre o Professor Bibliotecário e os professores.



## Librarians and Teachers Levels of Collaboration

Turning the School Media Center into a Learning Hub

	Level 1	Level 2	Level 3	Level 4
<b>Service</b>	Consultation leading to provision of resources.	Consultation leading to enhancement of curriculum unit.	Cooperative planning leading to enhancement of the classroom curriculum unit and integration of the library program.	Collaborative planning leading to equally enhanced library/media center and classroom planning, teaching and evaluating.
<b>Librarian's Role</b>	Suggests resources for curriculum unit.	Aware of overall program needs and attempts to provide specific unit support as well as meet individual student needs.	Plans library-related aspects of the curriculum unit based on the information needs of the class and the learning outcomes specified by the teacher.	Equal partner with classroom teacher in planning, teaching, and evaluating the curriculum unit.
<b>Teacher's Role</b>	Asks librarian for resource suggestions. Decides what to take and may even check out materials to take to the classroom for students to use there.	Talks with librarian about classroom program needs.	Develops curriculum unit and plans with the librarian what aspects of the unit will be addressed in a library workshop.	Equal partner with librarian in planning, teaching, and evaluating the curriculum unit.
<b>Library Media Center Program Role</b>	Library-media center program may range from teaching basic search skills in isolation of classroom curriculum to simply storing information resources and no significant contact with students.	Students come to the library-media center to learn basic search skills that will help them complete a particular assignment.	Library-media center program is interrelated with the classroom program. Information literacy learning outcomes are systematically integrated into the overall curriculum.	Information literacy learning outcomes are systematically integrated into the overall curriculum and the library media center program and classroom program are one.

Adapted from an anonymous handout given out at the European Council of International School Librarians, May 1999, International School of Brussels.

© 2002 Washington State Library, a division of the Office of the Secretary of State

Quadro 2: [Librarians and teachers: Levels of Collaboration, Washington State Library \(2002\)](http://elearning.uab.pt/mod/page/view.php?id=270845). Fonte: <http://elearning.uab.pt/mod/page/view.php?id=270845> [consultado a 20 de janeiro de 2017].

A tabela 2 divide em quatro os níveis de colaboração existentes entre Professores Bibliotecários e professores. Destacamos o nível 3 como o mais comum existente entre a figura do PB e os professores. Na maioria das vezes PB e professores colaboram, planeiam o currículo juntos, mas a avaliação recai sempre sobre o professor, cabendo ao PB um papel secundário nessa avaliação. Consideramos que muitas vezes não se atinge o nível de “equal partner” entre os professores da instituição e o PB, devido à avaliação final, que não é feita por todos.

### 2.4.3. Conclusões sobre os termos Cooperação e Colaboração

Após análise detalhada sobre os termos Cooperação e Colaboração, verificamos que é necessária uma reflexão teórica por parte dos diversos parceiros educativos, acerca desta temática.

Uma coisa é indiscutível: o trabalho em equipa é necessário na instituição escolar. A escolha do modelo que adotamos para esse trabalho é que deve ser alvo de reflexão

consciente e responsável, para que ele seja eficaz. Na verdade, os níveis de Cooperação ou de Colaboração que atingimos não devem ser as nossas metas. Um bom trabalho de Coordenação pode levar uma equipa a atingir os seus objetivos.

Depois de se verificar o modo como trabalhamos em equipa, verifica-se que para o sucesso de qualquer atividade com os alunos, numa instituição escolar ou fora dela, é necessário um profundo conhecimento das necessidades que vão ser encontradas, um planeamento consciente e uma equipa voluntariosa, capaz de fazer frente a qualquer obstáculo encontrado.

Concluimos esta reflexão acerca dos modelos de Cooperação e Colaboração acrescentando a importância de os conhecer profundamente, para melhor sabermos aplicá-los na nossa prática docente.

### 3. Breve perspetiva da Educação em Cabo Verde

#### 3.1. O ensino no período colonial

Para contextualizar a evolução educativa na atual República de Cabo Verde, é necessário apresentá-la na sua perspetiva diacrónica e remontar ao passado menos recente, abordando a sua origem ainda enquanto província ultramarina.

Ao longo da história de Cabo Verde, jovem república e antiga colónia portuguesa (até 1975), a educação tem sido uma temática imensamente discutida e considerada fulcral, como podemos comprovar por esta notícia de um jornal cabo-verdiano, *A Voz de Cabo Verde*, que em 1911 nos dá conta do seguinte:

A primeira necessidade em Cabo Verde para, fazendo resistência ao actual estado das cousas, poder desenvolver-se e progredir, é crear escolas muitas e muitas escolas bem organizadas, com bons mestres, que ensinem instrucção primária e um pouco de secundaria, afim de que o homem fique habilitado a lêr e a comprehender. (...) Supprimir a ignorância, ou senão refreal-a é a estrada que conduz a um futuro próspero e risonho. (*A Voz de Cabo Verde*, nº 1, 1 de Março de 1911, p.2 *apud* Carvalho, 2007, p.57)

Refletindo um pouco sobre a colonização de Cabo Verde que foi feita por portugueses e africanos, da Costa Ocidental, coabitando o mesmo território pouco tempo depois da sua descoberta, cedo se percebeu que havia necessidade de criar meios para que as populações tivessem acesso ao ensino, quer este fosse formal ou informal, caso contrário os habitantes estariam condenados ao analfabetismo.

Devido ao facto de Cabo Verde ser um arquipélago com 10 ilhas, a colonização foi sendo feita mais paulatinamente numas ilhas do que em outras. E esse ritmo foi marcando as necessidades educativas de cada uma das ilhas.

No entanto, o facto de Cabo Verde ter sido um interposto comercial no triângulo atlântico do tráfico de escravos foi decisivo para a implementação de um sistema de ensino, ainda que rudimentar, mas absolutamente necessário e economicamente rentável.

As diferenças de classes sociais entre os colonos e os escravos também ditaram a forma como foi instituído o ensino no território cabo-verdiano. Se por um lado era necessário dotar os escravos de ensinamento de leitura e escrita, por outro era fundamental que os colonos que se deslocavam para esta província com as suas famílias pudessem ter acesso ao ensino, tal como este se apresentava na metrópole.

Segundo Trigueiros, citando Teixeira de Sousa:

Em 1466, seis anos após a descoberta das ilhas terão chegado à ilha de Santiago, os Franciscanos, provavelmente os primeiros mestres-escola do arquipélago. Esses sacerdotes traziam como missão não só a catequização e a alfabetização dos cabo-verdianos, mas também a “ladinização” de escravos. Tanto mais que os escravos, depois de “ladinizados” (ensinados a ler e a escrever), tinham uma maior cotação no mercado. (Trigueiros, 2010, p. 38)

A *ladinização* é uma corruptela da palavra *Latinização*, e significava a instrução dos escravos durante o período que se seguiu ao início da colonização. Os escravos *ladinos* eram preparados para os trabalhos domésticos, desenvolvendo as suas tarefas junto dos seus senhores e, por conseguinte, podendo comunicar com eles, por oposição aos escravos boçais, acabados de chegar de África e que não falavam o português. Para António Germano Lima:

O processo de ladinização visava tirar da memória dos escravos todos os vestígios da sua herança cultural africana, substituindo-a pela cultura ocidental, através nomeadamente da doutrinação cristã e da aprendizagem da língua do colonizador. Já o processo de ensino em escolas regulares visava transmitir a cultura do colonizador e a preparar os nativos para a vida produtiva. (Lima, 2017, p. 414)

Se no início a educação estava a cargo da Igreja Católica, cedo se percebeu que a condição arquipelágica conduziria a diferenças sociais, caso não fossem tomadas medidas. A par da intervenção católica no ensino, surgiram escolas particulares e mestres que lecionavam muitas vezes em suas casas, com o intuito de combater o analfabetismo das populações.

A Igreja Católica na pessoa dos missionários, teve um papel fundamental na vida cultural e social dos povos do Ultramar português. (...) Os Clérigos foram responsáveis pelo ensino nas colónias. (Pereira, 2015, p.65)

Baltazar Neves corrobora esta informação quando afirma que há que ter em conta que no contexto da evolução do Ensino em Cabo Verde, “a Educação informal (...) acompanha a história da descoberta, povoamento e colonização pelos portugueses e o ensino religioso aparece em destaque.” (2017, p. 68).

Segundo Ana Mafalda Pereira, “as missões desempenhavam um importante papel nas colónias, não só a nível religioso e educativo, como médico e social, isto é, lutam contra a doença, a poligamia, a escravatura, a inferiorização da mulher (...)” (2015, p. 66). E esclarece que em Cabo Verde não havia propriamente o conceito de missões, mas sim paróquias e por isso a evolução da instrução nas ilhas esteve ligada ao “culto da religião católica” (2015, p. 67). Destaca-se a influência das ordens religiosas Jesuítas, Capuchinhos, Espiritanos e Salesianos, tendo tido estes últimos uma forte influência no ensino das Artes e Ofícios e possuindo ainda, atualmente, uma Escola Salesiana na ilha de São Vicente.

Baltazar Neves reitera a influência não religiosa no ensino, valorizando a sua qualidade:

O ensino informal no Arquipélago era ministrado não só pelas Missões Religiosas, como também por particulares (a nível da instrução primária mais concretamente) disputando com muito zelo, com uma concorrência muitas vezes superior ao ensino eclesiástico oficial. (Neves, 2017, pp. 70,71)

Como principal marco, considerado de extrema importância, para o início da história do ensino em Cabo Verde, aponta-se a criação da escola da Ribeira Grande, na ilha de Santiago, por alvará de 12 de março de 1535, especialmente vocacionada para o ensino da Moral e Gramática Latina. Esta escola surgiu no seguimento da criação do 1º Bispado em África: a Diocese de Santiago, em 1533 (Furtado, 2008, p. 11).

De destacar que em 1546, segundo Trigueiros:

(...) o rei autorizara expressamente que alguns negros e mestiços, devidamente qualificados, pudessem ingressar nos cargos públicos, o que pressupunha (...) a existência e o funcionamento de escolas que pudessem capacitar os indivíduos a desempenhar os cargos que eram chamados a ocupar. (Trigueiros, 2010, p. 40)

A 12 de janeiro de 1570 a Carta Régia de Dom Sebastião estabelece a Criação do primeiro Seminário a existir em Cabo Verde, mas que nunca foi materializado. Em 1657 foi fundado o Convento dos Capuchos, na cidade de Ribeira Grande, onde funcionava o ensino de Teologia, Latim e Moral.

Durante o século XVIII, a 12 de janeiro de 1740, assistiu-se ao despacho régio que pretendia fixar o salário de mestre em Latim e Moral, para o ensino no Arquipélago, e que nomeia um Mestre de Gramática para a ilha de Santiago.

As ideias iluministas começavam a influenciar o pensamento e isso também se reflete nas ilhas:

Em 1773, *os homens bons* da comunidade fizeram uma petição junto das autoridades solicitando a nomeação de um Mestre de Português (...) “para esclarecimento e ensino do povo”. Segundo Trigueiros, nessa mesma petição solicitava-se que fosse criada uma casa onde pudessem ser recolhidas “as crioulas” para nela serem educadas. Pela primeira vez aparece uma preocupação explícita para com a formação escolar das raparigas. (Trigueiros, 2010, p. 41)

A verdade é que a solicitação de oficializar o ensino e torná-lo mais laicizado, acontece em 1817, aquando da instituição da primeira Escola de Instrução Primária Oficial do Arquipélago, na Vila de Santa Maria da Praia, tal como nos relata Ana Mafalda Pereira (2015, p. 68), mas que teve uma vida curta por morte do seu mestre e impossibilidade da sua substituição. Esta escola só veio a ser reativada em 1821.

Até meados do século XIX, era escassa a legislação que regulamentasse o ensino em Cabo Verde e a legislação existente por vezes não passava do papel. A título de exemplo, no ano letivo de 1837/38 funcionaram dez escolas régias em todo o território. Já no ano de 1842, das trinta e três escolas previstas, só funcionaram algumas por falta de verba.

Durante anos, a instrução no território de Cabo Verde foi feita quer através do “Ensino Oficial (regulado pelo Governo da Província); quer do Ensino Municipal (regido pelos municípios) ou com recurso ao Ensino Particular (com escolas criadas por individualidades)” (Pereira, 2015, p. 125). Os estabelecimentos de ensino destinavam-se a alunos do sexo masculino e feminino.

Na perspetiva de Baltazar Neves, “existiam quatro instituições responsáveis pelo Ensino em Cabo Verde: Régia, Municipal, Eclesiástica e Particular.” (2017, p. 71).

Em 1844, após serem incluídas no orçamento, verbas para a educação, foram criadas 38 escolas em todo o Arquipélago e com a publicação de um Decreto que data de 14 de agosto de 1845 pretende-se lançar “as bases legais da organização geral do Ensino Primário Oficial nas Províncias Ultramarinas, através da publicação no Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Cabo Verde.” (Pereira, 2015, p. 69). Neste Decreto se institui a criação de uma Escola de Instrução Primária para cada província ultramarina. Salienta-se que, no caso de Cabo Verde, a introdução da Imprensa em 1842 muito contribuiu para esta viragem no setor da educação e conseqüente implementação de uma rede escolar no arquipélago.

A primeira tipografia foi trazida para Cabo Verde em 1842, tendo começado a funcionar nesse mesmo ano a **Imprensa Nacional de Cabo-Verde e Guiné**. (...) O advento da imprensa periódica em Cabo Verde é assinalado com a publicação, na ilha da Boa Vista, do número I do **Boletim Oficial do Governo Geral de Cabo-Verde**, posto a circular na quarta-feira, 24 de Agosto de 1842, sendo então Governador Geral o Brigadeiro Francisco de Paula Bastos (1842-1845). (Brito Semedo, *Esquina do Tempo*, 2012)

Refere ainda Furtado (2008) que “a Escola Principal da Instrução Primária foi instalada na ilha Brava, por esta ilha ter condições climatéricas mais favoráveis, por Decreto de 23/11/1847, tendo começado a funcionar em 1848.” (p. 12).

Em 1860 deu-se a transferência da Escola Principal da Brava para a Praia, tendo-se designado de Escola Central da Praia e englobava o ensino primário e secundário (Trigueiros, 2010). Também conhecido por Liceu Nacional de Cabo Verde, foi criado pelo Governador Interino Januário Correia de Almeida, e publicado em Boletim Oficial no final de 1860. Infelizmente este Liceu encerrou logo no final do seu primeiro ano letivo por falta de docentes e pelos baixos salários auferidos.

Quanto ao ensino primário, este proliferou em todo o Arquipélago em sequência da legislação, mas também fruto da boa vontade e empenho de particulares nas diferentes ilhas. Segundo nos relata Ana Mafalda Pereira:

Os Particulares que mesmo sem serem habilitados para o magistério preparavam crianças, jovens e adultos que posteriormente seriam avaliados nas escolas oficiais possibilitando (...) aos pobres e àqueles que viviam longe das escolas, o acesso à instrução. (Pereira, 2015, p. 316)

Apontamos como curiosidade particular da ilha sobre a qual recai o nosso estudo, que o decreto Lei de 14 de agosto de 1845 também teve os seus efeitos na Boa Vista, pois em 1848 a Câmara requereu 2 mestres para a Boa Vista. Sendo oficial que em 1856 existiam “escolas para os dois sexos na Boa Vista” (Lima, 2017, p. 352).

O Regulamento das Escolas Particulares de 1872 também contribuiu para uma maior integração da população estudantil, tendo sido *alargada a mulheres e a adultos*, inclusivamente em horário pós-laboral (Brito Semedo *apud* Trigueiros, 2010, p. 47).

Uma instituição que se destacou como pioneira no Arquipélago, foi a Escola Camões, “primeira escola municipal exclusiva do sexo feminino”, iniciada em 1879 e inaugurada no dia 10 de junho de 1880, no Mindelo, com “44 alunos femininos”, segundo nos informa Trigueiros, citando Brito-Semedo, “na parte traseira do edifício, (...) foi instalada, em 1882, uma Biblioteca Municipal, por iniciativa do Presidente da Câmara” (Brito Semedo *apud* Trigueiros, 2010, p. 49)

As instituições de ensino proliferaram e em “1889 existiam 56 escolas primárias para três mil alunos em todo o território de Cabo Verde”. Esse número aumentou para “73 escolas para quatro mil alunos, em 1898” (Furtado, 2008, p. 13), “das quais 47 eram régias, 16 municipais e 10 particulares” (Trigueiros, 2010, p. 47).

Comparativamente, “em 1960, o número de estabelecimentos de ensino era de 234, sendo 85% destes pertencentes ao ensino primário” (Furtado, 2008, p. 15). O que terá estado na origem desta mudança? Segundo Carvalho, “o ensino e a alfabetização, como condições de progresso social, integraram o ideário cabo-verdiano, no primeiro quartel do século XX.” (2007, p. 61).

É nesse contexto que é feita a primeira reforma educativa republicana, através do Decreto de 29 de março de 1911 que preconiza o ensino “obrigatório para todas as crianças, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os sete e os catorze anos” (*ibidem*: 81-82). A partir de dados recolhidos pela autora citada, esta reforma não pode ser cumprida, pois “a situação real da colónia [Cabo Verde] não era compatível com a utopia da reforma.” (Carvalho, 2007, p. 82). No entanto, o problema do analfabetismo foi sempre considerado importante e quando passou a ser um impeditivo para os emigrantes com destino aos Estados Unidos, tornou-se premente a urgência de alfabetizar a população, que segundo dados recolhidos pela “estatística oficial de 1911 publicada em 1912 no *Boletim da Província*.” (Carvalho, 2007, p. 63) se situava entre os 85% e os 95% da população da colónia.

(...) nos Estados Unidos vai ser proibida por lei a entrada dos emigrantes que não mostrem falar e escrever a sua língua. Esta proibição equivale a estancar quasi completamente a emigração para os Estados Unidos, porque a grande maioria da população deste Arquipélago é constituída por analfabetos. (*Revista da Educação*, nº 2, Julho de 1913, p. 140 *apud* Carvalho, 2007, p. 63)

Neste contexto, emerge um pedido feito por uma Sociedade de Estudos Pedagógicos, que solicita ao “Governo da República que se desenvolvessem as escolas oficiais que já existiam, que se criassem outras em locais mais afastados ou se recorresse a escolas móveis, bem como ao ensino particular.” (Carvalho, 2007, p. 63). Isso aconteceu, com prevalência nas escolas das ilhas de maior emigração para os Estados Unidos, como sendo a Brava e o Fogo, através da criação de cursos noturnos para a escolarização de adultos e combate ao analfabetismo.

Na senda do que temos vindo a analisar sobre a igualdade de direitos concedida aos cidadãos de sexos diferentes, verificamos que tal como na metrópole era feita a separação de classes: havia de raparigas e de rapazes, mas por motivo de “baixa

densidade da população escolar” poderia haver classes mistas, conforme investigação de Carvalho.

Artigo 1º: São criadas três escolas de instrução primária na Província de Cabo Verde, sendo uma para o sexo masculino (...) outra para os alunos do sexo feminino (...) e outra para ambos os sexos na Povoação Velha, da Ilha da Boa Vista. (Boletim Oficial, nº 12, 22 de Março de 1913, p.102 *apud* Carvalho, 2007, p. 98).

É importante confrontar os dados anteriormente recolhidos com uma outra fonte, o jornal *A Voz de Cabo Verde* que, quatro anos depois desta divulgação, constatava como “era vergonhoso numa freguesia de sete mil almas não existisse uma só escola para o sexo feminino” (Carvalho, 2007, p. 98), referindo-se à justiça que fora feita em se ter criado, apenas nesse ano, uma escola na Calheta de S. Miguel, em Santiago.

Outra forma encontrada para que as meninas tivessem escola foi criar instituições educativas com recurso ao regime de internato, conforme anúncio no *Boletim Oficial*, (nº 46, 14 de Novembro de 1925, p. 354 *apud* Carvalho, 2007, p. 225):

Internato para meninas

Recebem-se alunas em idade escolar que pretendam frequentar o Instituto Cabo-verdiano de Instrução estabelecido nesta ilha. [S. Nicolau]

A política educativa do Estado Novo pouco traz de novo na busca de democratização do ensino. Tal como refere Carvalho, baseada em Nóvoa: “as reformas educativas foram pautadas por uma estratégia de compartimentação do ensino, que se manifestou pela separação dos sexos e grupos sociais.” (2011, p. 97). Na verdade, os programas do ensino primário são reformados em 1929 e foram publicados no *Boletim Oficial da Província* preconizando de alguma forma a igualdade de acesso à educação entre os cidadãos da colónia e da metrópole através da seguinte alínea: “O exame do 2º grau feito nesta colónia [Cabo Verde] dá ao aluno direito a matricular-se na metrópole”.

No entanto, o mesmo documento propõe que fossem postos em vigor os programas de instrução primária em vigor na metrópole, o que para a época representaria um fator de igualdade. Sabe-se, hoje em dia, que a não aceitação da diversidade cultural entre a metrópole e as colónias foi, e ainda é, um fator desencadeador de desigualdades. Esta

política prossegue com o propósito de “nivelar a equivalência em todo o império”, quando é emitido um Decreto, em 1947, cujo objetivo era “guardar a unidade do plano de ensino, em todas as parcelas da Nação Portuguesa.” Mais uma vez se insiste na uniformização do ensino, sob pena de se anular a cultura da colónia. E as medidas realmente igualitárias começam a surgir só em 1960, quando se dá “a obrigatoriedade da frequência escolar das crianças do sexo feminino.” (Carvalho, 2011, p. 111). Em 1968 também foi aprovado um Diploma que cria as escolas preparatórias nas cidades da Praia e Mindelo, tal como já existia em Portugal (*ibidem*, p. 113).

No dizer de Adriana Carvalho a “democratização” do ensino pecou por ser tardia e ironicamente, “a educação de todos e para todos chegou a Cabo Verde 7 dias antes do fim do regime do Estado Novo. Segundo a autora, o *Arquipélago*, de 18 de abril de 1974, noticiava: “Acaba de ser tornada extensiva às províncias ultramarinas a Lei nº5/73 sobre a Reforma do Sistema Educativo.” (*ibidem*, p. 114).

### **3.2. O ensino liceal ou secundário em Cabo Verde**

Em 1848 foi publicado no *Boletim Oficial* de 8 de abril, o “Estatuto do Ensino Liceal”. Depois vigorou para o ensino secundário o decreto de 29 de agosto de 1905, até à implantação da República. “O ensino liceal foi instituído na colónia pela Lei 701, de 13/6/1917, com 2 cursos: geral e profissional” (Carvalho, 2011, p. 95). Segundo alguns autores, os primórdios do ensino secundário na colónia cabo-verdiana tiveram início em 1866 quando se assiste à inauguração do Seminário em São Nicolau, institucionalizado pelo prelado D. José Luís Alves Feijó, responsável pela Diocese de Cabo Verde, cumprindo assim o decreto de 3 de setembro de 1886, conforme a *Lei 12 de Agosto de 1856* que “esclarece que o Seminário de Cabo Verde deveria ser instituído no ponto que parecer mais conveniente” (Neves, 2017, p. 132). Este Seminário destinava-se a formar alunos para a carreira eclesiástica, bem como para o ensino e manteve-se durante várias décadas como único estabelecimento de ensino secundário desta colónia. Pelo facto de ser vocacionado apenas para discentes do sexo masculino, a dado momento da história

a sua existência foi questionada, nomeadamente na imprensa nacional, tal como nos relata Ana Mafalda Pereira:

Um dos temas abordados nesses periódicos era o ensino, nomeadamente o Seminário Liceu, O Liceu Nacional de Cabo Verde em relação ao qual sempre existiu uma divergência de opiniões sobre a sua existência, acabando, inclusive, por se transformar num “dos grandes cavalos de batalha” da imprensa cabo-verdiana da época, a luta contra o analfabetismo, a instrução da mulher cabo-verdiana com vista a sua emancipação, entre outros. (Pereira, 2015, p. 109).

Assim, após 51 anos de existência, o Seminário-Liceu de São Nicolau foi encerrado pelo Decreto-lei de 13 de janeiro de 1917 e substituído pelo Liceu Nacional de Cabo Verde, inaugurado no Mindelo a 19 de novembro deste mesmo ano. Este foi o único liceu que existiu em Cabo Verde até 1960 (Furtado, 2008, pp. 14-15).

Inicialmente apelidado de Liceu Nacional de Cabo Verde ou Liceu Infante Dom Henrique, em 1937 passou a designar-se de Liceu Gil Eanes, do qual se criou uma secção em 1955, na Praia, destinada à população da região de Sotavento.<sup>17</sup> Este liceu ganhou autonomia e em 1960 foi inaugurado, passando a designar-se de Liceu Adriano Moreira que depois da independência ficou a ser conhecido por Liceu Domingos Ramos até aos dias de hoje. Quanto ao Liceu de São Vicente, depois da independência passou a designar-se por Liceu Ludgero Lima, funcionando ainda na cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente. Isto significa que até à data da independência existiam apenas 2 liceus em Cabo Verde, um em cada uma das regiões administrativas: Barlavento e Sotavento.

### **3.3. O ensino no período pós-independência**

A educação em Cabo Verde não era exatamente para todos, sendo que apenas uma minoria da população tinha acesso à mesma. Foi durante os anos que se seguiram à independência que passou a haver um enorme investimento da parte dos sucessivos governos em criar condições de igualdade social. Testemunho disso é o “Relatório à

---

<sup>17</sup> O Arquipélago de Cabo Verde divide-se em duas regiões: Barlavento (que inclui as ilhas a Norte do país: Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Sal e Boa Vista) e Sotavento (Maio, Santiago, Fogo e Brava).

Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres” (Cabo Verde, 2007), que nos informa sobre os anos subsequentes à independência.

46. A República de Cabo Verde proclamou solenemente a sua independência em 5 de julho de 1975, rompendo com o colonialismo e tornando-se uma nação livre, soberana, unitária e democrática. (...)

47. Em 13 de outubro de 1980, a primeira Constituição Política da República de Cabo Verde foi aprovada estabelecendo os princípios, as políticas e disposições que seriam aplicadas no país. (Cabo Verde, 2007, pp. 51-52).

O art.44º da Constituição da República legisla sobre o direito à educação em todos os níveis de escolaridade obrigatória. Dois meses após a Constituição, a 5 de dezembro de 1980, a República de Cabo Verde ratificou o tratado estabelecido entre 21 países sobre a Eliminação da Discriminação contra as Mulheres.

56. Foi sob a égide desta Constituição de 1980 que foi ratificada a Convenção sobre a Eliminação de todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres, em 5 de Dezembro de 1980. Esta Convenção foi acolhida *in totum* na ordem jurídica interna cabo-verdiana (...) (*ibidem*, 2007, p. 54).

Este relatório a que tivemos acesso dá-nos conta dos ganhos obtidos pela jovem República Cabo-verdiana no que concerne à igualdade de acesso ao ensino pelas mulheres, conforme o exposto:

282. A situação concreta do ensino demonstra que os esforços feitos pelos governos de Cabo Verde a fim de permitir que as mulheres acedam a todos os níveis de ensino deram e estão a dar frutos. O número de meninas e meninos nos diversos graus do sistema educativo é praticamente equivalente. (*ibidem*, 2007, p. 103).

Atualmente, segundo informações estatísticas do ano letivo 2016/17, publicadas pelo Ministério da Educação de Cabo Verde em outubro de 2017, foi possível elaborar o seguinte quadro:

Nível de ensino	Nº de escolas	Nº de professores	Total de alunos	Masc. %	Fem.%
Pré-escolar	566	1 262	22 905	50,2%	49,8%
Ensino Básico	413	3 016	62 494	52%	48%
Ensino Secundário	44	3 210	50 889	48,1%	51,9%
TOTAL	1023	7 488	136 288	50,1%	49,9%

Tabela 1: Estatísticas do Ano Letivo 2016/17. Fonte: Ministério da Educação de Cabo Verde, 2017.

Verifica-se que em termos de número de total de alunos a frequentar os estabelecimentos de ensino em Cabo Verde, há uma enorme equidade entre os sexos, o que corrobora os resultados da análise do Relatório da CEDAW, anteriormente apresentados.



Figura 3: Dados estatísticos sobre professores no ano letivo 2016/17. Fonte: Ministério da Educação, in facebook.com/ine.caboverde.com)



Figura 4: População de Cabo Verde comparativamente à população mundial. Fonte: INE Cabo Verde.

Se tivermos em conta que a população de Cabo Verde é de 537661 habitantes, dos quais 49,8% são mulheres, então podemos concluir que a percentagem de alunos e alunas em idade escolar está de acordo com a percentagem da população do país, existindo uma equidade entre ambos os sexos no acesso ao ensino em Cabo Verde.

## **PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO**

---

## 1. Apresentação do estudo empírico

Este trabalho teve por objetivo principal relatar o modo como uma sala de aula com estantes e manuais escolares pode ser transformada em Biblioteca Escolar. Queremos frisar que este percurso continua em desenvolvimento, mas no presente estudo, que tem naturalmente um período temporal de realização determinado, pretendemos dar conta de todo o processo inicial que conduziu à metamorfose de um espaço dentro do recinto escolar que não servia o propósito a que se destinava e se transformou num local atrativo para toda a comunidade escolar.

Como mencionámos na introdução, o nosso ponto de partida foi recuperar a sala que já existia com a finalidade de ser a biblioteca da escola.

Numa primeira fase, foi necessário despertar a consciência dos professores, alunos e encarregados de educação para a problemática que tínhamos em estudo: recuperar a biblioteca da escola. A estratégia usada passou por apresentar a nossa intenção no seio dos 50 professores da escola secundária onde se realizou esta experiência, pretendendo-se mostrar o importante papel que uma biblioteca pode desempenhar no sucesso dos alunos e cativá-los para um envolvimento no processo de transformação.

Dos objetivos que estabelecemos para o nosso estudo empírico, tal como ficou expresso na introdução, recuperamos aqui os dois que se articulam de forma mais estreita com a componente empírica:

- Apresentar um projeto de criação de uma Biblioteca Escolar para a Escola Secundária da Boa Vista.
- Acompanhar o Projeto e verificar os ganhos concretizados.

No contexto do desenvolvimento deste percurso, vamos dar conta aqui de vários aspetos envolvidos na intervenção realizada. Em primeiro lugar apresentamos o contexto de estudo, depois os resultados de um questionário aplicado aos professores da escola, analisando-se os principais aspetos que emergem, nomeadamente em relação à biblioteca da escola. Relatamos também um conjunto de atividades e ações

que foram desencadeadas no sentido de, paulatinamente, se ir implementando uma verdadeira biblioteca na escola em que exercemos a nossa atividade docente.

## **2. Aspetos Metodológicos**

Este trabalho teve como orientação metodológica primeiramente a escolha de um objeto de estudo e a análise exploratória do nosso ponto de partida, apresentando reflexões teóricas e enquadrando o contexto que pretendíamos examinar.

### **2.1. Caracterização do tipo de estudo**

O nosso trabalho pretendeu seguir um fio condutor que articulasse as informações recolhidas e apresentadas em teoria, com os aspetos práticos que desejamos aplicar. Assim, se ficámos a saber a importância de uma Biblioteca Escolar no contexto não apenas de uma escola, nem de uma Comunidade Educativa, mas sobretudo numa Sociedade que se quer atual e moderna, pretendemos que essa Biblioteca seja uma realidade na escola sobre a qual recai o nosso trabalho.

O tipo de estudo que realizámos parte do geral para o particular, ou seja, analisando as vantagens da implementação de uma Biblioteca Escolar, a nível global, vamos aplicar esses conhecimentos a nível particular, na escola que seleccionámos para ser o nosso objeto de estudo.

À luz das teorias propostas por diversos autores, citados por Bruce W. Tuckman no *Manual de Investigação em Educação* (2012), consideramos esta nossa pesquisa como uma investigação qualitativa, e constituindo um estudo de caso, pelas características que passamos a elencar.

Segundo Bogdan e Biklen (1992 *apud* Tuckman, 2012, p. 676) as cinco características principais de uma investigação qualitativa são as seguintes: “(1) A situação natural constitui a fonte dos dados, sendo o investigador o instrumento-chave da recolha dos mesmos.” Na nossa investigação a situação natural, ou o nosso objeto de estudo é a sala da biblioteca de uma escola secundária, em Cabo Verde.

“(2) Nesse tipo de estudo a (...) primeira preocupação é descrever e só secundariamente analisar os dados” (*ibidem*), tal como foi feito na nossa investigação: procurámos descrever a realidade que contextualiza e circunda o nosso objeto de estudo, quer através do relato da situação atual das bibliotecas, seguida de uma breve perspetiva do ensino em Cabo Verde e por fim de uma apresentação do contexto do nosso objeto de estudo: enquadrando-o social e historicamente no espaço e no tempo e também integrando-o no contexto escolar.

“(3) Os investigadores envolvem-se eles próprios no processo de investigação, ou seja, envolvem-se com acontecimentos que aparecem como produto ou resultado final.” (*ibidem*). Consideramos este tópico como fundamental na nossa investigação, pois é devido ao envolvimento que nós, como investigadores, temos com a biblioteca da escola que esta se tornou o nosso objeto de estudo. Para além de que este estudo tem como perspetiva uma futura intervenção no terreno.

“(4) A análise dos dados privilegia os métodos indutivos como se as partes de um *puzzle* fossem reunidas em conjunto.” (*ibidem*). Na nossa análise dos dados, procurámos incluir os temas abordados ao longo da exposição teórica, integrando todas as partes de modo a podermos encontrar um fio condutor na nossa linha de pensamento.

Finalmente, a última característica proposta dita que: “(5) os investigadores se centrem essencialmente naquilo que as coisas significam, ou seja, no *porquê* dos acontecimentos e no *que* aconteceu” (*ibidem*). Assim é a nossa investigação: descrevemos o porquê do estado de coisas e apresentamos o que aconteceu até à data da nossa intervenção, propondo, no final, uma mudança.

Procurámos integrar a nossa investigação na metodologia proposta por Dobbert (1982 *apud* Tuckman, 2012, p. 686), que segmenta as etapas da metodologia da investigação etnográfica em seis tópicos principais que destacamos e relacionamos com o nosso trabalho de uma forma direta e intrínseca. A “formulação das questões de investigação” foi o primeiro passo da nossa investigação, apresentado o nosso objeto de estudo e as preocupações que o mesmo nos suscitava e que “nos levava a essas questões”. Foi realizada uma “investigação fundamental (background) e teoria que nos” ajudou “a

refinar as questões”. Posto isto, avançámos para a “construção do *design* da investigação” seguindo os subtópicos propostos pelo mesmo autor.

Passamos a apresentar o nosso *design* de investigação com recurso a um quadro que nos permitiu controlar e aplicar de uma forma sistemática a teoria exposta.

### A construção do *design* da investigação

a) Conhecimento da situação antes da entrada do investigador em campo.	A situação de abandono e de aproveitamento inadequado em que se encontrava a biblioteca durou 4 anos letivos consecutivos.
b) Como se realizou a entrada inicial.	No ano letivo de 2016/17 o investigador decidiu frequentar o Curso do MGIPE da Universidade Aberta, para se munir de ferramentas para observar e intervir na sala da biblioteca.
c) Como é que o investigador teve consciência da situação.	O investigador fazia parte da escola onde a biblioteca era usada apenas como sala de aula.
d) Como é que a presença do investigador foi explicada aos participantes (explicação do papel do investigador).	Os participantes da investigação tiveram conhecimento da mesma, através de uma reunião de Preparação Metodológica na escola, onde foi explicado em plenário o objeto de estudo (a biblioteca), os objetivos do estudo (conhecer a real situação da biblioteca e traçar estratégias para a sua mudança) e o papel de um colega seu de escola, como investigador.
e) A especificação de cada técnica de investigação utilizada.	Consideramos as seguintes técnicas de investigação: - Recolha de dados e informação, através de bibliografia e webgrafia; - Análise SWOT da sala da biblioteca; - Avaliação da Coleção da Biblioteca; - Aplicação de questionários aos professores da escola em estudo.
f) As relações entre o investigador e os intervenientes na situação.	A relação existente é de trabalho, ou seja, lecionam na mesma escola, onde se realiza o estudo.
g) Os problemas enfrentados, a sua disposição final e os seus efeitos sobre a validade e a finalidade.	Não consideramos ter havido problemas que afetassem a disposição final ou os efeitos sobre a validade e a finalidade da investigação. A necessidade do estudo e intervenção urgente de que carecia a sala de biblioteca funcionaram como um fator de coesão no seio dos professores que se disponibilizaram de imediato em participar no estudo, mas também posteriormente em participar ativamente na instalação da Biblioteca.

Quadro 3: A construção do *design* da investigação. Fonte: elaboração da nossa responsabilidade, baseada em Dobbert, 1982 *apud* Tuckman, 2012, p. 686.

As etapas da metodologia de investigação, consignadas por Dobbert (1982 *apud* Tuckman, 2012), incluem ainda “a apresentação dos dados”, feita neste estudo, que

engloba a referência à apresentação dos dados aos professores, igualmente em plenário, para que tomassem conhecimento dos resultados do questionário a que responderam. Com este procedimento pretendeu-se, como mencionámos em anteriores momentos, mobilizar para as ações que se consideravam ser necessário implementar.

Finalmente, as conclusões do estudo também fazem parte das etapas e serão pontos de partida para uma intervenção eficaz e permanente de como que o nosso objeto de estudo, a biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista, se transforme numa verdadeira Biblioteca Escolar.

### **3. Contexto de estudo**

#### **3.1. Contextualização histórica da ilha da Boa Vista**

A ilha da Boa Vista, uma das 9 ilhas habitadas do Arquipélago de Cabo Verde, terá sido descoberta no ano de 1460, mas mesmo esta data não será consensual, nem tão pouco quem foi o descobridor que primeiramente terá aportado à ilha da Boa Vista, conforme alerta Kasper:

Não existem, portanto, documentos que provem com exatidão a data da descoberta da Ilha da Boa Vista. Provavelmente, a primeira Ilha descoberta por António da Noli foi “Mais” (nome antigo para Maio), depois “San Jacomo” (=Santiago) e “San Filipe” ou San Felipo (=Fogo), mais tarde – em 3 de Maio de 1460? – São Cristóvão ou “S. Christhovam” e, por conseguinte, “Bonavista” (=Boa Vista) e a “Ilha Lana” ou “Lhana” (=Sal). (Kasper, 1987, pp. 35,36)

Assim como não existe uma data exata para a descoberta da Ilha, também não se sabe ao certo quem terá sido o seu descobridor, apesar de se atribuir a António da Noli a autoria dessa descoberta, António Germano Lima (2017) problematiza a questão apontando os quatro possíveis navegadores que poderão ter aportado à Boa Vista, a saber: Vicente Dias, António de Noli, Luís de Cadamosto ou Diogo Gomes, concluindo o que teria sido, segundo ele, o descobridor da ilha: “consideramos Luís de Cadamosto o descobridor mais provável das ilhas orientais de Cabo Verde e, conseqüentemente, da ilha da Boa Vista, e, 1456, como ele mesmo narra na sua “Relação de Navegação II”.”

(Lima, 2017, p. 49). Para corroborar a sua tese, o historiador boa-vistense transcreve o relato deste navegador:

Neste sentido, a primeira referência sobre a presença humana na ilha da Boavista fê-la Luís de Cadamosto, um dos seus prováveis descobridores, no seu relato de viagem “Navegação II”, impresso pela primeira vez em Veneza em 1507. No seu relato, diz Luís de Cadamosto que, ao aportar a ilha da Boavista, em 1456, enviou à terra dez homens, “[...] pelo que, foram e não acharam senão que aquela ilha não era habitada a não ser por uma quantidade de pombos, os quais se deixavam apanhar à mão, não sabendo que coisa fosse o homem. (Lima, 2017, p. 62)

A ocupação da Boa Vista não terá sido feita de imediato e no dizer do autor, no início “dependeu exclusivamente do aproveitamento de um dos seus produtos naturais, que constituiu, aos olhos dos primeiros colonos, o seu principal potencial económico: o pasto, que proporcionou a criação de gado, para fins económicos” (Lima, 2017, p. 63).

Segundo dados recolhidos por Kasper (1987, p. 38), a primeira colonização da Boa Vista terá ocorrido a partir do século XVII, tendo-se fixado a população na Povoação Velha. É muito interessante verificar que a ilha da Boa Vista conheceu um aumento exponencial da sua população em 70 anos (de 1650 a 1720), mas como nos explica Kasper, nas suas notas, este aumento deveu-se à imigração para a ilha e não a uma explosão demográfica. Assim, “até ao ano de 1720, a população da Boa Vista aumentou seis vezes mais e contava, então, com cerca de mil habitantes” (*ibidem*, p. 38).

Posteriormente a população ter-se-á deslocado para o interior da ilha, fixando-se junto à bacia hidrográfica, conhecida por Ribeira do Rabil, onde era possível criar gado e praticar a agricultura, por ser um terreno fértil e com reservas de água. No entanto, e tendo em conta os estudos realizados por Lima, não foi encontrado “qualquer registo sobre a data da fundação da povoação do Rabil”, mas no “início do século XIX já era, porém, um importante centro para a época e no contexto da Boavista” (Lima, 2017, p. 85).

Segundo Kasper, uma nova mudança aconteceu porque “a Boa Vista conheceu um importante desenvolvimento das actividades comerciais, o que estará certamente ligado ao facto do aglomerado principal ter mudado de Rabil para Sal-Rei (chamava-se antes Porto Inglez) em 1820” (1987, p. 45). A causa dessa mudança está relacionada com

a exploração das salinas existentes na atual cidade de Sal-Rei, que deve ao seu nome à qualidade do sal dali extraído. Conforme Lima: “O topónimo “Sal-Rei” tirou-o do excelente sal das salinas próximas do porto que, por isso mesmo, granjeara o epíteto de Rei, por isso “Sal-Rei”” (2017, p. 94). Aponta-se também como motivo da mudança do centro populacional para Sal-Rei a facilidade de carga e descarga dos produtos no porto e em consequência o estabelecimento de comerciantes nessa localidade. Assim sendo, Sal Rei ter-se-á tornado “sede administrativa em 1820 e, mais tarde (...) sede paroquial. A sede da freguesia em Sal-Rei passaria a chamar-se de Santa Isabel cerca de 1857, altura em que terá sido construída a igreja de invocação à Santa.” (Lima, 2017, p. 88).

Sal-Rei é uma povoação que foi evoluindo pela procura de comerciantes que aportavam à ilha, movimentando a cidade e fazendo aumentar a sua população, quer pela fixação de residência própria, como atestam a presença de muitas casas senhoriais que remontam a esta época, quer pelos escravos que eram trazidos da costa de África para trabalhar nas salinas e transporte do sal.

Kasper afirma: “Sal Rei tornou-se rapidamente a localidade mais importante de todo o Arquipélago” e acrescenta: “Em 1834 chegou mesmo a ser feita a proposta de fazer de Sal Rei a capital de Cabo Verde” (1987, p. 46). Corroborando esta tese, apresenta-se como argumento, que enfatiza a importância da Boa Vista nesta época, o facto do 1º número do *Boletim Oficial do Governo-Geral da Província de Cabo Verde* ter sido lançado em Sal-Rei a 24 de agosto de 1842.

Esta prosperidade da ilha foi interrompida por uma epidemia de febre-amarela (Lima, 2017, p. 397) que dizimou muitos habitantes da ilha, tanto nativos como estrangeiros, e levou à fuga da ilha, do Governador, que aí tinha fixado residência, altos funcionários estrangeiros e nacionais. O Diretor da Alfândega também se mudou para a ilha do Sal, desviando assim o centro nevrálgico do comércio. Segundo relatos da época, esta epidemia terá levado a um declínio económico da ilha, do qual teve imensas dificuldades em recuperar.

Em meados do século XIX, chega à Boa Vista uma família de judeus, oriundos de Rabat, os irmãos Benholiel, Abraão e Isaac, que dinamizaram o comércio e assumiram o monopólio de uma grande parte das riquezas da ilha. Esta família deixou marcas da sua

presença, nas casas conhecidas em Cabo Verde como Sobrados<sup>18</sup>. Como curiosidade se apresenta o Sobrado da família Benholiel, que foi adquirido pela Câmara Municipal da Boa Vista e onde funcionava a “Escola de Música”. Em 2001, este edifício foi consumido pelas chamas, tendo sido recuperado pelo município e onde funciona atualmente a Biblioteca Municipal, a Escola de Música Olímpio Estrela e o Quintal da música Pedro Magala.

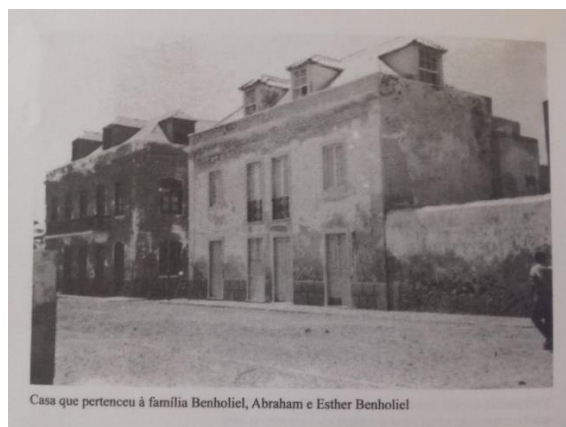


Ilustração 1: Foto da casa da família Benholiel, antes do incêndio de 2001. Fonte: Correia, 2015, p. 166.



Ilustração 2: Fachada do edifício recuperado depois de 2001. Atual Biblioteca Municipal e Escola de Música. Fonte: fotografia tirada por nós (2017).

Foi David Benoliel (1872-1950), filho de Esther e Abraão, o que porventura terá deixado a sua marca mais indelével, tendo mandado construir, entre 1935 e 1938 (Lima, 2017,

---

<sup>18</sup> Lima dedica uma parte do seu estudo à referência dessas casas senhoriais que ainda existem em Sal-Rei.

p. 373), uma capela cristã, dedicada a Nossa Senhora de Fátima em honra da sua esposa e com isso ficado perpetuado na memória coletiva do povo. Acrescente-se ainda que, segundo Correia (2015, p. 76), “em 1897, David Benholiel é nomeado pela primeira vez professor interino na freguesia de Santa-Isabel, em Sal-Rei, ilha da Boa Vista, conforme informação do *Suplemento ao Boletim Oficial, Ano, 1917. Nº21.*”

Em suma, a ilha da Boa Vista tem conhecido momentos de prosperidade, mas ao longo da sua história sempre foi vetada ao abandono, tanto das autoridades portuguesas, durante o período colonial, como das espanholas, durante a vigência filipina, como no pós-independência, onde se verifica a periferia da ilha em relação à capital. Esta afirmação é tanto mais verdadeira quanto em diversos momentos da história houve fomes cíclicas e nem sempre as autoridades puderam intervir no sentido de minorar as consequências dessas catástrofes provocadas pela falta de chuva.

### 3.2. Caracterização da ilha da Boa Vista

De seguida se procede a uma breve apresentação da ilha da Boa Vista na atualidade.

Boa Vista (também escrito Boavista) é uma ilha do grupo do Barlavento de Cabo Verde. De todas as 10 ilhas do arquipélago, é a situada mais a leste, distando apenas 455 km da costa africana.

A sua superfície de 620 km<sup>2</sup> torna-a a terceira maior ilha do país, depois de Santiago e Santo Antão. Tem cerca de 31 km de norte a sul e 29 km de leste para oeste. A maior povoação da ilha é a vila de Sal Rei, com cerca de 2500 habitantes.<sup>19</sup>

A partir de informações disponibilizadas no *site* da Associação Nacional de Municípios de Cabo Verde, de 1940 a 2010 a população quase triplicou, conforme quadro que ora se reproduz. Realça-se, porém, que estes dados não são exatamente coincidentes com os dados de Kasper (1987, p. 52). No entanto, as diferenças são pequenas e os dados

---

<sup>19</sup> Associação Nacional dos Municípios de Cabo Verde Disponível em: <http://www.anmcv.com/Munic%C3%ADpios/BoaVista/Hist%C3%B3ria.aspx> [Consultado a 3 de abril de 2018]

são simples indicadores de como a população na Boa Vista se manteve quase inalterada até ao final do século XX, verificando-se o aumento na primeira década deste século.

População de Boa Vista (concelho de Cabo Verde) (1940–2010)							
1940	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010
2779	2985	3263	3569	3372	3452	4209	6233

Tabela 2 Evolução da População da Boa Vista (1940-2010). Fonte: Kasper, 1987, p. 52

O grande *boom* da Boa Vista verificou-se na 2ª década do século XXI, em que a população aumentou devido à internacionalização do aeroporto, em 2007, e construção de unidades hoteleiras, que trouxeram investidores, turistas e trabalhadores em busca de emprego nos hotéis, conforme gráfico seguinte:

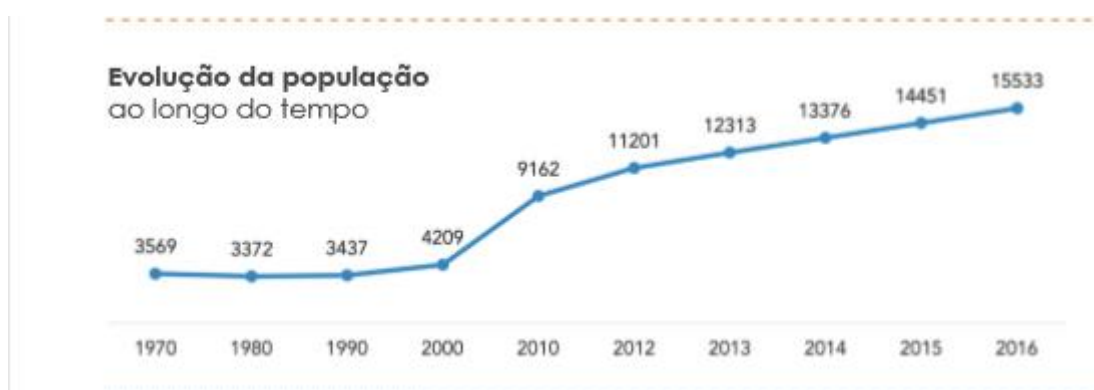


Gráfico 1: Evolução da população da ilha da Boa Vista. Fonte: INE, 2016.

Segundo os últimos dados do Instituto Nacional de Estatística de Cabo Verde, recolhidos em 2016, a população residente na ilha da Boa Vista é de 15 533 habitantes, representando 2,9% da população de Cabo Verde. Com base nesses dados, verifica-se que 58,8% dessa população é de sexo masculino, contra 41,2% do sexo feminino e que a média de idades se cifra em 29 anos, ou seja, uma população extremamente jovem.

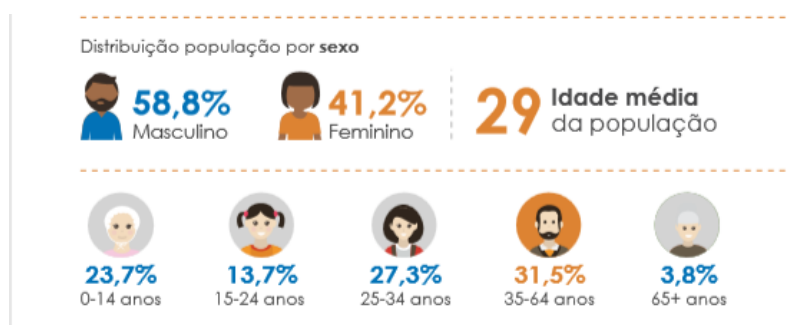


Figura 5: População da Boa Vista. Fonte: INE, 2016.

Um aspeto muito importante desta estatística prende-se com a origem dos habitantes da Boa Vista. Tal como em tempos idos o aumento demográfico deveu-se a migrações de outras ilhas para esta e imigração tanto de europeus como de africanos, oriundos de países da costa de África e que aqui buscam trabalho, conforme se verifica nos dados consultados: 56,1% da população é oriunda de outro concelho, 12,8% da população é imigrante, sendo que a população da Boa Vista é de apenas 31,1%, ou seja, menos de um terço da população total da ilha. (Fonte: INE, 2016).

No que tange os números relacionados com a Educação, os dados do INE apontam para uma Taxa de Alfabetização bastante elevada, conforme a figura que se segue.

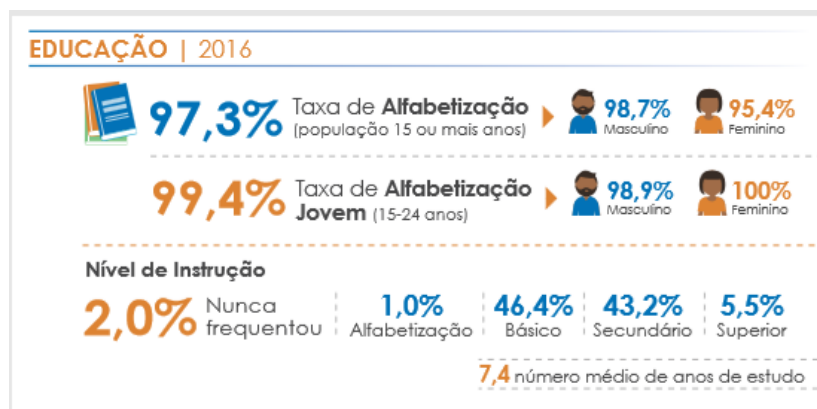


Figura 6: Dados sobre Educação na Boa Vista. Fonte: INE, 2016.

Quanto ao nível de instrução, o mesmo folheto do INE aponta para os seguintes dados: O número médio de anos de estudo da população ronda os 7,4 anos. No entanto destaca-se que 2% da população nunca frequentou a escola, 1% é considerada

alfabetizada, 46,4% frequentaram o Ensino Básico<sup>20</sup>, 43,2% possuem o Ensino Secundário<sup>21</sup> e 5,5% da população da ilha da Boa vista possui diploma do Ensino Superior (Vieira, 2012).

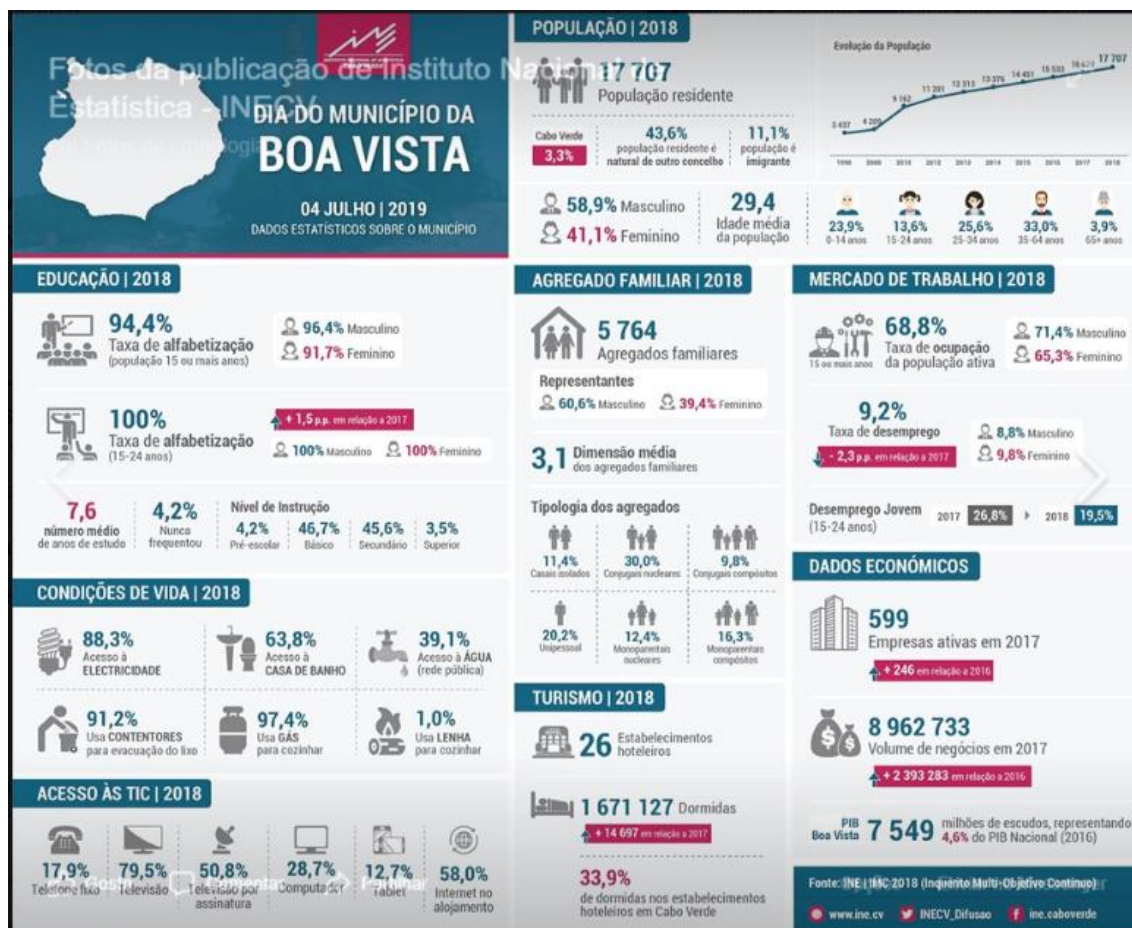


Figura 7: Dados estatísticos sobre a Boa Vista (Fonte: INE Cabo Verde, 2018)

<sup>20</sup> O Ensino Básico Integrado em Cabo Verde (EBI) é de 6 anos escolares. Decreto-Lei nº 32/2009, de 14 de setembro.

<sup>21</sup> Considera-se o Ensino Secundário do 7º ao 12º ano de escolaridade, Decreto-Lei nº 32/2009, de 14 de setembro.

### 3.3. Caracterização da Escola Secundária da Boa Vista

A Escola Secundária da Boa Vista situa-se na cidade de Sal Rei, capital do Concelho da Boa Vista, uma das 9 ilhas habitadas do arquipélago da República de Cabo Verde.

#### 3.3.1. Descrição física da escola

A ESBV conta, em 2017/18, com 21 salas de aula, 1 Secretaria, 1 sala de Direção, 1 sala de Subdireção, Cantina, Biblioteca (que funciona como sala de aula), 1 Laboratório de Físico-Química, 1 Laboratório de Biologia e Ciências Naturais, 1 sala de Informática, 1 Anfiteatro (em construção) e 1 polivalente (em construção).



Ilustração 3: Vista da entrada da ESBV até 2017.<sup>22</sup>



Ilustração 4: Entrada da ESBV em 2018<sup>23</sup>



Ilustração 5: Vista aérea da ESBV durante as obras de ampliação (5ª fase)<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> Foto disponível em:

[https://www.google.cv/search?q=escola+secund%C3%A1ria+da+boa+vista&rlz=1C1PRFI\\_enPT725PT725&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKewiqhJKXl7DZAhWL-qQKH5AeUQ\\_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgrc=jinDcwiCyKWMfM](https://www.google.cv/search?q=escola+secund%C3%A1ria+da+boa+vista&rlz=1C1PRFI_enPT725PT725&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKewiqhJKXl7DZAhWL-qQKH5AeUQ_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgrc=jinDcwiCyKWMfM) [Consultada em 18 de fevereiro de 2018]

<sup>23</sup> Foto nossa, tirada em 03.04.2018.

<sup>24</sup> Foto disponível em:

[https://www.google.cv/search?q=uniforme+da+escola+secund%C3%A1ria+da+boa+vista&rlz=1C1PRFI\\_enPT725PT7](https://www.google.cv/search?q=uniforme+da+escola+secund%C3%A1ria+da+boa+vista&rlz=1C1PRFI_enPT725PT7)

### 3.3.2. Missão e símbolos da ESBV

A Escola Secundária da Boa Vista tem como missão oferecer aos jovens em idade escolar (dos 10 aos 18 anos) a possibilidade de estudarem na sua ilha de residência, sem que necessitem de se deslocar para outras ilhas com esse fim.

Durante o ano letivo 2017/18, a oferta educativa deste estabelecimento educativo engloba os alunos de 5º ano da cidade de Sal Rei, bem como os alunos do 7º ao 12º ano, oriundos de todas as povoações da ilha.

Os alunos do 5º ano foram integrados no espaço da escola secundária devido à reforma implementada pelo Ministério da Educação cabo-verdiano que adotou o conceito de agrupamentos de escola. O 6º ano não foi abrangido pela Reforma e por isso continuou a ser lecionado numa escola de Ensino Básico Integrado (EBI).

O logotipo da Escola Secundária da Boa Vista baseia-se na forma da ilha, contendo a imagem de 2 livros, dispostos perpendicularmente, conforme a figura abaixo.



Figura 8: Logotipo da Escola Secundária. Fonte: direção da ESBV

Este logotipo é um dos símbolos da instituição que ora se descreve e ele é ostentado nas fardas dos alunos da escola. Em Cabo Verde, os alunos que frequentam o ensino público são obrigados a trajar uniforme constituído por camisa “pólo” de manga curta de cor creme e calças de cor castanha, tanto para o sexo masculino, como para o sexo feminino. Existe ainda um equipamento específico para as aulas de Educação Física constituído por *T-shirt* de manga curta e calções de cor azul escuro e com o símbolo da escola estampado.

### 3.3.3. Contexto histórico da ESBV

A Escola Secundária da Boa Vista foi criada no ano letivo de 1996/97, com o intuito de oferecer a possibilidade de prossecução dos estudos liceais aos jovens boa-vistenses, eliminando assim a necessidade dos estudantes e suas famílias se deslocarem para outras ilhas, onde havia ensino secundário e era possível concluir o 12º ano, tal como na ilha do Sal, de São Vicente ou de Santiago.

A Escola Secundária da Boa Vista iniciou funções por ordem ministerial de José Luís Livramento, pela intervenção da Delegada do Ministério da Educação e Desporto, Dália Benoiel, com uma parceria da Câmara Municipal, com cerca de 100 alunos distribuídos por 4 turmas de 7º ano e com 9 professores, sob a direção de uma Comissão Instaladora composta por: Mário Almeida, como diretor, Amílcar Costa e Emanuel Silva.<sup>25</sup> Salienta-se que o edifício da escola não foi criado de raiz para servir o fim a que se destinava. O primeiro edifício utilizado para as aulas do ensino secundário fora anteriormente construído para o Ensino Básico Complementar e era composto por quatro salas de aulas, uma Oficina de Trabalhos Manuais, a Sala da Direção, a Sala de Professores, a Secretaria, casas de banho para alunos e para professores. Oferecia ainda a possibilidade da prática desportiva no Pavilhão Desportivo *Djindjung*, situado ao lado da escola e construído na mesma época. Este último era constituído por uma placa para a prática de andebol e futebol de 5, bem como de bancadas para os espetadores.

A ampliação da Escola Secundária da Boa Vista dividiu-se em fases, obedecendo cada uma dessas fases às necessidades sentidas ao longo do tempo de existência do liceu.

Em 1997 foram construídas quatro salas a cerca de 50 metros das primeiras, com o propósito de aumentar a oferta a outros níveis de ensino. No ano de 1998/99 funcionaram na Escola Secundária da Boa Vista o 7º ano, o 8º ano e o 9º ano em regime diurno e o 7º ano em regime noturno, curso organizado por iniciativa de Amílcar Costa, 2º Diretor da ESBV: 1998-2000.

---

<sup>25</sup> Informação facultada por Mário Almeida, 1º Diretor da ESBV (1996-1998), Dália Benoiel, Delegada do Ministério da Educação e Desporto (1991-1998) e Emanuel Silva, da Comissão Instaladora 1996/97.

Em 1999/2000 já esta escola contava com quatro níveis de ensino do 7º ao 10º ano (sendo os 7º e 8º anos no período da manhã e os 9º e 10º anos, no período da tarde).

Os diferentes níveis de ensino da escola funcionavam apenas no período da manhã ou no período da tarde, para que os alunos que se deslocavam do interior da ilha não tivessem de passar o dia inteiro longe de casa. Inicialmente, os transportes públicos eram escassos e os alunos tinham de se deslocar em carros alugados, as “pick-up’s”, viajando muitas vezes sentados na caixa do carro, onde eram colocados bancos de madeira. Realça-se que atualmente existe um autocarro que faz o transporte dos alunos, realizando 4 viagens por dia: 2 de manhã e 2 à tarde.

Destaca-se, e a título de curiosidade, no final dos anos 90, as turmas eram compostas por cerca de 40 alunos, podendo atingir o limite de 45 discentes dentro de uma sala de aula. Desta forma se procedeu à democratização do ensino em Cabo Verde, e concretamente na ilha da Boa Vista.

A ESBV continuou a evoluir e a partir do ano letivo de 2000/2001, sob a direção de José Pedro Marques, 3º Diretor da ESBV: 2000-2002, implementou-se o 11º ano da Via Geral, com a criação de 2 turmas na área de Humanísticas. Isto foi possível devido à construção de mais sete salas de aula e de uma Sala de Informática.

No ano letivo de 2004/2005, sob a direção de Benvindo Mendes Neves, 4º Diretor da ESBV: 2003-2006, foi criada a opção de Económico Social na escola, seguida da abertura da opção de Ciência e Tecnologia em 2005/2006.<sup>26</sup> Esta última deveu-se à inauguração de dois laboratórios: um de Físico-Química e outro de Ciências Naturais e Biologia. Nesta fase da construção foram também contempladas a Cantina e a Biblioteca, bem como casas de banho para alunos, incluindo também casa de banho destinada a pessoas com Necessidades Educativas Especiais.

---

<sup>26</sup> Informação facultada por Abel Ramos, Subdiretor Administrativo da ESBV 2017/18

### 3.3.3.1. O nome da escola

A instalação desta escola foi feita no edifício onde funcionava anteriormente o, hoje extinto, Ensino Básico Complementar, cujo nome: *Padre Porfírio Pereira Tavares* havia sido atribuído sob proposta do Grupo Recreativo e Cultural “27 de Setembro”, em 1989<sup>27</sup>.



Ilustração 6: Foto do Diploma atribuído à Escola Padre Porfírio Pereira. Fonte: direção da ESBV.

O edifício foi então batizado sob a égide de um Padre que também desempenhou as funções de professor e viveu na ilha da Boa Vista, aqui deixando uma prole de 14 filhos entre os quais aquele que veio a ser o 1º Presidente da República de Cabo Verde: Aristides Maria Pereira.

Estando a escola em obras de ampliação no decorrer deste trabalho, aguarda-se pelo término das mesmas para uma inauguração do espaço e com ela o batismo definitivo desta instituição.

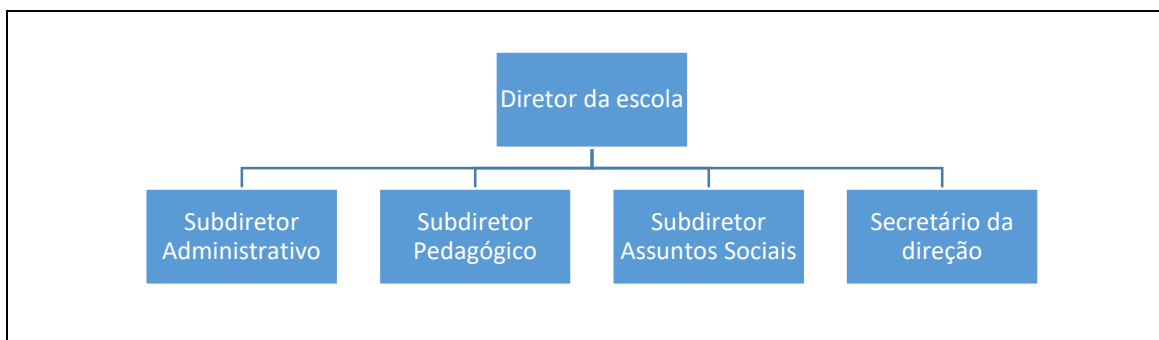
---

<sup>27</sup> Disponível em:

[file:///C:/Users/Utilizador/AppData/Local/Packages/microsoft.windowscommunicationsapps\\_8wekyb3d8bbwe/LocalState/Files/S0/319/Proposta\\_Nomes%20Ruas%20Boavista\[3552\].pdf](file:///C:/Users/Utilizador/AppData/Local/Packages/microsoft.windowscommunicationsapps_8wekyb3d8bbwe/LocalState/Files/S0/319/Proposta_Nomes%20Ruas%20Boavista[3552].pdf). [Consultado em 18 de fevereiro de 2018]

### 3.3.4. Organização administrativa e didático-pedagógica

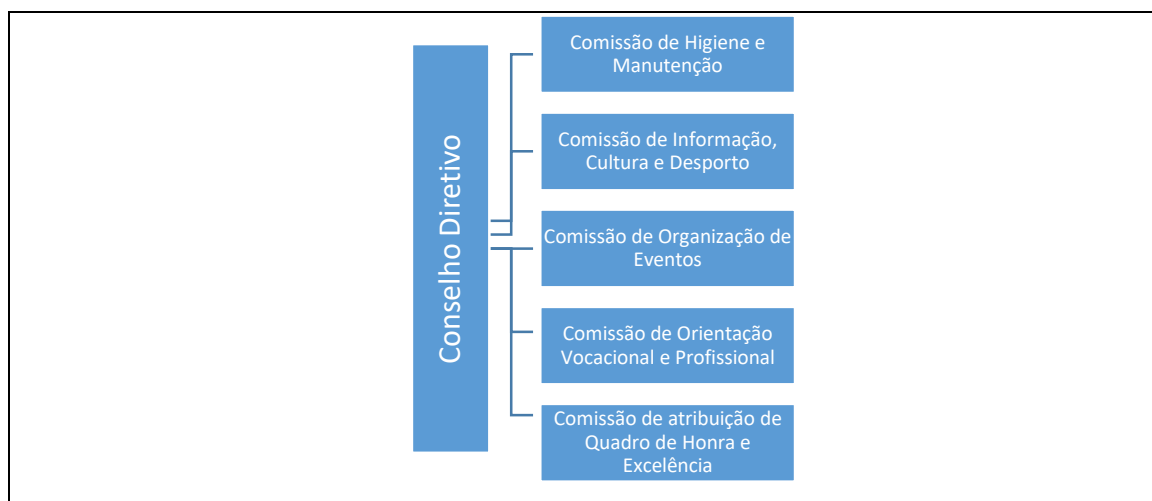
A organização administrativa da Escola Secundária da Boa Vista está a cargo de um Conselho Diretivo, liderado por um Diretor nomeado pelo Delegado Escolar ou pelo Ministro da Educação, que escolhe para a sua equipa: um Subdiretor Pedagógico, um Subdiretor Administrativo, um Subdiretor de Assuntos Sociais e um Secretário.



Organograma 1: Conselho Diretivo da ESBV. Fonte: Baseado na Lei de Bases do Sistema Educativo, 2010.

A par do Conselho Diretivo existe também um Conselho de Disciplina, que tal como o nome indica, vela para que se cumpram as regras de boa convivência entre alunos e entre estes e os professores dentro do recinto escolar. Este órgão tem um caráter preventivo e também punitivo, fazendo executar sanções por não cumprimento do estabelecido nas normas do Estatuto do Aluno ou no Regulamento Interno da Escola. É constituído por professores, um representante dos pais, um representante dos alunos, um representante dos auxiliares de ação educativa e um secretário.

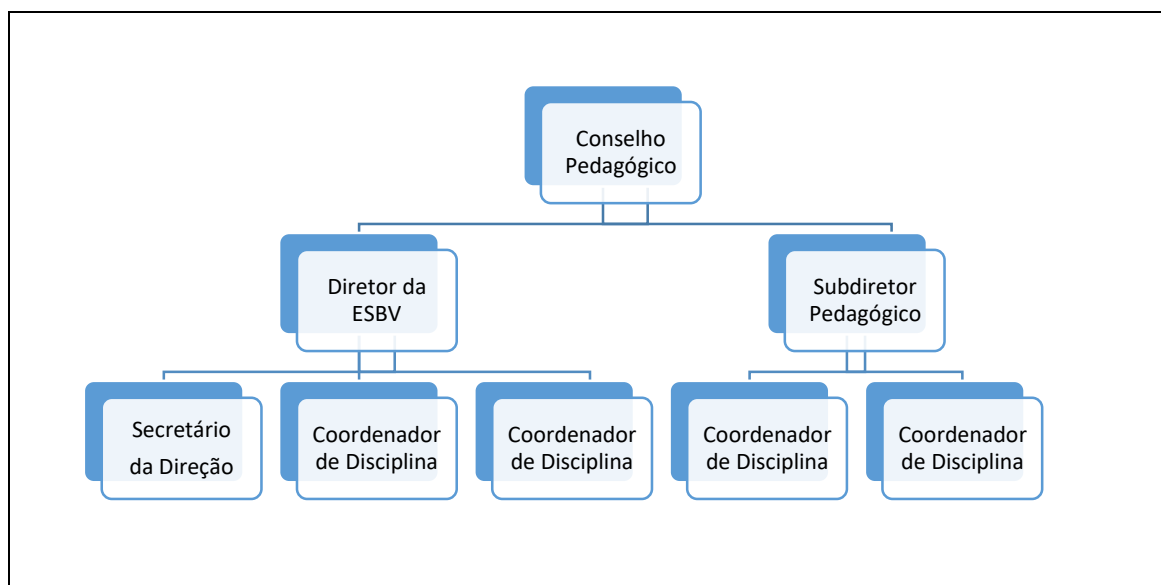
Sob a jurisdição do Conselho Diretivo, existem diversas comissões cujas tarefas são atribuídas no início do ano letivo aos professores por incumbência da Direção. Estas Comissões destinam-se a fazer com que sejam realizadas atividades extracurriculares. Existem atualmente na Escola Secundária da Boa Vista cinco comissões, conforme organograma apresentado no Esquema 2.



Organograma 2: Comissões da ESBV. Fonte: Baseado na Lei de Bases do Sistema Educativo, 2010.

A Escola Secundária da Boa Vista, tal como o consignado na Lei de Bases do Sistema Educativo, Decreto Legislativo, nº 2/2010, de 7 de maio de 2010, possui um Subdiretor Pedagógico que tem como funções: a distribuição de Professores, a elaboração de turmas e de horários, a coordenação do Conselho Pedagógico, a verificação do cumprimento dos programas junto dos Coordenadores de Disciplina e a assistência às aulas, entre outras tarefas. No final do ano letivo, também cabe ao Subdiretor Pedagógico, em conjunto com o Diretor, a avaliação anual dos professores, que consiste no preenchimento de uma Ficha de Avaliação Docente onde constam os itens acerca dos quais os professores são avaliados.

Desta forma, sob a superintendência da figura do Subdiretor Pedagógico encontram-se os Coordenadores Disciplinares ou de Disciplinas afins, eleitos pelos seus pares, ou no caso de algumas disciplinas, nomeados em regime de rotatividade. O Conselho Pedagógico reúne mensalmente, ou, pelo menos, uma vez por trimestre.



Organograma 3: Conselho Pedagógico. Fonte: Baseado na Lei de Bases do Sistema Educativo, 2010.

Os Coordenadores de Disciplina reúnem semanalmente com os seus colegas para verificarem o cumprimento dos programas, para elaborarem os testes de avaliação e trabalhos didáticos, para organizarem atividades no âmbito das suas disciplinas, quer em aula, quer como extracurricular. Tudo o que se realiza na escola passa pela Coordenação Disciplinar e é consertado em equipa, na maioria das vezes.

Os Coordenadores ao longo do ano devem assistir às aulas dos colegas e vice-versa, juntamente com o Subdiretor Pedagógico, no sentido de melhor conhecer os métodos e estratégias dos colegas e assim poderem discutir formas de melhorar o processo de ensino-aprendizagem.

### 3.3.5. Caracterização do perfil dos professores

A Escola Secundária da Boa Vista conta, no ano letivo de 2017/18, com um total de 50 professores de nacionalidade cabo-verdiana distribuídos, segundo o género, em 15 professores do sexo masculino e 35 do sexo feminino.

No que tange a idade dos professores da instituição que ora se analisa, verificamos que a maior parte dos professores (58% dos docentes) pertencem a uma faixa etária bastante jovem (entre 26 e 35 anos). O gráfico nº 2 ilustra a distribuição etária.

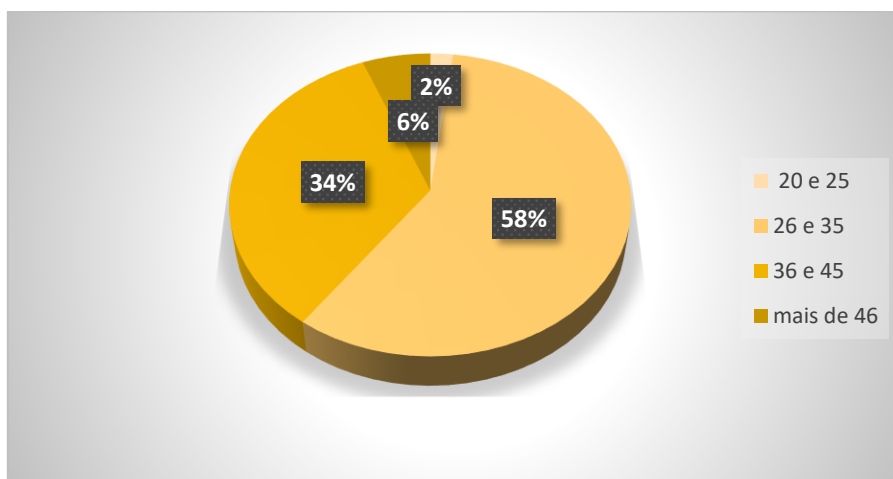


Gráfico 2: Média de idade dos docentes da ESBV. Fonte: questionário realizado aos professores.

### 3.3.6. Caracterização do perfil dos alunos

Na Escola Secundária da Boa Vista estudam no ano letivo de 2017/18: 974 alunos, dos quais 462 são do sexo masculino e 512 do sexo feminino.

Durante o ano letivo em que se efetuou este questionário houve uma mudança no curriculum dos alunos do 5º ano, sendo introduzidas disciplinas como o Inglês e o Francês, Educação Física e Educação Artística em regime de pluridocência, o que levou a que as seis turmas fossem integradas na Escola Secundária. Os alunos de 6º ano não foram abrangidos por esta reforma e por esse motivo não integraram as instalações da Escola Secundária. Estas mudanças também se prendem com a adoção do Sistema de Agrupamentos que entra em vigor apenas em 2019, pelo Decreto Lei nº 9/2019, de 22 de fevereiro de 2019.

Os alunos que frequentam a ESBV encontram-se distribuídos pelos seguintes níveis de ensino: no 5º ano, dos 169 alunos, 91 são do sexo masculino e 78 são do sexo feminino; no 7º ano, dos 241 discentes, 128 são do sexo masculino, contra 113 do sexo feminino; no 8º ano dos 183 alunos, 81 são do sexo masculino e 102 são do sexo feminino; no 9º ano, dos 176 discentes, 83 são rapazes, contra 93 raparigas; no 10º ano, do total de 91 alunos, apenas 32 são do sexo masculino contra 59 do sexo feminino; no 11º ano, há um certo equilíbrio de género novamente, dos 55 alunos, 28 são rapazes e 27 são raparigas,

finalmente no 12ºano dos 59 discentes, 19 são do sexo masculino e 40 são do sexo feminino.

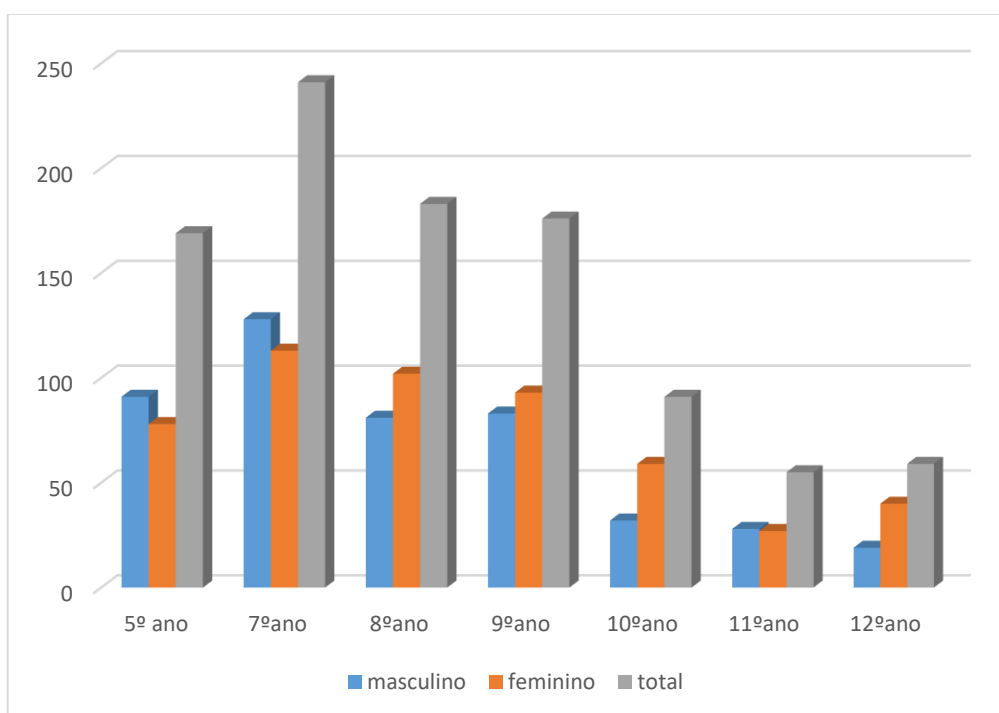


Gráfico 3: Distribuição de número de alunos por género e níveis de ensino. Fonte: Secretaria da ESBV.

### 3.4. Caracterização da Biblioteca da Escola

A Biblioteca da ESBV destina-se a um público de jovens em idade escolar, entre os 12 e os 18 anos, de nacionalidade cabo-verdiana, mas também de todas as comunidades de migrantes e nacionalidades de imigrantes que frequentam a escola. O espaço da Biblioteca foi criado no ano letivo de 2005/06, conforme informação já referida.

Anteriormente a Biblioteca funcionava numa sala de trabalhos manuais, com um acervo constituído maioritariamente por livros escolares oferecidos à escola através de um Programa de Cooperação entre Portugal e Cabo Verde, das câmaras do Seixal e Boa Vista, cidades geminadas. A organização da Biblioteca era bastante rudimentar, não havendo a possibilidade de requisitar livros para casa. Os livros estavam apenas disponíveis para uso dos alunos no espaço da Biblioteca.

Esses livros foram sofrendo sucessivas arrumações e muitos acabaram por se deteriorar e extraviar, apesar dos esforços das sucessivas direções que procuraram uma solução para o funcionamento da Biblioteca.

#### **3.4.1. O funcionamento da Biblioteca da Escola, ao longo da sua existência**

Ao longo dos anos de existência da Escola Secundária, à Biblioteca foi sendo dada uma importância relativa, conforme o Diretor que ocupou o cargo.

Inicialmente e aquando da fundação da escola, esta instituição beneficiou de uma doação da Câmara Municipal do Seixal, ao abrigo do Programa “Povos, Culturas e Pontes”. A maior parte desses livros eram manuais escolares, segundo informações de professores que participaram na fundação da escola.

Com o diretor José Pedro Marques houve uma tentativa de organizar os livros existentes na escola, mas como não havia ainda um espaço adequado para os colocar, nem estantes, os livros mantiveram-se dentro de caixotes aguardando por esse espaço.

Durante a direção de Benvindo Mendes Neves, foi inaugurado o espaço da Biblioteca e esta funcionou com uma equipa de professores cujo horário incompleto era completado com horas dedicadas à Biblioteca. Ainda sob a sua direção, foi destacado um professor para a Biblioteca, tendo havido melhorias devido ao aumento do número de horas de funcionamento da mesma, bem como ao apoio prestado aos alunos pelo bibliotecário. Este terá sido o Professor Bibliotecário “*avant la lettre*” que mais dinamizou o espaço. No entanto, devido à boa vontade do referido professor, muitos livros foram emprestados e nunca devolvidos, por não existir um sistema de controlo eficaz para o empréstimo dos mesmos.

Salienta-se o facto de não existir na Boa Vista uma única livraria, ou seja, na ilha era impossível comprar livros até 2017. Esta situação tem vindo a reverter-se pois a nível nacional também foram criadas duas livrarias particulares na ilha de Santiago, conhecidas pelos nomes de escritores cabo-verdianos dos primórdios da literatura crioula: a livraria Eugénio (Tavares) e a Pedro Cardoso. Atualmente, existem 2 espaços

camarários e um particular onde se podem encontrar livros, à venda, alguns editados pela Livraria Pedro Cardoso. A realidade é que é mais fácil adquirir um livro de um autor cabo-verdiano em Portugal, do que em Cabo Verde.

Com as direções seguintes não houve possibilidade de organizar a Biblioteca, pela falta de salas existentes na escola, ou seja, a Biblioteca tem funcionado como uma sala de aulas até ao ano letivo de 2017/18.

### 3.4.2. Espaço exterior da Biblioteca

A Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista é constituída por uma sala apenas, situada no 1º piso do Bloco 3 da ESBV.



Ilustração 7: Obras na ESBV (2016/17) Fonte: foto nossa.



Ilustração 8: Localização da Biblioteca da ESBV (assinalada com um ponto). Fonte: foto nossa.



Ilustração 9: Corredor de acesso à Biblioteca da ESBV. Fonte: foto nossa.



Ilustração 10: Entrada da Biblioteca da ESBV (vista do exterior). Fonte: foto nossa.

### 3.4.3. Espaço interior da Biblioteca

A sala tem quatro janelas em toda a extensão de duas das paredes, paralelas, o que lhe confere uma luz natural muito eficaz.



Ilustração 11: Entrada da Biblioteca da ESBV (vista do Interior). Fonte: foto nossa.



Ilustração 12: Interior da Biblioteca. Fonte: foto nossa.



Ilustração 13: Interior da Biblioteca. Fonte: foto nossa.



Ilustração 14: Foto do Interior da Biblioteca, funcionando como sala de aula. Fonte: Foto nossa.

Possui um total de seis estantes, com dez prateleiras cada e um armário embutido na parede. As quinze mesas, estão distribuídas pela sala e possui ainda vinte e oito cadeiras. Funciona neste momento como uma sala de aula, daí que possua uma secretária para o professor e um quadro de ardósia, assente provisoriamente numa secretária. Existem seis estantes organizadas por disciplina (Português, Inglês, Francês, Química, Física, Matemática e Biologia) e um armário embutido na parede.

Até ao ano letivo de 2017/18 a Biblioteca funciona como sala de aula, conforme se pode observar pela organização das carteiras e a presença de um quadro de ardósia.

## **4. Apresentação e análise dos resultados**

Como foi referido no ponto anterior, a componente de análise empírica contemplou fundamentalmente dois aspetos que apresentamos nos subcapítulos seguintes.

Primeiro, uma análise da situação atual da biblioteca, efetuada com base na ferramenta de análise SWOT para uma perspetiva mais global, e um olhar mais específico sobre o acervo da biblioteca, tendo em atenção as possibilidades que oferece aos seus potenciais utilizadores. Em seguida, os resultados da aplicação de um questionário aos professores com vista a identificar o seu entendimento sobre a biblioteca existente e as possibilidades de desenvolvimento futuro.

### **4.1 . Análise da Biblioteca Escolar**

#### **4.1.1. Avaliação da Coleção da Biblioteca**

A avaliação da Coleção é uma atividade que exige periodicidade e critério, ou seja, é necessário ser feita em períodos de tempo regulares e deve ser feita em parâmetros bem claros e comumente aceites por todos os interessados no sucesso da BE. A finalidade última da avaliação, verifica-se na afirmação de Massimo & Boado quando defendem que “evaluamos nuestra colección para averiguar su grado de adecuación a las necesidades de nuestros usuarios”(2002, p. 247)<sup>28</sup>. Segundo os autores, uma Coleção deve ter em conta as necessidades de quem utiliza a BE.

Segundo Bertrand Calenge (2004), só se pode definir uma coleção tendo em conta a comunidade em que esta se insere e os seus utilizadores, porque uma coleção é um conjunto coerente de documentos, coligidos para um fim específico, no quadro de prioridades sociais e cognitivas, definidas a nível coletivo e geridas num quadro material finito de espaços, orçamentos, tempo e competências.

---

<sup>28</sup> “Avaliamos a nossa coleção para averiguar o seu grau de adequação às necessidades dos nossos usuários” [tradução nossa]

A Coleção da Escola Secundária da Boa Vista, estando integrada dentro de uma Biblioteca de escola, é *suis generis* por diversos motivos: O primeiro prende-se com a localização. Esta Biblioteca existe em Cabo Verde, país constituído por dez ilhas habitadas, sendo esta uma das ilhas onde funciona apenas uma Escola Secundária dotada de uma biblioteca. A mesma não se encontra em rede, isto porque as bibliotecas escolares em Cabo Verde ainda não funcionam assim. Acresce ainda, que também não existe a figura do Professor Bibliotecário, pois não há legislação que consigne as suas atribuições.

A Coleção da Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista é composta exclusivamente por ofertas de livros que, desde o ano de 2005 (data da inauguração do espaço) até a esta data, têm sido feitas por diferentes instituições. Destacam-se as doações da Câmara Municipal da Boa Vista, do Centro Cultural Português, na cidade da Praia e de escolas do Concelho do Seixal, município português geminado com Sal Rei, capital da ilha da Boa Vista.

A referida Biblioteca está equipada essencialmente com manuais escolares, oferecidos pela Câmara Municipal da Boa Vista, resultado de doações de países estrangeiros com os quais têm acordos de cooperação. Soma-se a estes fatores a falta de verba para a aquisição de novos acervos, resultado da não existência de uma política orçamental que contemple o espaço destinado à biblioteca.

A Coleção existente na Biblioteca Escolar da ESBV é composta por livros, sem possuir qualquer material diverso, quer se trate de revistas ou de jornais, nem de materiais em suporte digital. Acresce ainda o facto de esses livros serem, na sua maior parte, manuais escolares doados à escola, sem que tenha havido qualquer critério na aceitação desses materiais. Outra parte dos livros, que se encontra na BE, resulta também de ofertas de Câmaras geminadas que muitas vezes partilham monografias e livros sobre os seus concelhos e freguesias.

A Biblioteca contém atualmente um acervo de 1140 livros, dos quais 956 são manuais e por isso não são considerados como parte da Coleção, restando apenas 184 livros,

passíveis de serem considerados como Coleção de uma Biblioteca Escolar. As seis estantes estão organizadas por disciplinas: Português, Inglês, Francês, Química, Física, Matemática e Biologia.

#### **a) Processo de Seleção**

O facto de a Coleção da Biblioteca depender exclusivamente de doações pode, por vezes, limitar a escolha dos títulos adequados ao interesse do público alvo sobre os temas disponíveis e até a qualidade dos acervos.

Tempos houve em que a Biblioteca recebeu manuais em segunda mão, recolhidos com muito boas intenções, mas com efeitos práticos desastrosos. Qual é o jovem que sente curiosidade por um livro já usado e escrito? Das inúmeras ofertas à ESBV, coube, sobretudo, manuais de diversas disciplinas e de diferentes níveis de ensino, muitas vezes chegando aos 20 e 30 livros iguais.

Segundo Póvoa (2008, p. 30), “o desbaste é um processo ainda mais importante na Gestão da Coleção das BE, pois os utilizadores principais são adolescentes e jovens que dificilmente se sentirão atraídos por uma coleção com aspeto deteriorado, desatualizado e visualmente pouco atrativa”. Pensamos que as ofertas de que somos alvo não são mais do que o resultado do desbaste, se não o abate, de Coleções em outras paragens. E com esta observação não se pretende demonstrar ingratidão pelo esforço despendido para colocar na Biblioteca da escola os referidos livros, apenas se constata uma realidade.

#### **b) Processo de Aquisição**

A aquisição de acervos pode ser feita por compra, troca ou oferta. No caso da Biblioteca a que reporta este trabalho, a aquisição é feita exclusivamente pelo processo de doação.

Posto o que foi apresentado não existem, de momento, muitas alternativas disponíveis para seleccionar os itens a adquirir. A Biblioteca continua a depender exclusivamente da boa vontade de outras bibliotecas e entidades interessadas em apoiar a nossa instituição.

É aqui que se insere uma nova perspetiva para o equipamento da Biblioteca, fruto de uma parceria com as Rotas Solidárias, sediada no Porto. Após ter sido criado um Programa de intercâmbio entre escolas, intitulado *Rota dos Livros*, 1000 livros foram oferecidos pela Biblioteca Municipal do Porto à Biblioteca da ESBV. No âmbito deste Programa, os alunos da Escola Secundária Alexandre Herculano, também ela na cidade do Porto, recolheram livros em segunda mão para enviar para a Boa Vista.

A seleção desses livros ficou a cargo da Bibliotecária e da responsável pelo referido Programa na cidade do Porto, por impossibilidade de se deslocar alguém da ESBV a Portugal. Mais uma vez a BE da ESBV foi beneficiada por uma doação de outra instituição.

#### **c) Processo de desbaste**

Segundo Póvoa (2008, p.27) “o desbaste surge devido a dois tipos de fatores: intrínsecos e extrínsecos à coleção. Os primeiros são determinados pela natureza e estado dos documentos (deterioração física) e pela qualidade da informação que veicula (atualidade, correção, adequação aos utilizadores e suas necessidades)”.

No que tange à BE que ora se analisa, a avaliação da Coleção a ser feita, segundo estes dois fatores propostos por Póvoa, levaria a um abate quase completo de todos os acervos, principalmente se tivermos em conta os fatores extrínsecos. Estamos em crer que a avaliação de uma Coleção para o desbaste deve ter em conta outros fatores como a contextualização da realidade social em que se insere uma Biblioteca.

Quanto à forma de desbaste, que a Biblioteca em análise pode levar a cabo, parece-me ser o da venda ao público em feiras de livro, promovidas pelo responsável da BE da referida escola, em parceria com entidades camarárias para que o evento seja exterior ao recinto escolar.

#### **d) Sugestões**

Não querendo deixar uma impressão negativa da forma como os processos de Aquisição e de Seleção se processam na BE da ESBV, quase sempre por doação, limitando assim a

escolha de acervo adequado ao público a que se destina, apresentam-se sugestões de como se pode alterar o real estado das coisas, executando algumas atividades que possam render um fundo monetário para a aquisição de outro género de livros:

- Promoção de feiras do livro usado com o objetivo de angariar fundos para a compra de livros mais atualizados e de acordo com os interesses da população estudantil;
- Promoção de atividades lúdicas e pedagógicas, em parceria com os professores para angariar fundos para a compra de livros;
- Promoção de atividades que divulguem e valorizem os livros existentes na BE, inculcando nos jovens o espírito de gratidão e de partilha;
- Execução de Projetos e solicitação de parcerias com editoras cabo-verdianas e com a Biblioteca Nacional.

#### **4.1.2. Análise SWOT da Biblioteca da Escola da Boa Vista**

A Análise SWOT é um instrumento de autoavaliação utilizado por muitas empresas. A sigla SWOT significa: **S**- Strengths (pontos fortes); **W**- Weaknesses (pontos fracos); **O**- Opportunities (oportunidades); **T**- Threats (ameaças). Em português do Brasil, este processo é conhecido por análise FOFA (Pontos Fortes, Oportunidades, Pontos Fracos e Ameaças). Este género de diagnóstico permite examinar o funcionamento da organização em causa através de um momento de reflexão introspetiva de modo a estabelecer novas estratégias e objetivos para otimizar as suas práticas e relações com os seus pares. Este processo subdivide-se em 2 tipos de avaliação, interna e externa.

As Bibliotecas Escolares podem utilizar este método para verificarem se estão a servir bem os seus utilizadores, se o seu modo de funcionamento está a ser eficaz, quais são os aspetos que carecem de mudança ou de melhoramento, que fatores externos podem constituir uma ameaça às suas práticas e que ligações devem ser estabelecidas, promovidas ou reforçadas com o meio envolvente.

A partir do quadro que se segue: quadro de análise SWOT da Biblioteca da ESBV, podemos elencar os desafios estratégicos da mesma. Considerando que as capacidades de “ação ofensiva” passam por utilizar as Forças para aproveitar as Oportunidades, verificamos que a sala de Biblioteca da Escola em estudo tem possibilidade de se tornar uma Biblioteca Escolar, pois as Forças de que dispõe e as Oportunidades de que goza permitem que se chegue a esse objetivo. A maior vantagem é o espaço amplo, arejado e bem iluminado, possuindo uma coluna ao meio que permite a divisão da sala em espaços separados pelas estantes existentes.

O empenho da Direção da escola, em concertação com o apoio da Câmara Municipal, são oportunidades fortes que é necessário manter. O Programa Rota dos Livros, que se assumiu como um forte parceiro da instituição que estudamos, muito pode contribuir para que as Forças superem as Fraquezas.

Para realizar a chamada “ação defensiva” neste processo, utilizando as Forças para neutralizar as Ameaças, há que ter em conta que certas ameaças não iremos conseguir mudar, mas que elas não podem ser impeditivas do funcionamento da Biblioteca. Por exemplo: o facto da mesma se encontrar no primeiro andar. De igual modo, não haver salas com o tamanho da Biblioteca e que fazem com que usemos o espaço como sala de aula, será resolvido com o término das obras do Anfiteatro, e não deve, por isso, constituir um impedimento. Cremos que a maior ameaça poderá ser a falta de um Professor Bibliotecário, aliado ao facto de não haver uma legislação que sustente a sua nomeação para o cargo. No entanto, consideramos que o empenho da Direção deva manifestar-se pela melhor distribuição dos horários dos professores que possa permitir aos que queiram colaborar com a Biblioteca o possam fazer. Por outro lado, achamos que, provisoriamente, se poderia nomear um Auxiliar de Ação Educativa para que o espaço da Biblioteca se mantivesse em funcionamento. Na nossa opinião, a Direção da Escola pode demonstrar o seu empenho tomando medidas que mudem o atual estado das coisas.

Quanto às Debilidades da sala da Biblioteca, apontamos o não aproveitamento das Oportunidades em função das Fraquezas. Neste caso consideramos que a sala sofre de um acervo reduzido e constituído praticamente por manuais escolares, mas que essa debilidade pode ser eliminada através da oportunidade em participar e beneficiar do Programa Rota dos Livros, que permitirá a renovação do acervo, ainda que em segunda mão, mas com títulos diversificados e adequados à faixa etária dos alunos. Outra Fraqueza da sala é não possuir mobiliário adequado, mas com o empenho da Direção e outros parceiros poderá vir a ter. No que tange o número de estantes disponíveis, poderá desenvolver-se atividades como a Feira do Livro Usado, para que os manuais com mais do que um exemplar possam dar lugar a espaço para um novo acervo. Julgamos que com esse lucro pode investir-se em cabides, escaparates e novos livros.

Na nossa análise SWOT, destacaríamos ainda as vulnerabilidades que constituem a incapacidade de enfrentar as Ameaças em função das Fraquezas. Consideramos que as ameaças à nossa Biblioteca são todas passíveis de ser contornáveis, pois apesar de não haver um Bibliotecário, nem professores com horários disponíveis, nem legislação ministerial, o simples empenho da Direção da Escola, com o apoio das entidades que possam ser envolvidas neste projeto, é suficiente para modificar o atual estado das coisas. Realçaríamos aqui a importância da divulgação deste Projeto, no seio de toda a Comunidade Educativa, para que haja mudanças e se consiga disponibilizar a Biblioteca aos professores e alunos da Escola em estudo, mas também de todo o Agrupamento, ainda que seja feita de uma forma provisória, mas eficaz.

### Quadro de análise SWOT da Sala de Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista

	FORÇAS / STRENGTHS	FRAQUEZAS/ WEAKNESSES
AMBIENTE INTERNO	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O espaço é muito amplo, arejado e bem iluminado;</li> <li>▪ O piso está em bom estado de conservação;</li> <li>▪ As paredes não se encontram sujas, necessitando apenas de pinturas alusivas ao espaço;</li> <li>▪ Existem estantes em bom estado de conservação;</li> <li>▪ A sala tem uma coluna ao meio que permite a sua divisão em quatro espaços;</li> <li>▪ Há um armário embutido na parede com porta que pode servir para armazenamento;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ O acervo é muito reduzido, está em mau estado e é constituído maioritariamente por manuais escolares;</li> <li>▪ O equipamento é insuficiente: há poucas cadeiras e mesas, não há sofás ou cadeiras confortáveis;</li> <li>▪ O mobiliário encontra-se muito degradado, nomeadamente as cadeiras estão em mau estado de conservação;</li> <li>▪ O número de estantes é reduzido;</li> <li>▪ As janelas são grandes, mas não se encontram seguras, ou seja, não fecham bem e não têm gradeamento;</li> <li>▪ Não existe um espaço para os alunos deixarem as mochilas;</li> </ul>
AMBIENTE EXTERNO	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ A direção da escola está empenhada em colocar a Biblioteca a funcionar;</li> <li>▪ Os professores e alunos estão sensibilizados e mostram-se empenhados em colaborar para que o espaço funcione;</li> <li>▪ Os pais e encarregados de educação também se mostraram disponíveis para colaborar;</li> <li>▪ Beneficia do Programa Rota dos Livros, das Rotas Solidárias sediada no Porto que promoveu o intercâmbio entre a ESBV e a Escola Secundária Alexandre Herculano;</li> <li>▪ Beneficia de oferta de livros da Biblioteca Municipal do Porto, conseguidos pelo Programa Rota dos Livros;</li> <li>▪ Tem o apoio da Câmara Municipal da Boa Vista;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Está localizada no primeiro andar;</li> <li>▪ Funciona como uma sala de aula;</li> <li>▪ Não existem outras salas de aula com o tamanho da Biblioteca, daí que seja usada como sala de aula;</li> <li>▪ Não tem Bibliotecário;</li> <li>▪ Não há professores com horários que permitam acumular as funções de Professor Bibliotecário;</li> <li>▪ Não existe legislação da parte do Ministério da Educação que valorize e regularize as Bibliotecas Escolares;</li> </ul>

Quadro 4: Análise SWOT da BE da ESBV. Fonte: elaboração da nossa responsabilidade, com base nas informações recolhidas durante o ano letivo 2017/18

Concluindo a análise que fizemos e com base nestas informações recolhidas, a partir da observação da Biblioteca, verifica-se que existe uma grande necessidade de organização do espaço físico da mesma, nomeadamente pela disposição das estantes, das cadeiras

e das mesas, que servem única e exclusivamente o propósito de lecionação, tal como atesta a presença de um quadro de ardósia, instalado provisoriamente numa das secretárias. Esta situação deve-se ao facto de não haver salas em número suficiente e com espaço para os alunos de turmas mais numerosas. Foi-nos informado que assim que for possível, a direção irá disponibilizar a sala, canalizando as aulas para outro espaço, a fim de que se invista num espaço que funcione como Biblioteca. Não haver um Bibliotecário ou uma equipa de professores a trabalhar e desenvolver atividades, advém do facto do espaço não estar a ser utilizado para o fim a que se destina.

O não funcionamento da Biblioteca em última instância, ou em primeira, dependendo do ponto de vista em que nos posicionamos: é que se não existe uma legislação que obrigue cada escola a possuir a sua Biblioteca Escolar, também não há forma de exigir que as escolas invistam os seus orçamentos em bibliotecas.

Tendo em conta este estado de coisas, a Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista tornou-se uma preocupação por parte de um grupo de professores, mas também pela pressão exercida pelos alunos que permanentemente mostravam o seu descontentamento e vontade de mudança.

## 4.2. Análise do questionário aos professores

Para melhor nos apoderarmos de informações sobre o que pensam os inquiridos acerca do tema do nosso estudo, optámos por usar o inquérito por questionário. E tal como afirma Tuckman (2012, p. 432) “Os questionários (...) ajudam os investigadores a transformar em dados a informação diretamente recolhida das pessoas (sujeitos de investigação)”.

Já aqui explicitámos o duplo objetivo da aplicação dos questionários para este trabalho: recolher informações acerca do que pensam os nossos inquiridos sobre a Biblioteca da escola que estamos a estudar e ao mesmo tempo despertar o interesse pelo debate e discussão de como reorganizar a nossa Biblioteca.

Como objetivos específicos apontamos os seguintes:

- Recolher as informações sobre os nossos inquiridos;
- Verificar em que medida os nossos inquiridos estão sensibilizados para a temática do nosso objeto de estudo;
- Encontrar pontos em comum nas informações recolhidas, que permitam estabelecer estratégias de atuação no nosso objeto de estudo.

O questionário foi realizado e aplicado com recurso à internet, via *Messenger*, através da ferramenta do Google Drive: formulário. Foi disponibilizado um link: <https://goo.gl/forms/t6ntjkg9VKZARi63>, com o título: Questionário aos Professores sobre a Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista que os professores abriram, preencheram e submeteram. Deste modo os dados foram armazenados no drive onde foi feito o tratamento dos mesmos.

O presente questionário destinou-se aos cinquenta professores a lecionar na Escola Básica e Secundária da Boa Vista, desde o 5º ao 12º ano, durante o ano letivo de 2017/18. Registou-se uma adesão de 100% dos professores inquiridos. Apenas não participaram professores do 6º ano de escolaridade porque no decorrer desse ano letivo estavam a lecionar noutra escola.

Este estudo foi realizado num período de transição para o sistema de agrupamento de escolas e no decorrer da introdução de uma reforma educativa para o 5º ano de escolaridade, daí que 6 turmas desse nível tivessem sido colocadas, a título experimental, no espaço da Escola Secundária. As turmas de 6º ano de escolaridade, por não se encontrarem abrangidas pela referida reforma, mantiveram-se nas escolas básicas a que pertenciam.

Por se tratar de uma escola com poucos professores decidiu-se que a totalidade dos docentes seria abrangida por este inquérito, até porque também seria uma forma de motivar os docentes.

O questionário, conforme pode ser verificado na matriz que foi elaborada (cf. Anexo 1: Matriz do questionário aplicado aos professores), integra 3 secções centrais:

- A - Caracterização dos inquiridos;
- B – Gestão e Organização da Biblioteca;
- C – Dinamização da Biblioteca Escolar.

Seguidamente apresentamos e analisamos os dados recolhidos através do questionário aplicado aos professores.

#### **4.2.1. Caracterização dos respondentes**

##### a) Faixa Etária Dos Professores

A idade dos professores foi a primeira questão para a caracterização do quadro de docentes da ESBV. Conclui-se que 60% dos docentes têm uma idade inferior a 35 anos. Este gráfico revela que a quase totalidade dos docentes desta escola é muito jovem. Muitos destes professores são recém-formados que aqui adquirem o seu primeiro emprego.

### Qual a sua idade?

50 respostas

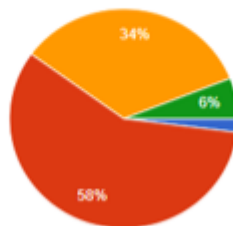


Gráfico 4: Caracterização dos docentes da ESBV por faixa etária.

Verifica-se que os docentes estão distribuídos da seguinte forma: apenas 1 dos professores tem idade compreendida entre 20 e 25 anos, ou seja, apenas 2% do total; 29 professores encontram-se na faixa etária entre 26 e 35 anos, representando a maioria, ou seja 58%; 17 docentes estão na faixa etária dos 36 aos 45 anos e apenas 3 professores possuem mais de 46 anos, perfazendo a percentagem de 6% dos inquiridos.

### b) Distribuição dos Professores por Sexo

#### Sexo

50 respostas

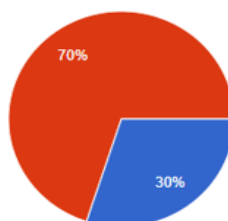


Gráfico 5: Distribuição dos professores da ESBV por sexo.

Partindo da segunda questão, conclui-se que o género que prevalece nesta instituição é o feminino, com 35 professoras, que representam 70% do corpo docente, contra 15 professores que representam apenas 30% dos docentes.

c) Disciplinas que lecionam os professores.

A questão seguinte procurou saber que disciplinas cada um dos inquiridos leciona, no entanto, ressalva-se que existem professores que lecionam mais do que uma disciplina e mais do que um nível. Assim, optámos por elaborar uma tabela com o número de professores por cada disciplina:

Disciplina	Nº prof	Disciplina	Nº prof	Disciplina	Nº prof
Português	7	E.P.C.	1	Ut. Comput.	2
Inglês	5	Psicologia	1	Ciências	2
Francês	5	Sociologia	1	Biologia	1
História	2	Matemática	6	Desen. Econ.	1
H.G.C.V.	2	Química	1	Economia	1
Geografia	1	Física	1	Geom. Desc.	1
Filosofia	1	Fís-Química	1	Desenho	1
Direito	1	Ed. Física	3	Ed. Artística	2
Total	24	Total	15	Total	11
TOTAL					50

Tabela 3 : Distribuição dos professores pelas disciplinas. Fonte: questionário aos professores da ESBV.

d) Níveis de ensino que leciona.

Da mesma forma que os professores lecionam disciplinas diferentes, também os níveis de ensino são diversificados. O mesmo professor pode lecionar, por exemplo: Geografia de 9ºano e Geografia de 11º e 12ºano, para que o horário de 22 horas semanais esteja completo.

### Níveis de ensino que leciona

50 respostas

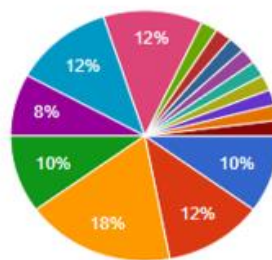


Gráfico 6: Distribuição dos Professores da ESBV pelos níveis de ensino que leciona.

A distribuição está feita da seguinte forma: 10% dos professores leciona apenas ao 5ºano, 12% leciona 7ºano; 18% leciona 8ºano; 10% leciona 9ºano; 8% leciona 10ºano; 12% leciona 11ºano e 12% leciona 12ºano. Deste gráfico também se conclui que 18% dos professores desta escola lecionam mais do que um nível.

#### e) Há quanto tempo leciona nesta escola?

### Há quanto tempo leciona nesta escola?

50 respostas

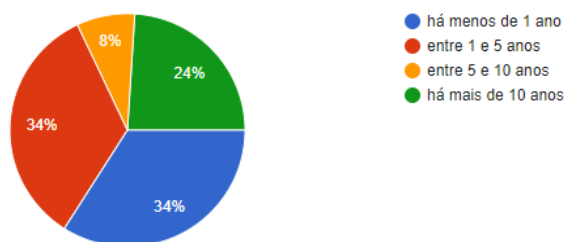


Gráfico 7: Distribuição dos professores pela longevidade da sua presença na ESBV.

A questão da longevidade da presença na escola permitiu-nos verificar que no gráfico que corresponde ao número de anos de presença na escola, apenas um quarto dos professores leciona neste estabelecimento de ensino há mais de dez anos, contra três quartos de professores que estão na escola secundária mais recentemente.

Nesta questão reforça-se a ideia de que o quadro docente desta escola é instável, sendo a maioria dos professores que aqui leciona professores em situação de primeiro emprego, deslocados das suas ilhas e que por esse motivo acabam por pedir transferência logo que possível.

#### 4.2.2. Gestão e Organização da Biblioteca

Nesta secção do questionário apresentamos na tabela seguinte os resultados de um conjunto de perguntas que pretendem recolher dados sobre o conhecimento dos professores em relação à BE da escola e ao uso que dela fazem.

Questão	Sim	Não
1. Conhece alguma biblioteca escolar?	88%	12%
2. Conhece o espaço da Biblioteca da ESBV?	92%	8%
3. Já usou a Biblioteca da ESBV?	52%	48%
4. Considera que a Biblioteca funciona adequadamente?	0%	100%

Tabela 4 : Questões sobre Gestão e Organização da Biblioteca da ESBV. Fonte: questionário aos professores da ESBV.

Na questão 1, verificamos que 88% dos inquiridos afirmou conhecer uma biblioteca escolar, contra 12% que afirma desconhecer. Tendo em conta que a totalidade dos professores da Boa Vista frequentaram uma Universidade, acreditamos que ao responderem afirmativamente estão a referir-se a bibliotecas universitárias. Os professores que responderam não (12%) talvez estejam a reconhecer que não conhecem o conceito de biblioteca escolar ou na sua experiência como professores ou mesmo previamente como estudantes não facultou o contacto com esse tipo de estrutura pedagógica.

Quanto à questão 2, sobre se os professores conhecem o espaço da Biblioteca da escola, justifica-se que 8% não o conheça porque na escola lecionam professores há menos de um ano e que por esse motivo seria natural que não conhecessem a Biblioteca, até porque não funciona como tal, como já foi referido anteriormente.

Na questão 3, partimos do pressuposto que há professores que já usaram a sala da Biblioteca para lecionar, uma vez que o espaço está disponível quer como sala de aula, quer como sala para reuniões com pais e encarregados de educação, para aplicação de testes ou para palestras, quando se pretende juntar turmas mais numerosas ou conjuntos de turmas.

Na questão 4, verifica-se que mesmo os professores que desconhecem a sala da Biblioteca responderam negativamente à questão sobre se achava que a Biblioteca funcionava adequadamente. A realidade é que se há professores que no segundo trimestre ainda desconhecem a Biblioteca é porque ela não funciona adequadamente, caso contrário promoveria atividades que a divulgassem e os professores reconheceriam o seu funcionamento.

Na questão seguinte pretendia-se que os docentes atribuíssem uma explicação ao não funcionamento da Biblioteca.

À questão 4.1 : se respondeu negativamente, qual o motivo para que a Biblioteca não funcione, os professores manifestaram as suas opiniões, conforme gráfico seguinte:

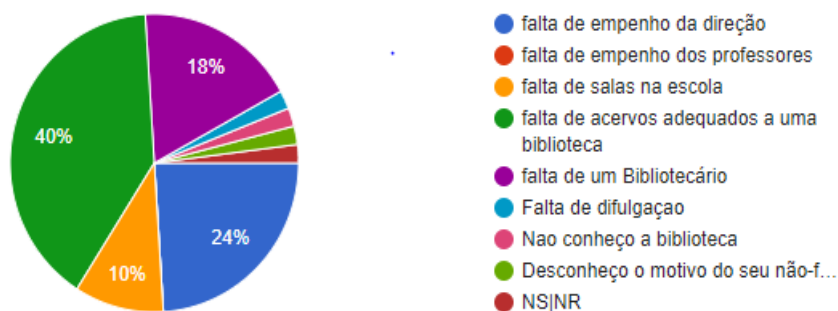


Gráfico 8: Motivos para o não funcionamento da Biblioteca, segundo os professores da ESBV.

Verificamos que, face às razões apontadas para o não funcionamento da BE, a maioria (quase metade) dos respondentes tem consciência de que o espaço destinado à biblioteca de facto não apresenta as condições para isso. Referem sobretudo a questão do acervo: 40% dos inquiridos, que corresponde a 20 professores, atribui o não funcionamento da biblioteca à falta de acervo.

A questão do apoio institucional, expressa nas razões “falta de empenho da direção” (24%) e “falta de um bibliotecário” (18%), também é apontada por quase metade dos inquiridos. Lembramos aqui a afirmação de Humberto Elísio Lopes acerca dos bibliotecários no arquipélago:

Reside no pessoal o principal problema das nossas bibliotecas. Em Cabo Verde existem poucos técnicos formados na área de biblioteconomia pelas seguintes razões: inexistência de uma sensibilização dos estudantes (...); ausência de uma “cultura bibliotecária”. O Bibliotecário é ainda visto como um funcionário que não precisa ser formado. (Lopes, 1999, pp. 60 e 61)

No entanto, se somarmos os motivos para o não funcionamento da Biblioteca numa perspectiva de recursos humanos, verificamos que cerca de 46% dos inquiridos atribui a causas humanas o não funcionamento desse espaço: “falta de empenho da direção” (24%), aliada à “falta de empenho dos professores (2%) e à “falta de um Bibliotecário” (18%). Neste ponto, há que recuperar os temas da cooperação e da colaboração referidos anteriormente, para fazer face às dificuldades em organizar um Projeto que possa equipar a Biblioteca com acervo atraente para os nossos alunos, mas também para os professores. Conforme já foi referido na fundamentação teórica deste trabalho, quando afirmámos que o sucesso da função do Professor Bibliotecário, mais do que a de qualquer outro professor, está dependente do nível de Colaboração que ele consegue atingir com a classe docente.

Os motivos que levam à dificuldade de Colaboração entre professores e professores bibliotecários têm sido apontados por estes últimos e são sobejamente conhecidos, mas Haycock resume-os em três queixas mais comuns dos PB:

1ª: não consigo convencer os professores da minha escola a colaborarem; 2ª eu adorava colaborar com os professores, mas eles não me veem como um parceiro e 3ª: os professores não fazem a mínima ideia do que eu faço ou do que eu posso fazer pelos seus alunos. (1999, *apud* Small, 2002 p. 3)

A estas dificuldades apontadas pelos PB, alia-se, no caso específico da Escola Secundária da Boa Vista, o facto de não haver legislação que defina o papel do Professor Bibliotecário, nem a obrigatoriedade por parte da direção da escola em definir um

professor responsável pela Biblioteca, pois ainda nada está legislado pelo Governo de Cabo Verde.

Aguardamos o desenrolar dos próximos acontecimentos, pois sabemos, pelas notícias também já partilhadas no contexto deste trabalho, que há um processo de implementação de uma Rede das Bibliotecas Escolares, bem como do Plano Nacional de Leitura.

Proseguimos na senda de averiguar quais os materiais que os professores consideram mais importantes para a Biblioteca, questionando-os acerca de que materiais de suporte escrito gostariam de ter ao seu dispor. Abaixo apresentamos uma tabela elaborada a partir dos resultados obtidos.

Materiais de suporte escrito	Percentagem de professores
Manuais Escolares	42%
Manuais de Apoio	2%
Livros didáticos	2%
Manuais didáticos	2%
Todos os tipos	2%
Enciclopédias	24%
Dicionários/Gramáticas	14%
Jornais/Revistas	10%
Livros de Banda Desenhada	2%

Tabela 5 : Tipos de materiais de suporte escrito preferidos pelos docentes da ESBV. Fonte: questionário aos professores da ESBV

A resposta a esta questão aponta para uma dimensão que merece a nossa atenção e que temos de articular com duas vertentes: o conceito de biblioteca que transparece e as condições dos professores para o exercício da sua função.

Em relação ao primeiro aspeto, verificamos que transparece uma visão muito tradicional da BE, já que a maior parte dos docentes inquiridos refere que a BE deveria ser reforçada com manuais escolares, manuais de apoio, livros didáticos e manuais didáticos, no seu conjunto representa 48% dos inquiridos. Se considerarmos ainda dicionários, gramáticas

e enciclopédias como material didático, então somamos mais 38% dos inquiridos, perfazendo 86% das necessidades de materiais com fins educativos. Na verdade, para apenas uma pequena minoria, 10%, a biblioteca deve ter uma componente informativa, ficando apenas 2% de quem considera que a biblioteca deve ter um caráter lúdico.

Como apontámos na parte de enquadramento, não é essa a perspetiva que se tem hoje para uma biblioteca escolar.

Missão da BE: A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem-sucedidos na sociedade atual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos estudantes, competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis. (IFLA, 2006, p. 3)

Embora esta questão merecesse ser mais aprofundada, e isso não foi possível fazer apenas através de um inquérito, pensamos que este aspeto se articula com as próprias condições dos professores, que têm poucos materiais de apoio para o seu trabalho. Neste sentido, questionamos se verão a BE mais do ponto de vista de apoio ao seu trabalho? Ou se estarão também a pensar nos alunos e consideram que mais manuais poderão ajudá-los a aprofundar alguns conhecimentos?

Importa ressaltar neste ponto que, tal como já foi referido, não existem livrarias na ilha da Boa Vista e não há uma política de fornecer manuais aos professores anualmente, no início de cada ano letivo, como acontece em Portugal. O Governo de Cabo Verde é que instituiu os manuais a serem adotados em todas as escolas e fornece esses manuais para venda, em todas as ilhas, a quantias que vão de cerca de 2€ a 4€ por manual. Isto acontece do 1º ao 8º ano de escolaridade (que constitui o ensino obrigatório). Para o ensino secundário não existe nenhum manual em nenhuma disciplina, vendo-se os professores obrigados a socorrerem-se de fotocópias, internet ou manuais que consigam fazer trazer de Portugal ou do Brasil. Esta é a realidade, daí que a necessidade de materiais didáticos seja tão premente.

Prosseguimos para a questão 6, da qual destacamos a mesma conceção da biblioteca escolar muito mais como um local de trabalho e aprofundamento do estudo, do que

propriamente como um espaço de lazer. Realçamos que a hipótese de disponibilização da *Playstation* não foi sequer considerada por nenhum dos inquiridos.

#### 6. Que materiais lúdicos acha que a Biblioteca poderia disponibilizar?

50 respostas

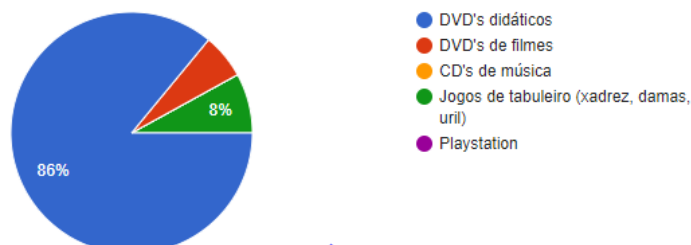


Gráfico 9: Tipos de materiais lúdicos que a biblioteca pode disponibilizar, segundo os professores da ESBV.

Na verdade, podemos também considerar que o conteúdo desta questão contém um certo contrassenso: questiona sobre materiais lúdicos e depois disponibiliza a hipótese de DVD's didáticos, que pressupõe uma política de ensino-aprendizagem de aprender, brincando. A verdade é que mesmo em se tratando de materiais lúdicos, a esmagadora maioria dos professores inquiridos 86% se inclina para DVD's didáticos, contra apenas 6% que consideram a aposta numa cultura cinematográfica para a biblioteca, havendo espaço para 8% dos inquiridos que consideraram os jogos de tabuleiro como materiais a serem disponibilizados. Mais adiante, neste trabalho apresenta-se uma explicação do que é o jogo do Uril, muito popular em Cabo Verde.

#### 7. Qual seria o horário de funcionamento mais adequado à Biblioteca?

50 respostas

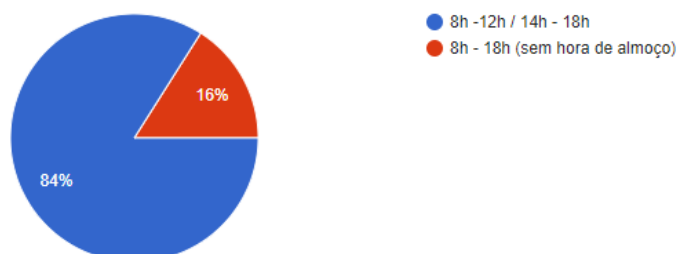


Gráfico 10: Horário de funcionamento da biblioteca, segundo os professores da ESBV.

Na questão 7, sobre o horário do funcionamento da biblioteca, os resultados também foram surpreendentes: dos 50 professores inquiridos apenas 16% sente necessidade que a biblioteca esteja aberta à hora do almoço, contra os 84% que preferem que haja um intervalo entre o período da manhã e o da tarde. Apesar de sabermos que a escola funciona em dois períodos e os níveis de ensino são distribuídos pela manhã ou a tarde, havendo apenas aulas de educação física em período contrário, também consideramos invulgar uma maioria tão esmagadora dos professores em não escolher um horário sem hora de almoço para a biblioteca.

8. Quanto a si a Biblioteca serviria melhor a comunidade educativa se funcionasse:

50 respostas

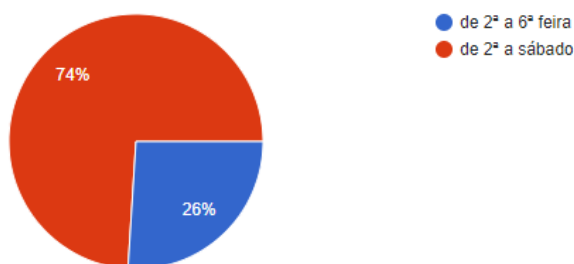


Gráfico 11: Funcionamento semanal da biblioteca, segundo os professores da ESBV.

Na questão 8, inquiridos sobre o funcionamento da biblioteca durante a semana, os docentes maioritariamente (74%) responderam que gostariam que a biblioteca funcionasse ao sábado, contra 26% que se contentaria com o seu funcionamento de segunda a sexta-feira. Esta opção da maioria explica-se tendo em conta que em Cabo Verde há aulas ao sábado, nalgumas escolas apenas na parte da manhã, mas noutras há aulas também no período da tarde de sábado, daí a opção dos professores.

## 9. Como acha que deva ser feita a implementação da Biblioteca?

50 respostas

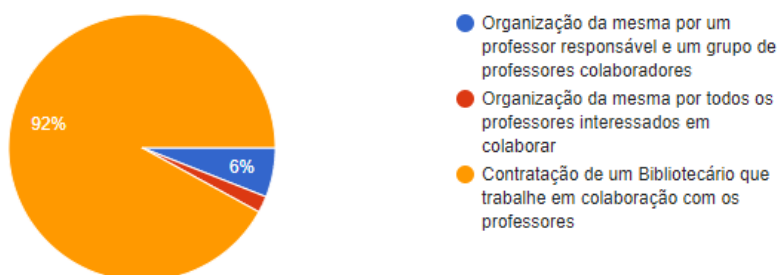


Gráfico 12: A implementação da Biblioteca, segundo os professores da ESBV.

A questão 9 é uma pergunta que suscita alguns comentários pela forma tão expressiva como os professores se manifestaram. 92% dos inquiridos consideram que para a implementação da BE deve ser feita a contratação de um Bibliotecário que trabalhe em colaboração com os professores. Apenas 6% afirma que a implementação possa ser feita por um professor responsável e 2% consideram que a biblioteca dependeria da boa vontade dos professores. Podemos relacionar esta questão com a questão número 13, que pretende saber da disponibilidade dos professores para fazer parte da equipa da biblioteca.

### 4.2.3. Dinamização da Biblioteca Escolar

Na questão 10, que inicia a terceira parte do questionário e cujo tema é a Dinamização da Biblioteca Escolar, solicitámos aos professores que elencassem as atividades lúdicas que consideram mais importantes a ser disponibilizadas aos alunos.

10. Que atividades lúdicas considera mais importantes que a Biblioteca possa disponibilizar aos alunos?

50 respostas

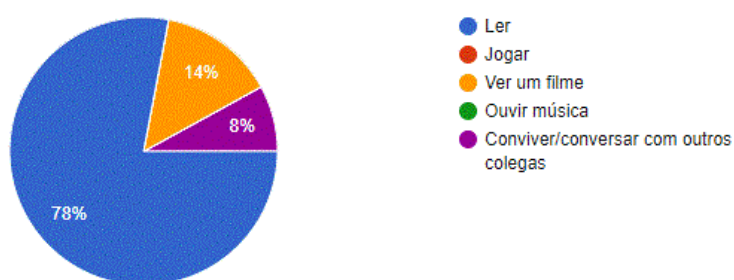


Gráfico 13: Atividades lúdicas a serem disponibilizadas pela Biblioteca, segundo os professores da ESBV.

Como se pode observar no gráfico, 78% considera que a atividade fundamental numa biblioteca é a leitura. Novamente, estamos perante uma ideia tradicional do que deve ser uma biblioteca escolar. Apenas 14% considera a visualização de um filme como atividade a ser oferecida numa biblioteca e 8% acha que pode ser um local para os alunos conviverem ou conversarem com outros colegas.

11. Que atividades didáticas julga fundamentais que uma Biblioteca permita aos alunos?

50 respostas

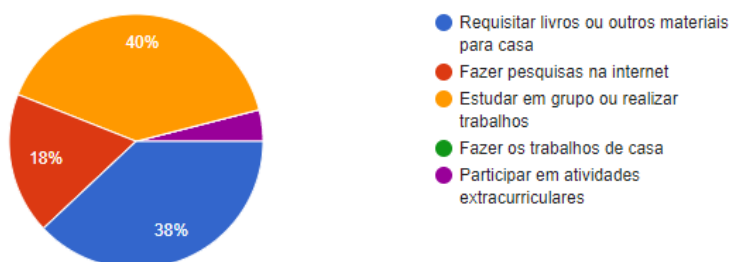


Gráfico 14: Atividades didáticas a serem disponibilizadas na Biblioteca da ESBV, segundo os professores.

Na questão 11, das atividades didáticas que foram dadas a escolher aos professores, estudar em grupo ou realizar trabalhos é a que recolhe a maior percentagem dos inquiridos (40%), seguida da opção de requisição de livros com 38% do total, contra 18% que considera a Biblioteca como um lugar de pesquisa na internet. Por último surge como local para a prática de atividades extracurriculares, com apenas 4% dos inquiridos a selecionar esta opção.

Quase 20 anos sobre a publicação de Humberto Lopes na revista *a&b*, sobre “Bibliotecas em Cabo Verde”, a visão redutora de uma Biblioteca como espaço de estudo mantém-se: “Os alunos do liceu acabam por constituir o principal utente das nossas bibliotecas uma vez que nelas encontram ao menos um local de estudo” (1999, p.61). A verdade é que este facto se deve à inexistência de acervo diversificado ou equipamentos modernos, que tornem atrativas as bibliotecas.

Na questão 12, foi dada a possibilidade de escolher apenas uma de entre várias opções ou de apresentar uma opção à sua escolha. E neste caso, a realização das atividades relacionadas com clubes de leitura foi a que recolheu mais opções (30%), seguida da atividade de Sessões de contos (16%), também ela relacionada com a leitura. Em terceira opção, ambas com 12% das opções dos inquiridos, encontramos a apresentação de livros e de encontros com escritores, bem como a realização de Concursos. Ficamos a saber que 58% dos inquiridos gostaria de participar em atividades relacionadas com a leitura na Biblioteca.

De destacar nesta questão a percentagem, ainda que reduzida (2% dos respondentes), que pretende ensinar os alunos a trabalhar nos *software* matemáticos e os 2% que gostariam de ver a Biblioteca como um laboratório fonético, conforme o quadro seguinte:

Opções dadas:	
Sessões de contos	16%
Apresentação de livros/Encontros com escritores	12%
Clubes de leitura	30%
Concursos	10%

Feiras do Livro	4%
Discussão em grupo sobre temas do interesse da Comunidade Educativa	-
Exposições temáticas	10%
Grupos de estudo	12%
Outras opções	
Todos os anteriores	2%
No Clube de Leitura gostaria que a Biblioteca disponibilizasse uma sala para trabalharem a escuta e a fonética nas aulas de línguas	2%
Ensinar os alunos a trabalhar nos <i>software</i> matemáticos	2%

Tabela 6 : Atividades que os professores da ESBV gostariam de desenvolver com os alunos na BE. Fonte: questionário aos professores da ESBV.

A propósito desta questão citamos as diretrizes da IFLA/UNESCO, sobre os Docentes e a Biblioteca, onde se afirma:

Os docentes que têm uma ideologia educativa mais progressista e aberta costumam ser utilizadores mais entusiastas da biblioteca (...) podem integrar a biblioteca como um espaço de ensino, e fazendo isto, afastar-se dos métodos de ensino tradicionais. Para tornar os alunos activos no processo de aprendizagem e desenvolver as suas competências de aprendizagem autónoma, os professores podem cooperar com a biblioteca em áreas tais como: (...) real motivação para a leitura com os alunos de todos os níveis, individualmente ou em grupo. (2006, pp.17,18)

### 13. Qual a sua disponibilidade para fazer parte da equipa da Biblioteca Escolar?

50 respostas

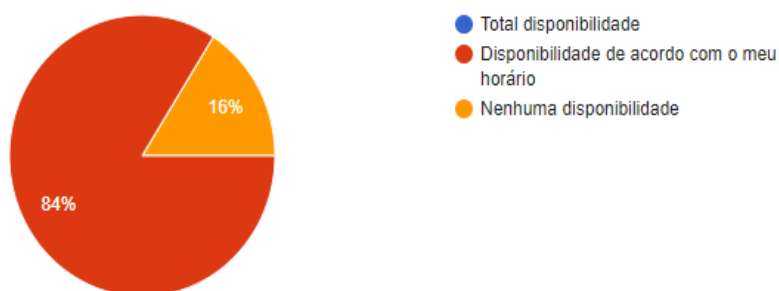


Gráfico 15: Disponibilidade dos professores da ESBV em fazer parte da equipa da Biblioteca, segundo os próprios.

Vendo as respostas dadas, nenhum dos professores apresenta total disponibilidade para fazer parte da equipa, optando por colaborar segundo a sua disponibilidade (84% dos respondentes), ou até apresentar-se como totalmente indisponível para o efeito (16% dos respondentes). As razões prendem-se com os horários multidisciplinares, horários mistos, horas extraordinárias, mas também algum desconhecimento por parte dos mesmos.

A maioria dos professores desconhece a possibilidade de ser Professor-Bibliotecário, à semelhança do que se consigna na lei portuguesa na Portaria 756/2009, de 14 de julho, *Diário da República*, 1.ª série, n.º 134, bem como as suas atribuições. Isto porque em Cabo Verde ainda não há legislação sobre esta situação. Caso houvesse, aos professores seria reconhecido o direito de:

Os docentes que se encontram no exercício de funções de professor bibliotecário são dispensados da componente lectiva, excepto se o número de alunos matriculados no agrupamento ou escola não agrupada for inferior a 400, cujo professor bibliotecário tem uma redução da componente lectiva de treze horas. (Artº2).

Gostaríamos, aqui neste ponto, de aproveitar para lembrar uma afirmação de Ana Maria Pessoa, apesar de já ter sido feita há algum tempo, consideramos atual e a propósito desta visão redutora de que a biblioteca deva estar a cargo de um Bibliotecário. A autora refere:

Alguns docentes, (...), pensam que o professor responsável pela biblioteca/ (...) deveria ser, em cada escola, um bibliotecário, diplomado. Partilhar esta opinião não parece ser o mais correcto. Porquê? É óbvio que as tarefas técnicas (catalogação, classificação, etc.) só devem ser feitas por quem para tal foi preparado. Porém, há imensas outras actividades que devem ser atribuídas ao professor. A escola deve promover a pedagogia da documentação e é o professor que a deve aplicar. (Pessoa, 1994, p.25)

Esta afirmação vem ao encontro da nossa ideia sobre como deve ser um professor bibliotecário: alguém que pode orientar o aluno na pesquisa de informação, promovendo a “pedagogia da documentação”.

A partir desta questão optámos por aumentar a possibilidade de resposta livre e criativa de cada um dos inquiridos, colocando três afirmações em aberto para serem completadas pelos respondentes.

Na pergunta 14 do questionário, o inquirido deveria completar a frase: **“A Biblioteca seria melhor se...”**.

Os professores responderam com muitas sugestões, algumas semelhantes, outras divergentes, que optámos por agrupar em temas e assinalar o número de respostas que obtivemos. Em alguns casos as respostas abordavam dois ou mais dos temas que seleccionámos, como se verifica nos resultados que seguidamente apresentamos:

- a. A função que a Biblioteca deve ter: (7 respostas);
- b. O público a que se destina uma Biblioteca: (4);
- c. A questão da Política de Gestão: (2);
- d. O funcionamento e organização da Biblioteca: (12);
- e. A questão do trabalho colaborativo: (10);
- f. O equipamento necessário a uma Biblioteca: (14);
- g. A questão do Bibliotecário: (13);
- h. A importância do horário: (2);
- i. Não sabe/não respondeu: (1)

Verificamos nestas respostas que os inquiridos abordaram a função da Biblioteca, considerando-a como uma forma de incentivo à leitura, mas também como um espaço de consulta de materiais didáticos. A falta de materiais didáticos aparece sempre como o principal obstáculo colocado pelos professores, que colocam a Biblioteca como uma fonte de recursos que não encontram disponíveis noutra local.

Numa era como esta em que nos encontramos, onde se pode pesquisar tudo na internet, os professores desta escola ainda encontram nos manuais escolares o maior recurso e apoio para a sua prática letiva. E a falta desses manuais e de materiais didáticos vêm sempre à cabeça da lista das necessidades que, segundo os mesmos, uma Biblioteca deve colmatar.

Grande parte dos professores atribui também a melhoria do funcionamento da Biblioteca à sua organização, à colaboração entre professores e direção e à política de gestão.

O facto de não haver um Bibliotecário, parece ser também a preocupação de 13 dos inquiridos, o que revela, uma vez mais, a ideia dos professores que o responsável pela Biblioteca deve ser alguém qualificado para tal e não um Professor Bibliotecário, como anteriormente já foi referido. Acerca deste aspeto cabe-nos lembrar as diretrizes da IFLA/UNESCO (2006) para Bibliotecas Escolares que consigna a criação de uma equipa da Biblioteca (p.11), descrevendo as suas competências (p.13), que prevê um Auxiliar da Biblioteca (p.12) e atribui deveres ao Bibliotecário Escolar (p.13). Compete-nos referir que nesta matéria falta legislação governamental em Cabo Verde, que como já referimos está em estudo.

No que tange a Política de Gestão da Biblioteca Escolar, cabe-nos salientar que apesar de a Biblioteca ainda não estar em funcionamento, foi elaborada uma Proposta de Política de Gestão para ser votada em Conselho Pedagógico no decorrer da reorganização do espaço da Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista e que se apresenta em Anexo 2.

Na questão 15, que consistia em completar a frase: **“Eu usaria melhor a Biblioteca se...”**, optámos por agrupar as ideias principais também por temas que se assemelharam aos temas da questão 14, mas que foram mais específicos no que concerne o equipamento necessário. Os professores abordaram ainda temas como: a necessidade de dinamizar a biblioteca, disponibilizar materiais didáticos, facultar acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação e à Internet. As opiniões foram agrupadas nos seguintes temas:

- a) Funcionamento da Biblioteca: 8 dos inquiridos;
- b) Organização da mesma: 5 dos inquiridos;
- c) Necessidade de um Bibliotecário: 2 dos inquiridos;
- d) Condições e equipamento: 9 dos inquiridos;
- e) Questão de falta de acervo adequado: 12 dos inquiridos;

- f) Problema de falta de materiais didáticos: 10 dos inquiridos;
- g) Referência às Tecnologias de Informação e Comunicação: 10 dos inquiridos;
- h) Alusão às atividades que a Biblioteca pode proporcionar: 1 dos inquiridos;
- i) A questão do Horário de Funcionamento: 3 dos inquiridos;
- j) Não sabe/não respondeu: 1

No que tange a questão de um melhor uso da Biblioteca, os professores centraram-se mais nas questões do material e equipamentos a serem disponibilizados pela Biblioteca. Se somarmos as questões das alíneas d), e), f) e g) teremos 41 dos inquiridos a referir as falhas na Biblioteca a nível de equipamento, e em específico: falta de acervos, de materiais didáticos e de acesso às TIC. Essa é a principal questão quando se refere a utilização da Biblioteca. O seu funcionamento e organização passam para segundo plano, sendo apenas referido por 13 dos inquiridos, mas novamente a questão do Bibliotecário e a do Horário de funcionamento da Biblioteca surgem como entraves à sua utilização.

Na questão 16 os professores exprimiram livremente as suas opiniões, manifestando um sério descontentamento sobre o não funcionamento da Biblioteca, bem como a urgência em alterar essa situação. Os professores manifestaram assim o seu desagrado e a urgência numa intervenção eficaz no espaço da escola, destinado a Biblioteca, mas usado como sala de aula. Esta questão serviu não apenas para aferir as opiniões, mas permitiu, a partir das mesmas, construir o conceito que os professores têm da função que uma Biblioteca deve ter. Assim, optámos por apresentar os temas referidos pelos inquiridos e em seguida mostrar detalhadamente esse conceito.

1. Urgência da organização da Biblioteca: 10 dos inquiridos;
2. Necessidade de materiais didáticos: 7 dos inquiridos;
3. Falta de acervo: 6 dos inquiridos;
4. Necessidade de organização: 5 dos inquiridos;
5. Falta de um Bibliotecário: 6 dos inquiridos;
6. Referência à localização e espaço da Biblioteca: 4 dos inquiridos;

7. Alusão ao equipamento da Biblioteca: material audiovisual (2), equipamento informático (3) e necessidade de mobiliário adequado (3);
8. Referência ao Horário da Biblioteca (1);
9. Necessidade de regras de funcionamento para a Biblioteca (2)
10. Importância da divulgação da Biblioteca (2)
11. Alusão à importância da requisição de livros (1);
12. Explicitação da Função da Biblioteca (29).

Nesta questão foi assinalada uma referência ao espaço e localização da Biblioteca, na alínea 6), que gostaríamos de comentar. Segundo as diretrizes da IFLA/UNESCO (2006, p.7) a localização da Biblioteca deve ser central, sempre que possível, em piso térreo. Infelizmente a nossa Biblioteca localiza-se no primeiro andar, o que pode ser um fator de promoção de desigualdade a médio e longo prazo, por não permitir o fácil acesso a um aluno que se desloque em cadeira de rodas.

A alínea 10), que refere a importância da divulgação da Biblioteca por dois dos inquiridos também merece a nossa atenção, pelo facto de estar consignada nas diretrizes IFLA/UNESCO (2006): “A biblioteca escolar deve dispor de uma política de *marketing* e de promoção, especificando objectivos e estratégias”, acrescentando que “é importante adequar o tipo de promoção à natureza da escola e aos diferentes públicos-alvo.” (p.20).

A questão de requisição de livros também é uma questão bastante delicada no contexto da ilha da Boa Vista. Infelizmente, na única Biblioteca Municipal existente não é permitido requisitar livros para levar para casa. Na Escola Secundária, já foi permitido numa altura em que havia muita diversidade de manuais e outros acervos. Alguns professores são sensíveis a esta necessidade de requisitar livros para levar para casa.

A partir dos comentários que reunimos na alínea 12, foi-nos permitido explicitar a função que uma Biblioteca deve ter, segundo os nossos inquiridos, e que vem ao encontro da análise que fizemos acerca do papel de uma Biblioteca no cumprimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, mas que aborda também aspetos das diretrizes da IFLA/UNESCO.

Segundo os nossos inquiridos, uma Biblioteca tem a função de:

- 1) Servir a Comunidade Educativa: (3);
- 2) Local onde se possam realizar pesquisas: (7);
- 3) Espaço de aquisição de conhecimento: (4);
- 4) Espaço que proporcione sucesso na aprendizagem dos alunos (1), melhorando o seu aproveitamento (1) e minimizando a indisciplina (1);
- 5) Espaço de encontros e de desenvolvimento intelectual (2);
- 6) Local de convívio e de desenvolvimento da liberdade criativa (1), onde se possa ver filmes (1) e realizar atividades lúdicas (3);
- 7) Local onde se criam hábitos de leitura (2) e onde se pode desenvolver um Clube de Leitura (1).
- 8) Local para realizar trabalhos de grupo (1)
- 9) Espaço para desenvolver atividades de prática oral nas disciplinas de língua (1).

Estas funções de uma Biblioteca referidas nas respostas dos professores, remetem-nos para o Manifesto da IFLA/UNESCO (1999) sobre o papel de uma Biblioteca Escolar no desenvolvimento das capacidades dos alunos nomeadamente: a nível da Pesquisa: “resource-based capabilities”; a nível do Pensamento: “thinking-based capabilities”; do Conhecimento: “knowledge-based capabilities”; a nível da Leitura: “reading and literacy capabilities” e ainda a nível do Relacionamento Interpessoal: “personal and interpersonal capabilities”, quando se refere a Biblioteca como local de encontros e de minimização da indisciplina.

Segundo este manifesto, a missão de uma Biblioteca Escolar deve ser preparar os estudantes para o seu trabalho futuro e para o pleno exercício da sua cidadania, tal como assinalou um dos nossos inquiridos quando afirmou que este espaço deve “contribuir para a formação e cultura do aluno”.

## **5. Apresentação das atividades realizadas na escola**

Como já foi referido, na intervenção que realizámos com vista à dinamização da biblioteca da escola secundária da Boa Vista, foram efetuadas várias atividades, destacando-se em seguida os elementos mais relevantes nesse processo.

### **5.1 Sessão de Apresentação dos resultados do questionário sobre a Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista aos Professores**

No dia 9 de abril de 2018, pelas 12h, no decorrer da Preparação Metodológica<sup>29</sup> e com a presença da maioria dos professores do Ensino Secundário, foi feita a socialização do resultado do questionário feito aos professores da referida escola.

A apresentação foi feita em *power-point* e nela se definiu os objetivos da mesma:

- Dar conta dos resultados do questionário sobre a Biblioteca da Escola Básica e Secundária da Boa Vista, realizado aos professores no decorrer do mês de janeiro de 2018;
- Fazer uma reflexão em conjunto sobre a real situação da Biblioteca da Escola, de modo a conseguirmos mudar o atual estado das coisas.

Também foi explicada aos professores a metodologia usada na realização dos questionários, bem como o público-alvo a que se destina o questionário: todos os professores que lecionam na Escola Básica e Secundária da Boa Vista, desde o 5º ao 12º ano. Os docentes foram também informados que, dos 50 professores aos quais foi feito o convite de participação, houve uma adesão de 100%. Isto deixou-os bastante satisfeitos e criou um espírito de união, pelo facto de o coletivo ter entendido que há uma preocupação comum a todos.

---

<sup>29</sup> A Preparação Metodológica consiste num conjunto de atividades que decorre no início de cada trimestre nas escolas em Cabo Verde. É um momento em que todos os professores se reúnem e onde são apresentados temas de interesse pedagógico e as estatísticas do aproveitamento.

De seguida passou-se à apresentação dos *slides*, tendo alguns deles despertado mais discussão e comentários do que outros.

A idade dos professores foi a primeira questão para a caracterização do quadro de docentes da ESBV e foi curiosa a reação de alguns professores que não tinham a noção de que 94% dos docentes têm uma idade inferior a 35 anos. Ficou claro que a quase totalidade dos docentes da escola era muito jovem. Muitos destes professores são jovens recém-formados que aqui adquirem o seu primeiro emprego.

Uma questão que gerou alguns comentários foi a questão 13, que abordava a disponibilidade dos docentes para participarem no funcionamento da Biblioteca, e estes reagiram quando se viram confrontados com o gráfico que revelava que nenhum deles se apresentou com total disponibilidade para fazer parte da equipa da Biblioteca. Houve muitos que se justificaram, dizendo que não era por falta de vontade, mas por serem realistas e não poderem mesmo estar disponíveis senão de acordo com os seus horários. A percentagem de professores que afirmou ter nenhuma disponibilidade para fazer parte da equipa pertence ao grupo de docentes com horas extraordinárias ou que lecionam três níveis de ensino.

Nas questões 14 e 15, os professores surpreenderam-se pela quantidade de temas referidos, mas que revelam a sua plena consciência das verdadeiras deficiências da biblioteca.

Quanto à questão 16, verificou-se a satisfação dos professores em poderem ter exprimido e ter sido registado o real descontentamento sobre o não funcionamento da biblioteca, bem como a urgência em alterar o real estado das coisas.

Durante a apresentação não houve espaço para muita discussão por uma questão de tempo, mas no final procedeu-se à apresentação de uma proposta de organização do espaço da Biblioteca que gerou a intervenção de muitos professores.

### **5.1.1 Proposta da organização do espaço apresentada aos professores**

A par da apresentação dos resultados do questionário sobre a biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista, foi apresentada a proposta para uma melhor organização do espaço e foram recolhidas as opiniões dos professores no que diz respeito às áreas em que se pode dividir a sala da Biblioteca.

Tal como é referido nas diretrizes IFLA/UNESCO (2006, p.7), “quando se planeia uma nova biblioteca é de considerar a lista de áreas diferentes.” Na nossa proposta aos professores procurámos integrar essas áreas com a nossa realidade escolar e o público a que se destina.

Foi apresentada uma planta elaborada pelo professor de Matemática, formado em Engenharia Civil, Derys Rodrigues, que desta forma se disponibilizou a colaborar com o projeto da Biblioteca. Acreditamos que se visualizarmos a forma como podemos organizar o espaço da Biblioteca poderemos assim mais depressa alcançar o nosso intento de a colocar a funcionar, ainda que rudimentarmente, mas que isso seja um princípio.

A hipótese baseia-se no espaço que existe na escola secundária, onde já funcionou a Biblioteca e que, mantendo esse nome, atualmente é usado como sala de aula; também tem em atenção o público a que se destina.

Com já referimos na análise SWOT, o espaço tem como características principais: as janelas enormes que iluminam a sala abundantemente, um armário fixo na parede, seis estantes móveis e uma coluna ao centro da sala que permite dividi-la exatamente em quatro partes. A proposta, apresentada aos professores, aproveita essa coluna para dividir a sala em quatro áreas diferentes, colocando as estantes de forma a provocar a separação física dessas áreas. A proposta foi a seguinte:

A sala fica separada nos espaços seguintes: Área de Leitura, Área de Trabalho Colaborativo, Área Web e Área de Lazer. A zona do Professor Bibliotecário situa-se junto à Área Web e à de Trabalho Colaborativo, pois é nesses espaços que os alunos necessitam de orientação do profissional.

## Proposta de Planta para Organização do Espaço da Biblioteca Escolar

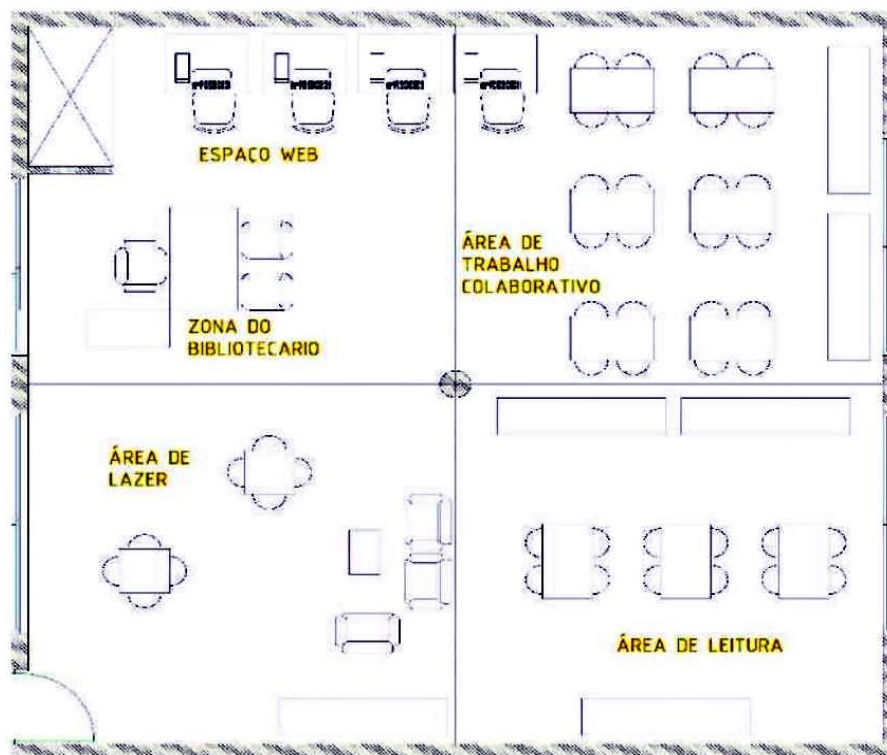


Figura 9: Proposta de organização da Biblioteca. Fonte: Derys Rodrigues.

- a) **Área de Leitura**, corresponde à zona de leitura informal, proposta pelas diretrizes da IFLA: “zona de leitura informal para livros e periódicos que estimulem a literacia, a aprendizagem ao longo da vida e a leitura por prazer” (IFLA, 2006, p.7). Esta área fica isolada da Área do Trabalho Colaborativo pela separação feita pelas estantes, mas com acesso à Área de Lazer;
- b) **Área de Trabalho Colaborativo**, espaço que privilegiamos para a elaboração de trabalhos de grupo, corresponde juntamente com o Espaço Web à “zona de produção e de trabalho de grupo/trabalho de projecto para trabalho operativo e de encontro de indivíduos, grupos ou turmas, incluindo recursos para a produção multimédia” (IFLA, 2006, p.7)
- c) **Área Web**, espaço destinado à consulta de informação pelos alunos, nos computadores, disponibilizados pela escola, corresponde à zona de produção:

A biblioteca escolar desempenha uma função importante enquanto portal para a nossa sociedade actual, cada vez mais baseada na informação. Por esse motivo, deve disponibilizar acesso a todos os equipamentos necessários: eletrónicos, informáticos e audiovisuais. Tais como: (...) Postos de trabalho informáticos, com computadores com acesso à Internet. (IFLA, 2006, p.8)

Consideramos que a Área Web deva ficar junto à zona do Professor Bibliotecário, também descrita como “zona administrativa para balcão de empréstimo.” (IFLA, 2006, p.7), por acharmos que o a orientação nas pesquisas dos alunos deva ser dada pelo PB.

d) **Área de lazer**, onde os alunos possam estar a conversar, a jogar (jogos de tabuleiro como xadrez, damas ou uril<sup>30</sup>). Esta última não vem especificada nas diretrizes da IFLA (2006), mas foi incluída sob proposta da maioria dos professores, como uma área importante, onde os alunos possam ocupar o seu tempo de uma forma lúdica, que não seja necessariamente a leitura. Uma minoria dos professores manifestou o seu desagrado por considerar que a Biblioteca não deva ser confundida com uma sala de alunos, onde os mesmos possam desenvolver atividades lúdicas e por considerar que esta Área possa perturbar o normal funcionamento das restantes, pelo ruído que possa causar. Na nossa opinião a questão do ruído passa por uma educação na forma de estar dos alunos que apenas pela prática na frequência de uma Biblioteca se pode adquirir. Quem nunca esteve numa Biblioteca não sabe o valor do silêncio.



Ilustração 15: Jogo do Uril. Fonte: Centro de Competência entre mar e serra<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Uril: é um dos jogos de tabuleiro mais antigos do mundo, pertencente à família de jogos Mancala. Disponível em: <http://viajar.sapo.cv/descubra-o-pais/lazer-e-cultura/jogo-do-uril> [consultado em 25 de julho de 2019]

<sup>31</sup> Foto disponível em: <https://www.ccems.pt/projeto/ouril/> [consultada em 25 de julho de 2019]

## 5.2. O Programa “Rota dos Livros”

O Programa “Rota dos Livros” resultou de uma proposta promovida por um programa intitulado: “Laboratório do Erro”, promovido pela Escola Secundária de Alexandre Herculano, que integrou no seu Projeto de 2017, a Escola Secundária da Boa Vista (ESBV), em Cabo Verde e o Agrupamento de Escolas Alexandre Herculano (AEAH), no Porto. Estão envolvidas Ana Rial, responsável pelo Programa “Rotas Solidárias”; Maria José Pereira e Carla Silva, professoras da Escola Secundária de Alexandre Herculano e Helena Duarte, professora da Escola Secundária da Boa Vista. O trabalho que estava a ser desenvolvido neste âmbito acabou por ser depois integrado no projeto de organização e dinamização da biblioteca escolar, como adiante explicitamos.

O Programa “Rota dos Livros” contou com a parceria de:

Na Ilha Da Boa Vista

- Delegação Ministério da Educação do Concelho da Boa Vista;
- Direção da Escola Secundária da Boa Vista;
- Grupo de Coordenação de Língua Portuguesa
- Projeto Arte e Letra,
- Câmara Municipal da Boa Vista, sector da Educação e Cooperação.

No Porto

- Direção da Escola Secundária de Alexandre Herculano;
- Bibliotecas Alexandre Herculano;
- Junta de Freguesia do Bonfim, pelouro da Educação, Cultura e Lazer;
- Divisão Municipal das Bibliotecas do Porto.
- Câmara Municipal do Porto.

### Em que consistiu este Programa?

Pretendeu-se o desenvolvimento de um Intercâmbio entre o Agrupamento de escolas da Alexandre Herculano, no Porto e a Escola Secundária da Boa Vista, em Cabo Verde, com os objetivos de:

- Promover o contacto entre a realidade dos alunos do agrupamento de escolas Alexandre Herculano e os alunos da Escola Secundária da Boa Vista.
- Sensibilizar os alunos, de ambas as escolas, para a importância da leitura não só como forma de enriquecimento ao nível do saber, mas também como forma de viajar para outros mundos;
- Consciencializar os alunos para a importância de conhecer a sua cultura e a cultura de outro país;
- Contribuir para o desenvolvimento de competências sociais e profissionais dos alunos;
- Melhorar o acervo da Biblioteca Escolar da ESBV com a oferta de livros recolhidos em campanha pelos alunos da Escola Secundária de Alexandre Herculano.

#### **Cronograma das Atividades do Programa Rota dos Livros.**

##### **Na Boa Vista o Programa “Rota dos Livros” teve início com as seguintes atividades:**

Janeiro de 2017: Leitura e análise dos contos cabo-verdianos do livro *Contra Mar e Vento* de Henrique Teixeira de Sousa (“Menos um” e “Barrilinho de azeite”) pelos alunos do 8ºano;

Fevereiro de 2017: Elaboração de trabalhos em *power-point* sobre a biobibliografia de Henrique Teixeira de Sousa e sobre o conto “Barrilinho de Azeite”.

Estas atividades estiveram a cargo das professoras de Língua Portuguesa do 8ºano: Helena Duarte e Missilde Fonseca.

##### **No Porto o Programa “Rota dos Livros” teve início com as seguintes atividades:**

Janeiro de 2017

- Estudo dos contos do livro de Teixeira de Sousa, *Contra mar e vento*;
- Apresentação do Programa nas nove escolas do Agrupamento A.H.
- Angariação de livros pelos alunos para a ESBV;

### Fevereiro de 2017

- Criação de um blogue e uma página do *facebook* pelos alunos da turma do 10ºB da Escola Alexandre Herculano para a partilha dos trabalhos dos alunos de ambas as escolas: [www.facebook.com/rotadoslivrosptcv](http://www.facebook.com/rotadoslivrosptcv)
- [Rotadoslivrosptcv.blogspot.pt](http://Rotadoslivrosptcv.blogspot.pt)
- Produção de um vídeo sobre a cidade do Porto para divulgação junto dos alunos da Boa Vista

### **Atividades em comum entre as duas escolas:**

Março de 2017: Atividade de Videoconferência que constituiu o 1º encontro entre os alunos da turma do 10ºB do AEAH Porto e alunos do 8ºano da ESBV.

- Boa Vista: anfiteatro do Centro de Juventude, dia 20, pelas 9h;
- Porto: auditório da Empresa Tecnológica: BLIP, cidade do Porto.

### Atividades desenvolvidas durante a videoconferência:

Troca de experiências musicais, Visualização de trabalhos feitos pelos alunos sobre o Porto e um filme sobre a ilha da Boa Vista;



Ilustração 16 e 17: Imagens da videoconferência entre a ESBV e a ESAH. Fonte: Facebook.<sup>32</sup>

<sup>32</sup><https://www.facebook.com/laboratorioerro/photos/pcb.1886283854982199/1886293911647860/?type=3&theater>

### **Atividades desenvolvidas no Porto:**

#### Março de 2018

Envio dos livros recolhidos, em 67 caixotes, por via marítima, para a ilha da Boa Vista. Uma vez que esse transporte teve de ser executado via Praia, a chegada dos livros foi morosa;

### **Atividades desenvolvidas na Boa Vista:**

#### Junho de 2018

Colocação de grades nas janelas da sala da Biblioteca, pela Direção da ESBV, tendo em conta o facto de a escola ir receber livros e materiais didáticos, provenientes do Programa a ser desenvolvido.

#### 4 de julho de 2018:

Chegada dos livros, à ilha da Boa vista, doados pela Câmara Municipal do Porto através da Direção Municipal de Cultura e Ciência. 1344 livros da Biblioteca Municipal do Porto, que se vão juntar aos 200 livros angariados pelo IESF (Instituto de Estudos Superiores de Fafe) e aos 552 angariados pelos alunos da ESAH.

#### 17 de julho de 2018

Chegada dos livros à Escola Secundária da Boa Vista, depois de terem sido recebidos pela Câmara Municipal da Boa Vista, que os desalfandegou e procedeu à entrega, na pessoa do Secretário para Assuntos da Juventude;

Os livros angariados foram entregues à Escola Secundária da Boa Vista - Cabo Verde no âmbito do Programa Rota dos Livros promovido pelas Rotas Solidárias em parceria com o Laboratório do Erro, Escola Secundária Alexandre Herculano, Junta de Freguesia do Bonfim e Escola Secundária da Boa Vista.<sup>33</sup>

Início da organização dos livros que teve um interregno durante as férias de verão;

---

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/rotadoslivrosptcv/>

### Setembro de 2018

Organização dos livros por uma equipa nomeada pela Direção da Escola Secundária da Boa Vista;

### Outubro de 2018

Realização da 1ª Feira do Livro Usado da Escola Secundária da Boa Vista.

### Janeiro de 2019

Abertura oficial da Biblioteca Escolar, sem Professor Bibliotecário, apenas com um grupo de professores, com horário incompleto, indigitados pela Direção.

### **Atividade final de intercâmbio entre os alunos das escolas.**

### Junho de 2019

Encerramento do Programa “Rota dos Livros” através de uma visita de estudo dos alunos portugueses que desenvolveram este Projeto, acompanhados por duas professoras, à Escola Secundária da Boa Vista. Nesta atividade houve um intercâmbio entre uma turma de alunos finalistas da ESAH e os alunos da ESBV que se encontravam a frequentar o 10º ano.

Também houve oportunidade para os alunos da ESAH desenvolverem uma atividade de Hora do Conto, com alunos da ESBV, e ainda produzirem uma pintura mural numa das paredes de acesso à Biblioteca.



Ilustração 18: Foto da pintura mural do Programa Rota dos Livros

### **5.3. A Feira do Livro Usado**

Já muito foi referido neste trabalho que na nossa escola abundavam manuais escolares, muitos deles usados e outros muito antigos e até em mau estado de conservação, mas que ocupavam as nossas estantes.

Após a realização do Programa “Rota dos Livros” e com a perspetiva de receber novos livros para a Biblioteca, vimo-nos na necessidade de criar espaços nas estantes. Assim, iniciámos um processo de desbaste, tendo sido alguns livros oferecidos e outros vendidos numa Feira do Livro Usado, a um preço simbólico.

Essa Feira, cujo cartaz apresentamos em anexo, (cf. Anexo 6) rendeu à escola algum dinheiro que foi investido em melhoramentos da referida Biblioteca, nomeadamente na instalação de cabides para as mochilas dos alunos, fabricados por um carpinteiro local.

### **5.4. Organização provisória da Biblioteca**

A Biblioteca começou a funcionar a partir do dia 14 de janeiro de 2019, sem Professor Bibliotecário, nem funcionário a tempo inteiro, mas com a colaboração dos docentes com horário incompleto. O seu horário de funcionamento é das 8h30 às 11h15 no período da manhã e das 14h40 às 17h30 no período da tarde, de 2ª a 6ª feira.

Foi elaborado um documento com as Normas de utilização da Biblioteca Escolar.

Começaram a ser desenvolvidas diversas atividades promotoras e dinamizadoras do espaço que a comunidade docente e discente tanto almejava.

Foi elaborada uma Política de Gestão da Biblioteca a ser apresentada e votada em Conselho Pedagógico.

Os livros não estão disponíveis para empréstimo para casa, pois ainda não foi feita a sua catalogação de uma forma sistemática. Apenas podem ser consultados no espaço da Biblioteca.

## **CONCLUSÕES**

Chegando ao fim do nosso trabalho de investigação sobre “Educação para Todos em Cabo Verde: o contributo da biblioteca escolar. O caso da Escola Secundária da Ilha da Boa Vista”, verificámos que obtivemos ganhos ao desenvolver este Projeto, em duas vertentes:

Se por um lado adquirimos conhecimentos sobre o tema das Bibliotecas Escolares, frequentando o Mestrado Gestão de Informação em Bibliotecas Escolares, por outro, esses conhecimentos serviram como base para a aplicação prática em contexto educativo, num país onde ainda não está oficializada a existência da BE em rede.

Esta dissertação teve por objetivo principal relatar o modo como uma sala de aula com estantes e manuais escolares pode ser transformada em Biblioteca Escolar. Ao longo deste trabalho demos conta do processo que conduziu à metamorfose de um espaço dentro do recinto escolar que não servia o propósito a que se destinava e se transformou num local atrativo para toda a comunidade escolar.

Num plano teórico, apresentámos o contexto histórico-social e educativo da jovem República de Cabo Verde e depois da Ilha da Boa Vista, tarefa que para nós fazia sentido, pelo enquadramento que pretendíamos fazer sobre a existência das Bibliotecas até às Bibliotecas Escolares.

Também verificámos em que contexto uma Biblioteca Escolar poderia ser importante na prossecução do cumprimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, procedendo a uma reflexão sobre os desafios da Educação na Sociedade Atual. Nesse capítulo, procurámos responder às questões que nortearam a nossa investigação e concluímos que:

- a. Uma Biblioteca Escolar pode contribuir para que a Educação seja realmente para todos, por disponibilizar livros e outros recursos para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem a alunos cuja possibilidade de acesso a livros é reduzida, quer pelo seu elevado custo, quer pela inexistência de locais de venda dos mesmos.

- b. Uma BE pode auxiliar a escola a atingir os objetivos do milénio, cumprindo a diretriz de “Uma educação igualitária que não deixe ninguém para trás”, promovendo um espaço de conhecimento, mas também de trabalho e de lazer disponível a todos os alunos, mas também à Comunidade Educativa.
- c. O modelo organizativo de uma Biblioteca Escolar na Ilha da Boa Vista deve seguir as diretrizes da IFLA/UNESCO para as Bibliotecas Escolares, proposto em 2002, mas de uma forma flexível e adaptável às condições da escola, ao público a que se destina e a toda a comunidade.

Ao longo deste trabalho, analisámos as potencialidades das Bibliotecas Escolares, nas suas valências que mais dúvidas suscitavam na sua aplicação nesta escola, nomeadamente na implementação de uma conceção atual de BE e na promoção de um Trabalho Colaborativo eficaz entre os professores.

A nossa preocupação em levar a bom termo o nosso intento inicial levou-nos a incluir os professores da escola em estudo, nas nossas atividades, através da aplicação de questionários aos mesmos. O que nos permitiu captar a atenção dos docentes, mas também o seu empenho em participar neste Projeto. As respostas que obtivemos com esse questionário permitiram-nos traçar diretrizes que resultassem na criação da Biblioteca Escolar.

Neste processo, há a referir também a interferência de um Projeto que se cruzou com o nosso a dado momento do percurso. Refiro-me ao Programa “Rota dos Livros”, que numa das suas diretrizes preconizava o equipamento da nossa biblioteca com um acervo mais atrativo para os alunos. Esse Programa envolveu alunos e professores dos dois países: Portugal e Cabo Verde, e resultou no equipamento da Biblioteca da ESBV com um acervo de 2096 livros, sem custos para a instituição escolar em estudo. No final do Programa foi realizado um encontro na Biblioteca, onde alunos portugueses e alunos cabo-verdianos, participantes no Programa, promoveram uma atividade que assinalasse o seu término.

Houve uma preocupação da nossa parte em manter informados os alunos, da escola em estudo, deste nosso intento de colocar a biblioteca em funcionamento, tendo havido espaço para a participação dos mesmos no Programa Rota dos Livros. Inicialmente no

nosso plano queríamos incluir também questionários aos alunos, mas por motivos organizacionais não foi possível fazê-lo. No entanto, o facto de estarmos em contacto direto com os alunos em ambiente de sala de aula, permitiu-nos perceber a ânsia com que os alunos acompanhavam este processo e demandavam pela abertura urgente do espaço da biblioteca, como Biblioteca Escolar. O envolvimento dos alunos é tão grande que a própria Associação de Estudantes desta escola, procurou meios para que fossem financiados computadores com ligação à internet, tendo apresentado um projeto a uma operadora de telecomunicações com representatividade na ilha. Neste momento aguardam confirmação do apoio.

Esperamos ter apresentado ao longo desta dissertação, de uma forma clara e concisa: os objetivos que nortearam o nosso trabalho, todo o processo que desenvolvemos para cumprir esses objetivos e por fim os ganhos que conquistámos.

Resta-nos reforçar a ideia exposta no provérbio inglês que ao longo de todo este trabalho árduo, mas gratificante, inspirou a nossa conduta: “Where there’s a will, there’s a way”.<sup>34</sup> Nada é impossível de realizar quando há uma vontade para o fazer, mas quando se juntam várias vontades a uma só, tudo se torna muito mais exequível.

---

<sup>34</sup> Tradução nossa: “Onde há uma vontade, há um caminho”

## SUGESTÕES

Em seguida apresentamos algumas sugestões que nos foram transmitidas ao longo de todo este processo, tanto pelos professores com os quais contactámos, como pela consulta de temas relacionados com a Promoção da Biblioteca Escolar. Assim achamos pertinente elencar algumas dessas atividades que são passíveis de ser realizadas na Biblioteca Escolar da Escola Básica e Secundária da Boa Vista.

- Realização de feiras do livro com o objetivo de angariar fundos para a compra de livros mais atualizados e de acordo com os interesses da população estudantil;
- Promoção de atividades lúdicas e pedagógicas, em parceria com os professores para angariar fundos para a compra de livros;
- Promoção de atividades que divulguem e valorizem os livros existentes na BE, inculcando nos jovens o espírito de gratidão e de partilha;
- Execução de Projetos e convites a parcerias com editoras cabo-verdianas e com a Biblioteca Nacional;
- Organização do Concurso de Logotipo e Mascote da Biblioteca no seio dos alunos da escola onde a mesma se encontra inserida;
- Pintura de paredes da Biblioteca com os desenhos concebidos pelos alunos;
- Pintura das escadas de acesso à Biblioteca com as máximas do escritor Daniel Pennac sobre os 10 direitos inalienáveis do leitor;
- Promoção do Dia do Livro, do Dia do Livro Infantil, e de outras datas comemorativas pertinentes de serem comemoradas com atividades extracurriculares;
- Realização de exposições de carácter cultural, por exemplo de autores lusocabo-verdianos;
- Lançamento de livros ou convite a escritores e autores cabo-verdianos e estrangeiros a participarem em conversas abertas sobre as suas atividades literárias;
- Promoção do Projeto: “Um turista, um livro” para equipamento da Biblioteca com acervo recente e diversificado. Este Projeto baseia-se na tentativa de

contornar a maior dificuldade para equipar uma Biblioteca em Cabo Verde que é o transporte. A ideia é que os alunos da escola elaborem um folheto a distribuir nas agências de viagens, via digital, de forma a que cada turista que compre passagem de férias para a Boa Vista, seja convidado a trazer um livro na mão e que o ofereça à Biblioteca. Num avião com duzentos passageiros podem vir cem livros ou mais, no voo semanal de Lisboa.

## **RECOMENDAÇÕES**

Em termos mais amplos, consideramos que há também um conjunto de ações que podem conduzir a um melhor conhecimento da realidade nacional no que concerne às bibliotecas, e conseqüentemente, a uma atuação mais consentânea com os desafios educativos que todos enfrentamos, sempre partindo da verificação consolidada em vários países, nomeadamente em Portugal, de que a biblioteca escolar, quando bem apetrechada e dinamizada constitui uma valência pedagógica de grande importância no apoio ao sucesso educativo dos alunos. Assim, neste plano recomendamos:

- Criação de uma Comissão Nacional de Bibliotecas Escolares que trabalhe para a implementação de uma rede de BE;
- Recolha de dados sobre todas as Bibliotecas Escolares existentes no país;
- Publicação dos dados sobre Bibliotecas Escolares em Estudos Estatísticos do Ministério da Educação;
- Publicação de legislação sobre Bibliotecas Escolares, Professores Bibliotecários, bem como do funcionamento em Rede;
- Criação de uma página Web que ponha em contacto todas as Bibliotecas Escolares do país;
- Organização de ações de capacitação para profissionais que queiram assumir a organização das BE nas diversas ilhas;
- Criação de um Plano Nacional de Leitura;

## BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA

Agência Lusa (2019). *Mais de 70% dos cabo-verdianos têm telemóvel e acesso à Internet bate recorde*, in Plataforma, 24/07/2019, 18:40

Disponível em: <https://www.plataformamedia.com/pt-pt/noticias/sociedade/interior/mais-de-70-dos-cabo-verdianos-tem-telemovel-e-acesso-a-internet-bate-recorde-11140648.html?fbclid=IwAR09kv0nXO2mqvxyZcGwq01TQnvR9yZhZvOWwinIjM9lqXI7gzlXoqdiyge> [Consultado a 3 de agosto de 2019].

Almeida, Nadir J. B. C. (2005). *As Bibliotecas Escolares em São Vicente: Um estudo de caso realizado em duas Escolas Secundárias*. Tese de Mestrado. Disponível em: <http://repositorio.uportu.pt/bitstream/11328/146/2/TME%20216.pdf> [consultado a 20 de janeiro de 2017].

American Association of School Librarians. AASL (1998). *Information Power. Building partnerships for learning*. American Library Association Publications, (4,5) Disponível em: <https://elearning.uab.pt/file.php/5770/AASL-perfil.doc> [consultado a 20 de janeiro de 2017].

Araújo, Helena (2012). *Projetos de leitura e trabalho colaborativo: conceções e práticas de professores e professores bibliotecários*. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta. Lisboa Portugal. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2349> [consultado a 20 de janeiro de 2017].

Associação Nacional dos Municípios de Cabo Verde Disponível em: <http://www.anmcv.com/Munic%C3%ADpios/BoaVista/Hist%C3%B3ria.aspx> [Consultado a 3 de abril de 2018].

Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. BAD. *Bibliotecas para o Desenvolvimento e a Agenda 2030*. Disponível em: <https://bad.pt/agenda2030/bibliotecas-e-os-ods/> [consultado a 3 de agosto de 2019].

Australian School Librarian Association. ASLA (2002). *Standards of professional excellence for teacher librarians*, in Australian Library and Information Association/ASLA statement on teacher librarians in Australia. Disponível em: [http://elearning.uab.pt/file.php/6549/TLstandards\\_1.pdf](http://elearning.uab.pt/file.php/6549/TLstandards_1.pdf) [consultado a 23 de maio de 2017].

Barreto, M.A.& Ana B. Costa (coord.) (2012) *II Coope de África e o Mundo, Livro de Atas*. ISCTE-IUL/CEA, ESECS-IPL, Lisboa, 5-6 de julho de 2012. Disponível em: <https://books.google.cv/books?isbn=989978365X>, [consultado a 8 de fevereiro de 2017].

Benavot, Aaron, (Dir.) (2015). *Relatório de Monitoramento Global de Educação Para Todos 2015, Educação Para Todos 2000-2015, Progressos e Desafios*. Disponível em:

[https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232565\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232565_por) [consultado a 20 de janeiro de 2017].

Bishop, Kay (2007). "Evaluation of the Collection", in *The Collection Program in Schools: concepts, practices and information sources*. Libraries Unlimited, London, 4<sup>th</sup> edition. Disponível em: [http://elearning.uab.pt/pluginfile.php/496099/mod\\_page/content/3/Cap%C3%ADtulo%2012\\_Kay%20Bishop.pdf](http://elearning.uab.pt/pluginfile.php/496099/mod_page/content/3/Cap%C3%ADtulo%2012_Kay%20Bishop.pdf) [consultado a 27 de maio de 2017].

Bokova, Irina (2015). "Prefácio", in *Relatório de Monitoramento Global de Educação Para Todos 2015, Educação Para Todos 2000-2015, Progressos e Desafios*. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232565\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232565_por) [consultado a 20 de janeiro de 2017].

Cabo Verde (1990). *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Lei nº 103/III/90, Art.º 36,37. Disponível em: [https://www.academia.edu/1741846/Lei\\_de\\_Bases\\_do\\_Sistema\\_Educativo\\_cabo-verdiano\\_em\\_vigor](https://www.academia.edu/1741846/Lei_de_Bases_do_Sistema_Educativo_cabo-verdiano_em_vigor) [consultado a 18 de janeiro de 2017].

Cabo Verde (1999). *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Lei nº 113/V/99, de 18 de outubro.

Cabo Verde (2009). Portugal apetrecha bibliotecas de Cabo Verde, in *A Semana*, 04/02/2009. Disponível em: <http://www.asemana.publ.cv/spip.php?ak=1&lang=pt> [Consultado a 10 de setembro de 2016].

Cabo verde (2010). *Lei de Bases do Sistema Educativo*, in *Boletim Oficial*, I Série, nº 17, Decreto-legislativo nº2/2010, de 7 de Maio, Art.º 79: Recursos materiais. Disponível em: [https://www.academia.edu/1741846/Lei\\_de\\_Bases\\_do\\_Sistema\\_Educativo\\_cabo-verdiano\\_em\\_vigor](https://www.academia.edu/1741846/Lei_de_Bases_do_Sistema_Educativo_cabo-verdiano_em_vigor) [consultado a 08 de junho de 2017].

Cabo Verde (2018). Decreto Legislativo nº 13/2018, in *Boletim Oficial* de 7 de dezembro de 2018, I Série, número 80, pp. 1934-1953.

Instituto Nacional de Estatística (2016). "Curiosidades estatísticas sobre o Município", Disponível em: <file:///C:/Users/Utilizador/Desktop/Dados%20Boavista.pdf> [consultado a 15 de fevereiro de 2018].

Instituto Nacional de Estatística (2019). "Acesso e utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação". Disponível em: <http://ine.cv/wp-content/uploads/2019/07/imc-2018-estatisticas-das-tics-final.pdf> [consultado a 11 de janeiro de 2020].

Calenge, Bertrand (1999). Conduire une politique documentaire. In *Bulletin des bibliothèques de France (BBF)*, nº 3, p. 126-127. Disponível em:

<http://bbf.enssib.fr/consulter/bbf-1999-03-0126-004> [consultado a 02 de fevereiro de 2019].

Carvalho, M<sup>a</sup> Adriana Sousa (2007). *A construção Social do Discurso Educativo em Cabo Verde (1911-26), Um Contributo para a História da Educação*, Estudos e Pesquisas, Instituto da Biblioteca e do Livro, Praia.

Carvalho, M<sup>a</sup> Adriana Sousa (2011). *O Liceu em Cabo Verde, Um Imperativo de Cidadania (1917-1975)*, Coleção Memória & Património, Edições Uni-CV, Praia.

Correia, Cláudia (2015). *Presença dos Judeus em Cabo Verde. Inventariação da Documentação do Arquivo Nacional de Cabo Verde (1840-1927)*, Arquivo Nacional de Cabo Verde, Coleção Estudos e Pesquisas. Praia.

Costa, Alexandre de Souza *et alii.* (2013) O uso do método estudo de caso na Ciência da Informação no Brasil, *InCID*, Ribeirão Preto, v.4, nº1, pp.49-69, Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/59101/62099> [consultado a 10 de maio de 2017].

Cruz, Zelinda F. B. (2012). *Projetos de leitura a LeR+, transversalidade curricular e trabalho colaborativo: uma análise na educação pré-escolar, no ensino básico e secundário*. Dissertação de mestrado. Universidade Aberta. Disponível em: [https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4385/1/TMGIBE\\_ZelindaBai%C3%A3o.pdf](https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4385/1/TMGIBE_ZelindaBai%C3%A3o.pdf) [consultado a 26 de maio de 2017].

Furtado, João Paulo Mendes (2008). *Evolução da Educação em Cabo Verde antes e depois da independência*. Trabalho Científico apresentado no Instituto Superior de Educação para a obtenção do grau de Bacharelato em Supervisão Pedagógica, sob a orientação do Dr. João Gomes Cardoso. Disponível em: <http://portaldokonhecimento.gov.cv/bitstream/10961/2688/1/Mono%20Jo%C3%A3o.pdf> [consultado a 23 de fevereiro de 2018].

Henri, James e Boyd, Suzette (2002). Teacher librarian influence: Principal and teacher librarian. *in School Libraries Worldwide*; Jul 2002; vol.8, nº 2, 1-17. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/252327969\\_Teacher\\_Librarian\\_Influence\\_Principal\\_and\\_Teacher\\_Librarian\\_Perspectives](https://www.researchgate.net/publication/252327969_Teacher_Librarian_Influence_Principal_and_Teacher_Librarian_Perspectives) [consultado a 23 de maio de 2017]

IASL (1993). *Policy Statement On School Libraries*. Disponível em: [https://elearning.uab.pt/file.php/5770/IASL\\_POLICY\\_STATEMENT\\_ON\\_SCHOOL\\_LIBRARIES.docx](https://elearning.uab.pt/file.php/5770/IASL_POLICY_STATEMENT_ON_SCHOOL_LIBRARIES.docx) [consultado a 21 de janeiro de 2017].

IFLA/UNESCO (1999). *Manifesto da Biblioteca Escolar*. Federação Internacional de Associações de Bibliotecários e Bibliotecas: Secção de Bibliotecas Escolares e Centros de Recursos *A Biblioteca Escolar no Ensino-Aprendizagem para todos*. Disponível em: [https://elearning.uab.pt/file.php/5770/IFLA\\_UNESCO\\_SL\\_Manifesto\\_1999.pdf](https://elearning.uab.pt/file.php/5770/IFLA_UNESCO_SL_Manifesto_1999.pdf) [consultado a 21 de janeiro de 2017].

IFLA (2006). *Diretrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares*, Tradução em Língua Portuguesa por Maria José Vitorino, Vila Franca de Xira. Disponível em: [www.rbe.min-edu.pt/np4/346.html](http://www.rbe.min-edu.pt/np4/346.html) [consultado em 10 de abril de 2017]

Kasper, Josef E. (1987). *Ilha da Boa Vista, Cabo Verde*, Estudos e Ensaios, Instituto Cabo-verdiano do Livro, Fundação Suíça da Cooperação para o Desenvolvimento no quadro do Projecto Integrado de Desenvolvimento da Boa Vista, Lisboa.

Kassel, Amelia (1999). "How to Write a Marketing Plan", in *Marketing Library Services*, vol. 13, nº5, June 1999, (1-6). March 12-14, 2003, Washington Hilton & Towers, Washington, DC. Disponível em: <http://www.infotoday.com/mls/jun99/how-to.html> [consultado a 23 de maio de 2017].

Lima, António Germano (2002). *Boa Vista, Ilha da Morna e do Landú*, Instituto Superior de Educação, Praia.

Lima, António Germano (2017). *Boa Vista, História, Economia, Sociedade e Cultura*, Pedro Cardoso Livraria, s/l.

Lopes, Humberto Elísio (1999). Bibliotecas em Cabo Verde, in *Páginas a&b, Arquivos e Bibliotecas* (3), pp 59-65; Disponível em: <http://ojs.letras.up.pt/index.php/paginasueb/article/view/82> [consultado a 11 de janeiro de 2020].

Massísimo, Angels e Sanchez de Boado (2002). "Evaluación de Colecciones en las Bibliotecas Universitarias (I). Métodos Basados en el Estudio de la Colección", in *Anales de Documentación*, Facultat de Biblioteconomia i Documentació. Universitat de Barcelona, Barcelona, N.º 5, pp.245-272. Disponível em: [http://elearning.uab.pt/file.php/6643/2009\\_2010/Avaliacao\\_de\\_colecoes\\_universitarias.pdf](http://elearning.uab.pt/file.php/6643/2009_2010/Avaliacao_de_colecoes_universitarias.pdf) [consultado a 27 de maio de 2017].

Ministério da Educação (2017). *Cabo Verde. Estatísticas do Ano Letivo 2016/17*, Ministério da Educação, Direção Geral do Planeamento, Orçamento e Gestão, Serviço de Estratégia, Planeamento e Cooperação, Praia. Disponível em: <https://app.box.com/s/b1nw47lv47va3kigdr6p69pbxahdrmxk> [consultado a 15 de fevereiro de 2018].

Montiel-Overall, Patricia (2005). Toward a theory of collaboration for teachers and librarians, in *American Library Association*. Disponível em: [http://www.ala.org/aas/sites/ala.org.aas/files/content/aaspubsandjournals/slr/vol4/SLMR\\_CollaborativeCulture\\_V4.pdf](http://www.ala.org/aas/sites/ala.org.aas/files/content/aaspubsandjournals/slr/vol4/SLMR_CollaborativeCulture_V4.pdf) [consultado a 18 de janeiro de 2017].

Nadais, Inês (2018). Quando ler custa quase um quinto do salário mínimo nacional, in *Público*, 23/04/2018, Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/04/23/culturaipilon/noticia/selfies-na-livraria-e-outras-justicas-poeticas-da-literatura-caboverdiana-1811283> [Consultado a 7 de maio de 2018].

Neves, Baltazar Sores (2017). *O Seminário-Liceu de São Nicolau, Contributo para a História do Ensino em Cabo Verde*, Fundação João Lopes, Praia

ONUBR (2015). Conheça os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Disponível em:

<https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/> [consultado a 17 de janeiro de 2017].

ONU Portugal (1948). Declaração Universal dos Direitos Humanos, in *Centro de Informações das Nações Unidas*, Artº26, 1, p.4. Disponível em: [https://www.fpce.up.pt/sae/pdfs/Decl\\_Univ\\_Direitos\\_Homem.pdf](https://www.fpce.up.pt/sae/pdfs/Decl_Univ_Direitos_Homem.pdf) [consultado a 22 de janeiro de 2017].

Osoimehin, Babatunde (2016). “Prefácio”, in *Relatório do UNFPA: «10 – Como Nosso Futuro Depende de Meninas nessa Idade Decisiva»*, Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/2016/11/relatorio-do-unfpa10-como-nosso-futuro-depender-de-meninas-nessa-idade-decisiva/> [consultado a 22 de janeiro de 2017].

Pessoa, Ana Maria (1994). *A Biblioteca Escolar, organização para uma pedagogia diferente do 1º Ciclo do Ensino Básico ao final do Ensino Secundário*, Campo da Educação, Coleção Campo das Letras, Porto.

Pereira, Ana M. G. F. (2015) *Subsídios para a História da Educação em Cabo Verde, organização e funcionamento do sector dos primórdios à primeira república portuguesa*, Arquivo Nacional de Cabo Verde, Praia.

Pimentel, Fernando. “Processos de Cooperação e Colaboração”, publicado a 23 de agosto de 2009 in *Educação Online by Fernando Pimentel*. Disponível em: <https://fernandospimentel.blogspot.com/search/label/Mapa%20Conceitual> [consultado a 4 de fevereiro de 2017].

PORDATA, INE, FUNDAÇÃO MANUEL DOS SANTOS (2011). Taxa de analfabetismo segundo os Censos: total e por sexo, in *Base de Dados de Portugal Contemporâneo*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Portugal/Taxa+de+analfabetismo+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo-2517> [consultado a 23 de janeiro de 2017].

Portugal, Ministério da Educação (s/d). “Breve evolução histórica do sistema educativo”, in *Sistema Educativo Nacional de Portugal*, OEI – Ministério Da Educação De Portugal, (pp. 18, 20, 21, 26). Disponível em: <file:///C:/Users/Utilizador/Downloads/historia.pdf> [consultado a 21 de janeiro de 2017].

Portugal, Ministério da Educação (1986), (1997). *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Lei nº46/86, de 14 de outubro, com alterações introduzidas na Lei nº115/97 de 19 de setembro. Disponível em:

[https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/lei\\_bases\\_do\\_sistema\\_educativo\\_46%20/86.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/lei_bases_do_sistema_educativo_46%20/86.pdf). [consultado a 20 de janeiro de 2017].

Portugal, Ministério da Educação (2000). *Bibliotecas Escolares. Instalações e Organização do Espaço*. Direcção Geral da Administração Educativa, 2ª edição, Lisboa.

Portugal (2009). Portaria 755/2009, de 14 de julho. *Diário da República*, 1.ª série, n.º 134. Disponível em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/492424/details/maximized> [consultado a 13 de janeiro de 2020].

Portugal (2019). *Plano Nacional de Leitura*. Disponível em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/> [consultado a 11 de janeiro de 2020].

Poslaniec, Christian (2006). *Incentivar o Prazer de Ler. Actividades de Leitura para Jovens*. Asa Editores, Porto.

Póvoa, Maria Clara de Oliveira (2008). *A arte de esculpir a coleção: o desbaste*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta, Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/1376?locale=en> [consultado a 1 de maio de 2017].

Rodrigues, Claudia (coord.)(2007). *Cabo Verde e a CEDAW, Relatório à Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres e Documentos Conexos*, Instituto Cabo-Verdiano para a Igualdade e Equidade de Género, Fundos e Programas das Nações Unidas, Praia.

Small, Ruth (2001). Developing a Collaborative Culture, in *School Library Media Research*, Research Journal of the AASL. Disponível em: <http://elearning.uab.pt/file.php/5770/colaborar.pdf> [consultado a 20 de janeiro de 2017].

Small, Ruth (2002). Collaboration: Where does it begin?, in *Teacher Librarian* (pp.1-6). Disponível em: <http://elearning.uab.pt/file.php/5770/CollaborationRSmall.pdf> [consultado a 20 de janeiro de 2017].

Thurler, Monica Gather (1996). «Innovation et coopération: liens et limites», in *Systèmes scolaires et pilotages de l'innovation: émergence et implantation du changement*, Bruxelles (pp.145-168) Disponível em: <http://www.unige.ch/fapse/SSE/teachers/gather-thurler/Textes/Textes-1996/MGT-1996-03.html> [consultado a 22 de janeiro de 2017].

Trigueiros, Maria Santos (2010). *Ensino/Aprendizagem da Língua Inglesa em Cabo Verde, Um Contributo para a História da Educação no Arquipélago*, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, Estudos e Pesquisas, Praia.

Tuckman, Bruce W. (2012). *Manual de Investigação em Educação, Metodologia para conceber e realizar o Processo de Investigação Científica*, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação e Bolsas, 4ª edição actualizada, Lisboa.

UE – PARLAMENTO EUROPEU (2015). Todas as mulheres e raparigas têm direito à educação. Onde quer que vivam, in *Europa EU, Ano Europeu do Desenvolvimento*, 06/03/2015. Disponível em:

<https://europa.eu/eyd2015/pt-pt/eu-european-parliament/posts/every-girl-and-woman-has-righteducation> [consultado a 20 de janeiro de 2017].

UNESCO, (1990). *Declaração Mundial sobre Educação Para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem*, Jomtien. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf> [consultado a 22 de janeiro de 2017].

UNESCO, (2000). *Educação Para Todos: O Compromisso de Dakar*, Fórum Mundial de Educação, Dakar, Senegal, 26-28 de abril, 2ª edição. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001275/127509porb.pdf> [consultado a 22 de janeiro de 2017].

UNESCO, (2015). *Relatório de Monitoramento Global de Educação Para Todos 2015, Educação Para Todos 2000-2015, Progressos e Desafios*. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002325/232565por.pdf> [consultado a 20 de janeiro de 2017].

UNFPA, (2016). *10 – Como Nosso Futuro Depende de Meninas nessa Idade Decisiva*.

Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/2016/11/relatorio-do-unfpa-10-como-nosso-futuro-depender-de-meninasnessa-idade-decisiva/> [consultado a 22 de janeiro de 2017].

Veiga, Isabel (coord.) (1996) *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*, Ministério da Educação, Lisboa. Disponível em:

[http://elearning.uab.pt/file.php/5770/Lancar\\_a\\_RBE.pdf](http://elearning.uab.pt/file.php/5770/Lancar_a_RBE.pdf) [consultado a 21 de janeiro de 2017].

Vieira, Arlindo Mendes (2012). *Reformas Curriculares em Cabo Verde*. Tese de Doutoramento em Desenvolvimento Curricular em Ciências da Educação. Universidade do Minho. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/266051034\\_REFORMAS\\_CURRICULARES\\_EM\\_CABO\\_VERDE](https://www.researchgate.net/publication/266051034_REFORMAS_CURRICULARES_EM_CABO_VERDE) [consultado a 23 de fevereiro de 2018].

## VIDEOS

CABO VERDE (2018). Protocolo sobre Dinamização de Bibliotecas Escolares: MEFIS, MCIC e Instituto Camões assinam protocolo para dinamização das bibliotecas escolares, in *Jornal da Noite*, 30 de janeiro de 2018. Disponível em:

[http://www.tcv.cv/index.php?paginas=47&id\\_cod=65364](http://www.tcv.cv/index.php?paginas=47&id_cod=65364) [consultado a 07 de maio de 2018].

TVisão Video historico Dia da Independência de Cabo Verde (2007). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=pCuLF458\\_gs](https://www.youtube.com/watch?v=pCuLF458_gs) [consultado a 8 de fevereiro de 2017].

## ANEXO 1: MATRIZ DO QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

SECÇÃO		OBJETIVO	QUESTÃO	OPÇÕES
1	Apresentação	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Apresentação do autor do estudo;</li> <li>▪ Explicação do âmbito do questionário;</li> <li>▪ Explanação do objetivo do questionário.</li> </ul>		
2	A. Caracterização	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar a idade dos inquiridos;</li> </ul>	Qual a sua idade?	entre 20 e 25 anos entre 26 e 35 anos entre 36 e 45 anos mais de 46 anos
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar a distribuição de professores quanto ao sexo;</li> </ul>	Sexo	M F
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Caracterizar as disciplinas que lecionam os professores;</li> </ul>	Disciplina (s) que leciona	Questão aberta
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Identificar os níveis de ensino que lecionam os professores;</li> </ul>	Níveis de ensino que leciona	5º, 7º, 8º, 9º, 10º, 11º, 12º outra opção
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber há quanto tempo cada professor leciona na escola em estudo;</li> </ul>	Há quanto tempo leciona nesta escola?	há menos de 1 ano; entre 1 e 5 anos; entre 5 e 10 anos; há mais de 10 anos;
3	B. Gestão e organização da Biblioteca	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber se os inquiridos conhecem alguma Biblioteca Escolar;</li> </ul>	1. Conhece alguma Biblioteca Escolar?	Sim Não
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber se conhece o espaço da Biblioteca da ESBV;</li> </ul>	2. Conhece o espaço da Biblioteca da ESBV?	Sim Não
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Verificar se os inquiridos já usaram a Biblioteca da ESBV;</li> </ul>	3. Já usou a Biblioteca da ESBV?	Sim Não
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Interrogar os inquiridos sobre se acham que a Biblioteca funciona;</li> </ul>	4. Considera que a Biblioteca funciona adequadamente?	Sim Não
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Solicitar que escolham a opção que mostra os motivos do seu não funcionamento;</li> </ul>	4.1. Se respondeu afirmativamente, qual o motivo para que não funcione?	falta de empenho da direção; falta de empenho dos professores; falta de salas na escola; falta de acervos adequados a uma biblioteca falta de 1 Bibliotecário outra opção

		OBJETIVO	QUESTÃO	OPÇÕES
3		<ul style="list-style-type: none"> <li>Questionar sobre os materiais de suporte escrito que gostaria de encontrar na Biblioteca da escola;</li> </ul>	5. Que tipo de materiais de suporte escrito gostaria de ter ao seu dispor na Biblioteca da escola?	Livros de histórias
				Livros de BD
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Saber que materiais lúdicos gostaria de ver disponibilizados na Biblioteca;</li> </ul>	6. Que materiais lúdicos acha que a Biblioteca pode disponibilizar?	Enciclopédias
				Dicionários/Gramáticas
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Saber a opinião dos inquiridos sobre qual o Horário que consideram mais adequado à Biblioteca;</li> </ul>	7. Qual seria o horário de funcionamento mais adequado à Biblioteca?	Manuais escolares
Jornais/Revistas				
<ul style="list-style-type: none"> <li>Saber junto dos inquiridos qual o seria o melhor período de funcionamento semanal;</li> </ul>	8. Quanto a si a Biblioteca serviria melhor a comunidade educativa se funcionasse:	Outra opção		
		de 2ª a 6ª feira		
4	C. Dinamização da Biblioteca Escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>Questionar sobre o modelo de implementação da Biblioteca no que tange os recursos humanos;</li> </ul>	9. Como acha que deva ser feita a implementação da Biblioteca?  Organização da mesma por:	de 2ª a sábado
				outra opção
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Solicitar que os inquiridos selecionem as atividades lúdicas que consideram mais pertinentes na BE;</li> </ul>	10. Que atividades lúdicas considera mais importantes que a Biblioteca possa disponibilizar aos alunos?	Organização da mesma por um professor responsável e um grupo de colaboradores;
				Organização da mesma por todos os professores interessados em colaborar;
		<ul style="list-style-type: none"> <li>Solicitar que os inquiridos selecionem as atividades didáticas que consideram mais pertinentes na BE;</li> </ul>	11. Que atividades didáticas julga fundamentais que uma Biblioteca permita aos alunos?	Contratação de um Bibliotecário que trabalhe em colaboração com os professores
Outra opção				
				Ler
				Jogar
				Ver um filme
				Ouvir música
				Conviver/conversar com outros colegas
				Requisitar livros ou outros materiais para casa
				Fazer pesquisas na Internet
				Estudar em grupo
				Fazer os trabalhos de casa
				Participar em atividades extracurriculares

SECÇÃO	OBJETIVO	QUESTÃO	OPÇÕES		
4	c. Dinamização da Biblioteca Escolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>Saber que atividades os professores gostariam de desenvolver com os seus alunos na Biblioteca;</li> </ul>	12. Que atividade gostaria de desenvolver com os seus alunos na Biblioteca da escola?	Sessões de contos Apresentação de livros/Encontros com escritores Clubes de leitura Concursos Feiras do livro Discussão em grupo sobre temas do interesse da comunidade educativa Exposições temáticas Grupos de estudo Outra opção	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>Verificar a disponibilidade dos inquiridos para colaborarem na equipa da Biblioteca Escolar;</li> </ul>	13. Qual a sua disponibilidade para fazer parte da equipa da Biblioteca Escolar?	
			<ul style="list-style-type: none"> <li>Dar oportunidade a que os inquiridos respondam livremente à questão sobre como a Biblioteca poderia ser melhor;</li> </ul>	14. Complete a frase: A Biblioteca seria melhor se...	Questão aberta
			<ul style="list-style-type: none"> <li>Dar oportunidade a que os inquiridos respondam livremente à questão sobre como usaria melhor a Biblioteca;</li> </ul>	15. Complete a frase: Eu usaria melhor a Biblioteca da escola se...	Questão aberta
			<ul style="list-style-type: none"> <li>Dar oportunidade a que os inquiridos deixem os seus comentários e opiniões sobre a Biblioteca da escola.</li> </ul>	16. Espaço para outros comentários e opiniões que ache pertinentes acerca da Biblioteca da escola.	Questão aberta
5	Mensagem de agradecimento aos participantes do questionário.				

## ANEXO 2: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

PERGUNTAS

RESPOSTAS

51

Secção 1 de 5



# QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES SOBRE A BIBLIOTECA DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA BOA VISTA

Olá! Eu sou Helena Margarida Duarte e estou a realizar este questionário no âmbito do trabalho de Dissertação de Mestrado com o tema: "A Biblioteca Escolar em Cabo Verde: Uma proposta a partir da escola secundária da Boa Vista". O objetivo do questionário é recolher subsídios tanto de professores como de alunos sobre a nossa Biblioteca.

### O Bibliotecário



Após a secção 1 Continuar para a secção seguinte

## A. Caracterização

As perguntas que se seguem pretendem fazer uma caracterização dos inquiridos

Qual a sua idade? \*

- entre 20 e 25 anos
- entre 26 e 35 anos
- entre 36 e 45 anos
- mais de 46 anos

---

Sexo 

- M
- F

Disciplina (s) que leciona \*

Texto de resposta curta

---

Níveis de ensino que leciona \*

- 5º ano
- 7º ano
- 8º ano
- 9º ano
- 10º ano
- 11º ano
- 12º ano
- Outra opção...

Há quanto tempo leciona nesta escola? \*

- há menos de 1 ano
- entre 1 e 5 anos
- entre 5 e 10 anos
- há mais de 10 anos

Após a secção 2 Continuar para a secção seguinte

Secção 3 de 5



## B. Gestão e organização da Biblioteca

As perguntas que se seguem são sobre a Biblioteca da escola secundária da Boa Vista

1. Conhece alguma Biblioteca Escolar? \*

- Sim
- Não

2. Conhece o espaço da Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista? \*

Sim

Não

3. Já usou a Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista \*

Sim

Não

4. Considera que a Biblioteca funciona adequadamente? \*

1. Sim

2. Não

4.1. Se respondeu negativamente qual o motivo para que não funcione? \*

falta de empenho da direção

falta de empenho dos professores

falta de salas na escola

falta de acervos adequados a uma biblioteca

falta de um Bibliotecário

Outra opção...

5. Que tipo de materiais de suporte escrito gostaria de ter ao seu dispor na Biblioteca da escola? \*

- Livros de histórias
- Livros de Banda Desenhada
- Enciclopédias
- Dicionários/Gramáticas
- Manuais escolares
- Jornais/Revistas
- Outra opção...

6. Que materiais lúdicos acha que a Biblioteca poderia disponibilizar? \*

- DVD's didáticos
- DVD's de filmes
- CD's de música
- Jogos de tabuleiro (xadrez, damas, uril)
- Playstation
- Outra opção...

7. Qual seria o horário de funcionamento mais adequado à Biblioteca? \*

- 8h -12h / 14h - 18h
- 8h - 18h (sem hora de almoço)
- Outra opção...

8. Quanto a si a Biblioteca serviria melhor a comunidade educativa se funcionasse: \*

- de 2ª a 6ª feira
- de 2ª a sábado
- Outra opção...

9. Como acha que deva ser feita a implementação da Biblioteca? \*

- Organização da mesma por um professor responsável e um grupo de professores colaboradores
- Organização da mesma por todos os professores interessados em colaborar
- Contratação de um Bibliotecário que trabalhe em colaboração com os professores
- Outra opção...

Após a secção 3 [Continuar para a secção seguinte](#)

Secção 4 de 5



## Dinamização da Biblioteca Escolar

Descrição (opcional)

10. Que atividades lúdicas considera mais importantes que a Biblioteca possa disponibilizar aos alunos? \*

- Ler
- Jogar
- Ver um filme
- Ouvir música
- Conviver/conversar com outros colegas

11. Que atividades didáticas julga fundamentais que uma Biblioteca permita aos alunos? \*

- Requisitar livros ou outros materiais para casa
- Fazer pesquisas na internet
- Estudar em grupo ou realizar trabalhos
- Fazer os trabalhos de casa
- Participar em atividades extracurriculares

12. Que atividades gostaria de desenvolver com os seus alunos na Biblioteca da escola? \*

- Sessões de contos
- Apresentação de livros/Encontros com escritores
- Clubes de leitura
- Concursos
- Feiras do livro
- Discussão em grupo sobre temas do interesse da comunidade educativa
- Exposições temáticas
- Grupos de estudo
- Outra opção...

13. Qual a sua disponibilidade para fazer parte da equipa da Biblioteca Escolar? \*

- Total disponibilidade
- Disponibilidade de acordo com o meu horário
- Nenhuma disponibilidade

14. Complete a frase: A Biblioteca seria melhor se... \*

Texto de resposta longa

15. Complete a frase: Eu usaria melhor a Biblioteca da escola se ... \*

Texto de resposta longa

16. Espaço para outros comentários e opiniões que ache pertinentes acerca da Biblioteca da escola \*

Texto de resposta longa

Após a secção 4 Continuar para a secção seguinte

Secção 5 de 5



Título da secção (opcional)

Obrigada pela sua colaboração.

### ANEXO 3: RESULTADOS DO QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES SOBRE A BIBLIOTECA DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA BOA VISTA

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES SOBRE A BIBLIOTECA

Todas as alterações foram guardadas no Drive

PERGUNTAS RESPOSTAS 51

51 respostas

RESUMO PERGUNTA INDIVIDUAL

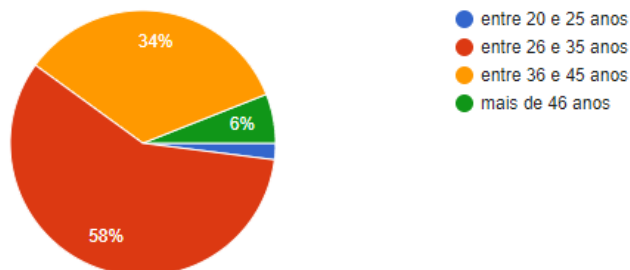
Aceitar respostas

Estatísticas

#### A. Caracterização

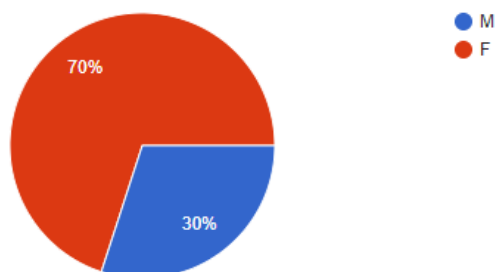
##### Qual a sua idade?

50 respostas



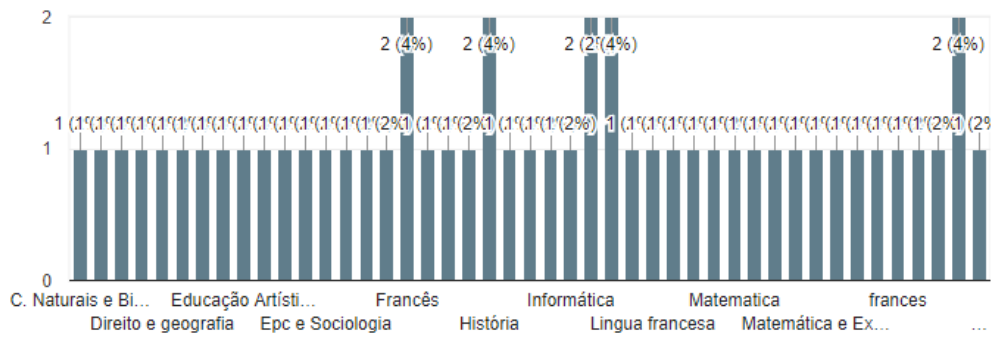
##### Sexo

50 respostas



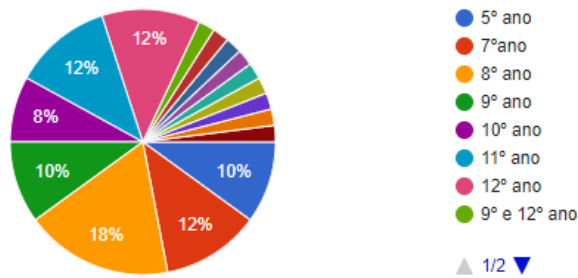
### Disciplina (s) que leciona

50 respostas



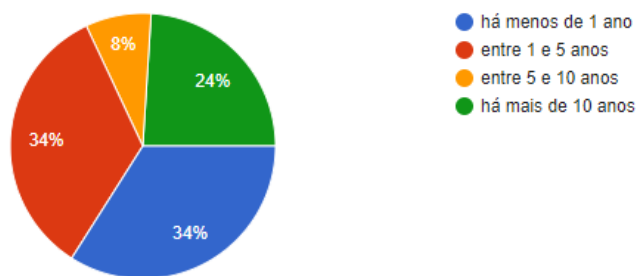
### Níveis de ensino que leciona

50 respostas



### Há quanto tempo leciona nesta escola?

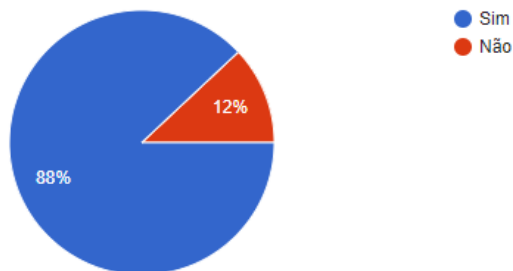
50 respostas



## B. Gestão e organização da Biblioteca

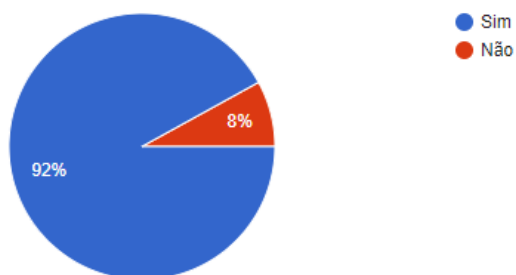
### 1. Conhece alguma Biblioteca Escolar?

50 respostas



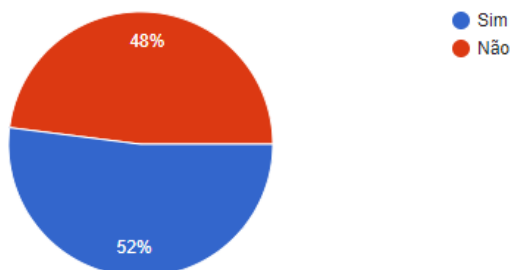
### 2. Conhece o espaço da Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista?

50 respostas



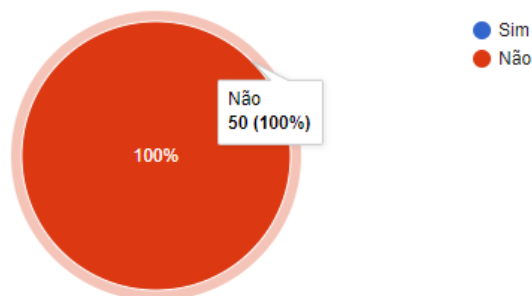
### 3. Já usou a Biblioteca da Escola Secundária da Boa Vista

50 respostas



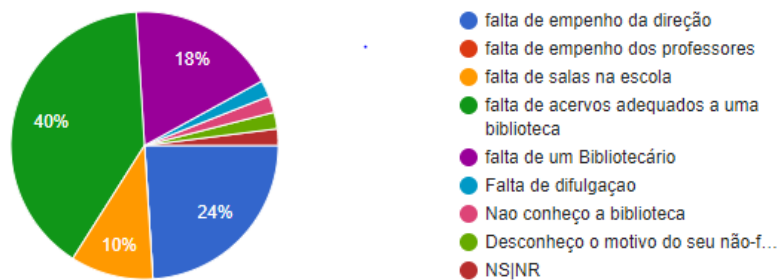
#### 4. Considera que a Biblioteca funciona adequadamente?

50 respostas



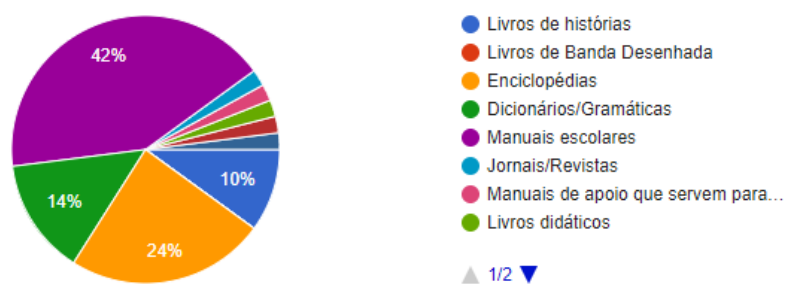
#### 4.1. Se respondeu negativamente qual o motivo para que não funcione?

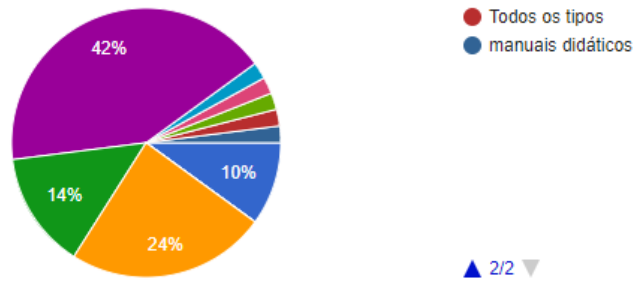
50 respostas



#### 5. Que tipo de materiais de suporte escrito gostaria de ter ao seu dispor na Biblioteca da escola?

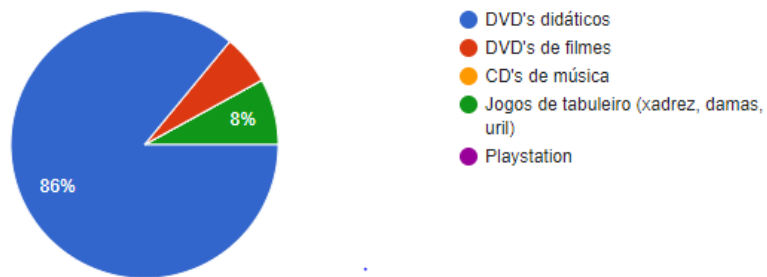
50 respostas





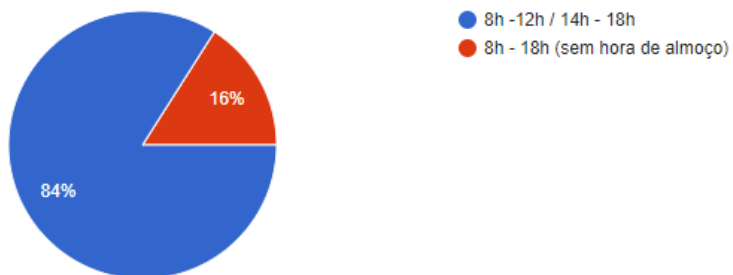
### 6. Que materiais lúdicos acha que a Biblioteca poderia disponibilizar?

50 respostas



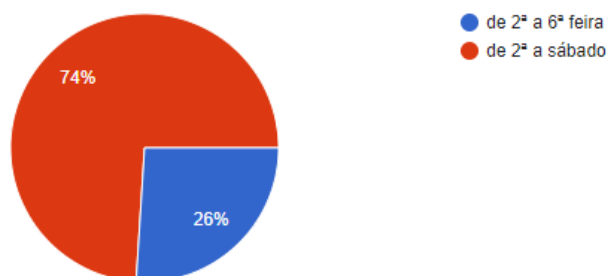
### 7. Qual seria o horário de funcionamento mais adequado à Biblioteca?

50 respostas



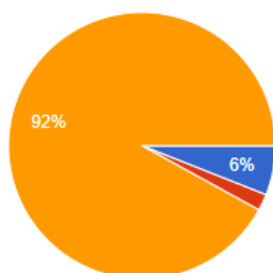
### 8. Quanto a si a Biblioteca serviria melhor a comunidade educativa se funcionasse:

50 respostas



## 9. Como acha que deva ser feita a implementação da Biblioteca?

50 respostas

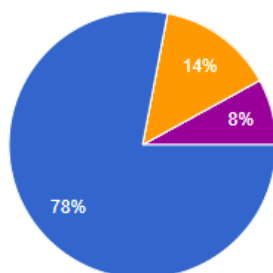


- Organização da mesma por um professor responsável e um grupo de professores colaboradores
- Organização da mesma por todos os professores interessados em colaborar
- Contratação de um Bibliotecário que trabalhe em colaboração com os professores

## Dinamização da Biblioteca Escolar

## 10. Que atividades lúdicas considera mais importantes que a Biblioteca possa disponibilizar aos alunos?

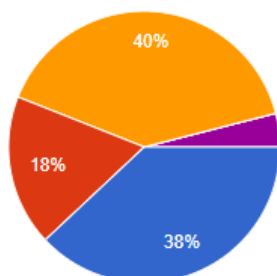
50 respostas



- Ler
- Jogar
- Ver um filme
- Ouvir música
- Conviver/conversar com outros colegas

## 11. Que atividades didáticas julga fundamentais que uma Biblioteca permita aos alunos?

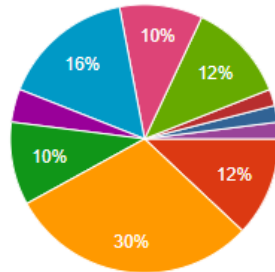
50 respostas



- Requisitar livros ou outros materiais para casa
- Fazer pesquisas na internet
- Estudar em grupo ou realizar trabalhos
- Fazer os trabalhos de casa
- Participar em atividades extracurriculares

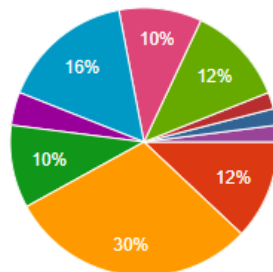
## 12. Que atividades gostaria de desenvolver com os seus alunos na Biblioteca da escola?

50 respostas



- Sessões de contos
- Apresentação de livros/Encontros c...
- Clubes de leitura
- Concursos
- Feiras do livro
- Discussão em grupo sobre temas d...
- Exposições temáticas
- Grupos de estudo

▲ 1/2 ▼

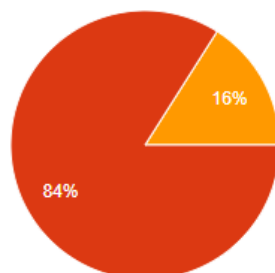


- Todos os anteriores
- no clube de leitura, gostaria que a biblioteca disponibilizasse de uma sala para trabalharem também a escuta, trabalhar a fonética, para as aulas de línguas.
- ensinar os alunos trabalhar nos software matemáticos

▲ 2/2 ▼

## 13. Qual a sua disponibilidade para fazer parte da equipa da Biblioteca Escolar?

50 respostas



- Total disponibilidade
- Disponibilidade de acordo com o meu horário
- Nenhuma disponibilidade

## 14. Complete a frase: A Biblioteca seria melhor se...

50 respostas

Funcionasse (2)
Todos colaborassem (2)
tivesse mais livros
Se todos se interessassem em apoiar
Houvesse alguém, independente da direção, que fosse responsável pelo espaço.
Se tivesse uma melhor organização.
Todos os alunos e professores tivessem acesso a livros que lhes no seu processo de aprendizagem e ensino.
Tivesse um acervo adequado, computadores disponíveis para realização de pesquisas e trabalhos, um bibliotecário responsável pela sua gestão e um horário de funcionamento estabelecido.
Fosse criada com todos os pré-requisitos para tal. Com pessoal formado na área respeitando as regras para o seu bom uso.
Fosse utilizada de forma adequada, ou seja, como biblioteca e se tivesse condições próprias de uma biblioteca escolar.
Tivesse livros de todas as disciplinas
Diversificasse as suas atividades
implementassem uma política de gestão da mesma diferente, com a presença de um Bibliotecário e um grupo de professores colaboradores.
tivesse um (a) bibliotecário (a) disponível ao serviço da mesma, e mais materiais didáticos, principalmente no que desrespeita a oralidade, para as aulas de línguas.
O espaço estivesse melhor organizado
funcionasse com um bibliotecário e com um horário de funcional
Todos nos contribuimos
Fosse mais dinamismo.
Todos ajudassem.
Funcionasse como tal.
fosse organizada e tivesse um bom acervo

os alunos tivessem mais interesse pela leitura e os professores os incentivassem a isto e tb se tivesse livros em condições.

Funcionava

funcionasse com todas as condições necessárias.

Houvesse livros mais recentes

Se tiver um responsável tempo inteiro

todos se empenhassem

tivesse um bibliotecário e acervos bibliográficos adequados.

Tivesse mais livros

Tivesses mais livros

Fosse utilizada adequadamente

tivesse todos os requisitos necessarios que uma biblioteca possa exigir e ter.

Servisse para reforçar a aprendizagem.

Cada um contribuisse

fosse criada as condições necessárias para o seu funcionamento.

Tivesse um bibliotecario

Tivesse um bibliotecário responsável para organizar os acervos da biblioteca.

Fosse uma realidade

Fosse bem equipada

estivesse equipada de modo a apoiar professores e alunos.

Tivesse equipamentos adequados ( mobiliario, livros e equipamentos lúdicos), um bibliotecário a tempo inteiro

Tivesse um bibliotecário

Fosse uma biblioteca moderna

Tivesse uma bibliotecária e mais livros.

toda a comunidade educativa se empenhasse e se juntasse para que todos possam beneficiar da mesma

NS|NR

Se tinha leitores para frequentar a biblioteca.

Tivesse a colaboração de toda a comunidade escolar.

## 15. Complete a frase: Eu usaria melhor a Biblioteca da escola se ...

50 respostas

ela estivesse organizada
Tivesse materiais didáticos interessantes e correspondesse às demandas da globalização
Houvessem meios no local.
Houvesse melhores condições. ..
Funciona-se
Funcionasse
realmente funcionasse.
Ela existisse com todas as comdicoes que uma biblioteca exige
Estivesse organizada e tivesse bons livros que eu pudesse consultar.
Tivesse espaço suficiente para receber todos os meus alunos pelo menos uma vez pir semana.
Teria mais coisas sobre a disciplina que leciono
ela funcionasse adequadamente com acervos adequados a uma biblioteca e se tivesse mais e melhores livros didáticos que auxiliam os professores no desempenho das suas funções.
tivesse melhores condições.
Tivesse ligação a Internet para realização de trabalhos e pesquisas.
se tivesse disponibilidade de acordo com o meu horário e a biblioteca funcionasse em boas condições
Essa teria mais matérias d apoio
Tivesse livros interessantes.
Tivesse mais livros escolares.
Tivesse livros
Ela disponibilizasse a utilização das TIC.
tivesse livros que colmatassem as minhas necessidades
tivesse livros que me interessassem e tb outros materiais didáticos interessantes.

Se tivesse livros para os anos que lecciona  
tivéssemos uma.  
Houvesse um bibliotecário  
Para fazer trabalhos de pesquisa  
estivesse minimamente equipada  
tivesse materiais didáticos interessantes.  
Oferecia mais instrumentos de pesquisa  
Tivesse acesso a internet  
Ela tivesse condições  
se realmente houvesse uma biblioteca na escola  
Tivesse uma boa organização.  
Soubesse aonde fica

houvesse materiais didáticos audiovisuais e a internet.  
Tivesse menos tempos letivos  
Tivesse melhores condições: enciclopédias, computadores, jogos didáticos, internet.  
E uma maior organização dos acervos da biblioteca.  
Existise  
Estivesse numa sala mais a vista e calma  
Tivesse livros  
o meu horário fosse compatível com o da biblioteca  
Funcionasse com materiais modernos  
Se tiver todos equipamentos  
Tivesse todas as condições  
Tivesse bons manuais .  
Tivesse mais livros

fosse colocado ao dispor dos professores e demais interessados, um espaço aberto ao debate de temas relacionados com o micro-espaço da comunidade educativa, bem como outros temas extra-comunidade educativa mas, aos quais, está intrinsecamente ligada e que condicionam o seu (in)sucesso  
NS|NR  
Se tinha mais livros.  
Tivesse um bibliotecário e uma melhor organização.

## 16. Espaço para outros comentários e opiniões que ache pertinentes acerca da Biblioteca da escola

50 respostas

É urgente a organização e implementação da Biblioteca da escola

...

É de extrema importancia que a mesma comece a funcionar verdadeiramente.

Precisa de ser reestruturado...

De imprescindível utilidade

Devemos fazer de tudo para pôr em funcionamento a nossa biblioteca.

A biblioteca da escola só pode fazer sentido se primeiramente tiver um horário de funcionamento,depois vem os materiais, livros escolares documentários e filmes, jornais e revistas, computadores que são os materias básicos para o estudo e pesquisa, e ainda, apostar nas obras clássicas de alguns escritores para contribuir para a formação e cultura do aluno.

Precisamos urgentemente de uma biblioteca

Uma biblioteca escolar tem de oferecer condições necessárias onde o aluno possa fazer as suas pesquisas, em livros ou internet, fazer os trabalhos de grupo e estudar. Infelizmente não é o caso da nossa biblioteca. Falta materiais, organização e alguem responsável.

A biblioteca deveria ser um espaço mais amplo.

Enriquecer com mais livros e materiais didáticos

Acho que, em relação à biblioteca da escola, um primeiro aspeto que se devem repensar tem a ver sua localização.

Apostar num espaço para trabalhos de grupos e uma sala reservada para praticas orais, para as aulas das línguas, francesa e inglesa e os possíveis materiais necessário para a mesma.

Organização

Penso que a Direcao da Escola deve envidar esforços para contratar um bibliotecário a fim de que a mesma possa funcionar para o sucesso da aprendizagem dos nossos alunos.

Ter uma ou mais pessoas de apoia na mesma

Deve ser uma espaço de encontros e desenvolvimento intelectual

A biblioteca devia ser mais organizada e com mais atrações para os alunos.

Espaço ideal para pesquisas

A biblioteca precisa estar novamente disponivel para os alunos e professores equipada com todos os recursos materiais (possiveis)didaticos pertinentes e um bibliotecário para auxiliar na gestao da mesma.

Precisa de ser um espaço organizado e atractivo que possa atrair e manter a atenção dos alunos

Creio que a escola pública e minedu tb poderia fazer alguma coisa para apetrechar melhor a nossa biblioteca de forma que podesse servir a toda comunidade educativa em perfeitas condições.

Deve ter computadores para os alunos digitalizar os trabalhos de grupos a um preço simbolico

A minha escola tem uma biblioteca que não funciona. O espaço é utilizado como sala de aula. Acho que uma biblioteca na escola séria extremamente importante para a comunidade educativa, principalmente para os alunos que aproveitariam o espaço para estudar, fazer pesquisas e tambem para criarem hábitos de leitura.

Deveria se arranjar mais livros, e cartão de requisição de livros

Falta de mubiliaro para fazer funcionar a biblioteca

o espaço devia ser maior e mais bem aproveitado. também usar materiais reciclados para equipar melhor o espaço

A Escola Secundária da Boa Vista tem um espaço reservado para a biblioteca que é uma sala mais ou menos ampla mas que não funciona como tal por falta de acervo bibliográfico e também de um bibliotecário. Existem ali alguns livros mas estes são insuficientes. Acho que devia existir ali pelo menos 3 exemplares dos manuais escolares que nós usamos no dia a dia, dicionários, prontuários etc e não existe.É uma biblioteca pouco atrativa.

A escola deveria dar mais atenção á biblioteca, deveria oferecer aos alunos mais instrumentos de estudos.

Reorganizar

Apetrechar a biblioteca com materiais adequados e que o colocassem em funcionamento

na minha opiniao a biblioteca em funcioanamento minimizava as indisciplinas dos alunos e melhorava o aproveitamento dos mesmos.

Estabeecer regras de funcionamento.

Tem que fazer mais difulgação da sua existencia

Que seja um espaço para desenvolver atividades atrativas com os nossos alunos.

Melhoras condicoes para o funcionamento da biblioteca

A biblioteca da escola além de ser um espaço de estudos, pode promover leituras através de concursos, praticar jogos didácticos e exhibir filmes educativos .

Nenhuma

Que fosse o mais breve possível a abertura da biblioteca da escola

Local de Convivio

A biblioteca deve funcionar como biblioteca e não com sala de aula

A nossa biblioteca precisa de uma reforma geral tanto relativo ao espaço, mobiliário e acervos

Clube de leitura

Deverá ser um espaço de aquisição de conhecimento

Precisa realizar atividades diversas que são atrativas tanto para os alunos como para os professores ;  
Precisa de um bom bibliotecário;  
Precisa ter bons manuais;

Precisa dar acesso a todos para estudarem

Deve ser um espaço aberto à liberdade criativa nas suas diferentes vertentes

NS|NR

Nesta biblioteca deveria ter outras actividades ludicas, de modo a chamar atenção que ali è uma biblioteca.

A biblioteca da escola tem que estar sempre atualizada em termos de materiais e recursos didáticos que disponibiliza a sua comunidade.

#### ANEXO 4: IMAGENS DA BIBLIOTECA DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA BOA VISTA (ANTES)



**ANEXO 5: IMAGENS DA BIBLIOTECA DA ESCOLA SECUNDÁRIA DA BOA VISTA  
(ATUALMENTE)**



# 1ª feira do livro usado

## QUANDO

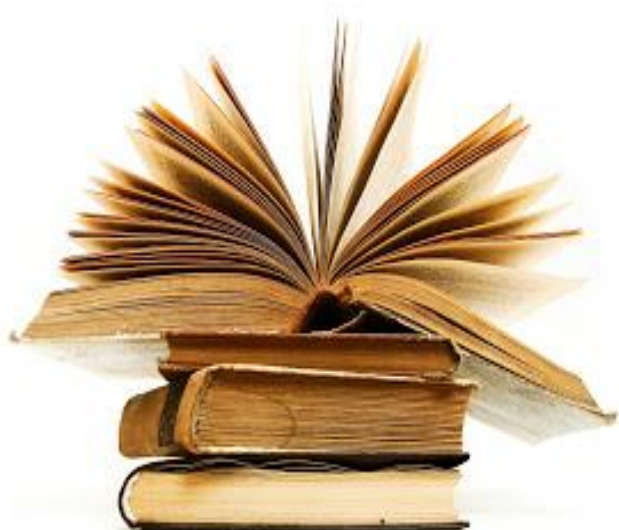
18 de outubro 2018

9h30-11h30

15h30-17h30

## ONDE

pátio da Escola Secundária da Boa Vista



EVENTO PARA  
TODAS AS IDADES

## COM

Grupo Disciplinar de  
Língua Portuguesa

Comissão de  
Informação, Cultura  
e Desporto

Comissão de  
Finalistas de 12º  
ano, 2018/19

## PREÇO DOS LIVROS

50\$00

## BENEFICIÁRIOS

Alunos  
Professores  
Comunidade Escolar

